

# **A casa islâmica como linguagem do *ser* – (des)continuidades**

Projetos de habitação premiados pelo prémio Aga Khan para arquitetura

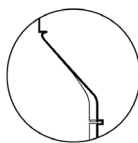
FAUP

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Ano letivo 2015/2016

Desenvolvida por Maria Mendonça Guerra de Azevedo Seara

Sob orientação do Professor Doutor Marco Ginoulhiac



**U. PORTO**  
FACULDADE DE ARQUITECTURA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

A presente dissertação foi escrita segundo o novo acordo ortográfico.  
O sistema de referência utilizado foi o *manual de estilo de Chicago*, sendo que todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas para Português.

## Agradecimento

*"É tão bom quando gostamos das nossas obrigações",* disse-me uma vez o Professor Doutor Marco Ginoulhiac.

A Ele, que aceitou fazer parte deste processo entusiasmante, inclusive quando a dissertação ainda não tinha tema definido, agradeço a disponibilidade.

Torna-se incontornável referir toda a simpatia que tornaram as discussões sobre o trabalho interessantes e prazerosas conversas.





*"Um pai vale mais do que uma centena de mestres-escola" (George Herbert)*  
Aos meus – que me ensinaram o *essencial* –, os melhores do Mundo.



# Resumo

A presente dissertação constitui uma tentativa de aproximação à habitação islâmica. Considera-se pertinente a análise desta arquitetura, tão perto e, simultaneamente, tão distante de nós.

Assim, a investigação incide sobre a casa islâmica tradicional e contemporânea, culminando numa procura de (des)continuidades.

O estudo em causa incide nas questões tipológicas que dizem respeito à habitação e ambiciona compreender como esta linguagem reflete o Homem. Para tal, é necessário analisar o tecido físico e ideológico em que estas casas se inserem.

Relativamente à casa tradicional, procura-se absorver as características comuns a diferentes épocas e regiões do Islão. Como paradigma da casa contemporânea, recorre-se aos projetos de habitações premiados pelo notável prémio Aga Khan para arquitetura, nomeadamente nas categorias residências privadas e complexos habitacionais.

Palavras-chave:

*Islamismo; Islão; arquitetura islâmica; habitação; linguagem arquitectónica; casa como linguagem; casa islâmica; prémio Aga Khan para arquitetura*



# Abstract

The purpose of this dissertation is an attempt to approach the Islamic housing. It is considered appropriate to examine this architecture so close but at the same time so far away from us.

Thus, the research focuses on traditional and contemporary Islamic houses, culminating in a demand for (dis)continuities.

The study centers around typological issues of the house and aims to understand how this language reflects Mankind. For this it is necessary to analyse the physical and ideological fabric in which these homes are located.

Concerning the traditional house, one seeks to absorb the common characteristics spanning different times and lands of Islam. As a paradigm of the contemporary home, one resorts to the housing projects awarded by the notable Aga Khan Award for Architecture, taking into account the categories of private residences and housing complexes.

Keywords:

*Islam; Muslim religion; Islamic architecture; housing; architectural language; home and language; Islamic home; Aga Khan Award for Architecture*



# Sumário

Introdução	15
<b>1. A casa como linguagem do ser</b>	<b>19</b>
<b>2. O prémio Aga Khan para arquitetura</b>	<b>23</b>
2.1 Residências privadas	29
<i>Halawa House</i>	30
<i>Ertegün House</i>	32
<i>Nail Çakirhan Residence</i>	34
<i>Gürel Family Summer Residence</i>	36
<i>Salinger Residence</i>	38
<i>B2 House</i>	40
2.2 Complexos habitacionais	43
<i>Courtyard Houses</i>	44
<i>Hafsia Quarter I</i>	46
<i>Dar Lamane Housing</i>	48
<i>Hafsia Quarter II</i>	50
<i>Aranya Community Housing</i>	52
<b>3. O Islamismo</b>	<b>55</b>
<b>4. A arquitetura Islâmica</b>	<b>69</b>
<b>5. A casa islâmica – tradicional versus contemporâneo</b>	<b>73</b>
5.1 Tecido físico	75
5.1.1 Cidade	78
5.1.2 Sustentabilidade	84
5.2 Tecido ideológico	94
5.2.1 Simplicidade	96
5.2.2 Introversão	100
5.2.3 Segregação por Género	104
5.2.4 Público-Privado	109
<b>6. (Des)continuidades</b>	<b>123</b>
Considerações finais	131
Referências bibliográficas	135
Créditos iconográficos	143





*“A crença no significado da arquitetura reside na noção de que, para o melhor e para o pior, em lugares diferentes somos pessoas diferentes e na convicção de que a tarefa da arquitetura é fazer-nos ver quem podíamos idealmente ser.”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 14.



## Introdução

*“Viajar é como prova de fogo, individual ou colectivamente. Cada um de nós esquece à partida um saco cheio de preocupações, aborrecimentos, stress, tédio, preconceitos. Simultaneamente perdemos um mundo de pequenas comodidades e os encantos perversos de rotina.”<sup>2</sup>*

A presente dissertação constitui uma *viagem* ao mundo islâmico, realidade *outra*, apelo vivo à nossa curiosidade de eternos *viajantes*.

Despoletada pela memória de uma viagem a Marrocos realizada em 2010, “sem mapa e com uma absurda sensação de descobridor”<sup>3</sup>, pretende contribuir para a descodificação de parte do mistério de uma realidade *estrangeira*. Por trás das “intuições estão experiências, viagens, contactos, estudos que são tão extensos que passam a ser material do subconsciente, que aflora quando é necessário.”<sup>4</sup> Fazem parte deste património imaterial as viagens realizados a outros países islâmicos como Omã e os Emirados Árabes Unidos.

A análise tem como objeto de estudo a casa islâmica, incidindo a dissertação sobre a habitação nos países maioritariamente habitados por muçulmanos. A opção pela casa como objeto de estudo deve-se à sua potencial significância enquanto *locus* privilegiado do *ser*, expresso no seu carácter intimista, revelador de uma forma de sentir e estar. “Em toda a arquitetura há uma dimensão religiosa. O espaço que utilizamos para a casa (...) é sagrado, de enorme

---

<sup>2</sup> Siza Vieira. 1997. “Desenhos de viagem”, em *Esquissos do Douro*. (Porto: ICEP, 1997), 13.

<sup>3</sup> Siza Vieira. 1997. “Desenhos de viagem”, em *Esquissos do Douro*. (Porto: ICEP, 1997), 13.

<sup>4</sup> Siza Vieira, “A matéria luminosa”, *Roof – An IN & OUT Magazine*. Março/Abril de 2016, 50.

importância.”<sup>5</sup> Assim, esta investigação debruça-se sobre a casa tradicional e contemporânea.

Partindo do pressuposto consensual que existe um núcleo transversal de características formais inerentes à casa islâmica tradicional, pretende-se identificá-las e desocultar o(s) seu(s) sentido(s). Face à dificuldade de assumir como modelo um conjunto de habitações tradicionais que possa ser referenciada como paradigma, dada a amplitude temporal e abrangência territorial da casa tradicional, opta-se por identificar a unidade que subsistiu na diversidade.

Relativamente à casa islâmica contemporânea, como referência paradigmática, recorre-se às habitações premiadas pelo prêmio *Aga Khan* para arquitetura dado o seu reconhecimento a nível mundial. Este é um prémio que galardoa arquitetura islâmica, sendo esta a arquitetura construída pelos muçulmanos, para muçulmanos ou num país muçulmano, ou em lugares que os muçulmanos tenham a oportunidade de expressar a sua cultura. (Oleg Grabar 1994) A invocação destas obras contemporâneas é feita em simultâneo com a análise da casa tradicional de forma a explorar, de uma forma mais inteligível, o(s) modo(s) como a casa se redesenha. Para tal, é essencial uma prévia e breve incursão pelo mundo islâmico e arquitetura muçulmana. Isto porque, sendo a arquitetura uma linguagem, entronca e expressa a cultura de que é produto(r). “Os símbolos referem-se apenas indiretamente a uma realidade física e contudo mostram indiretamente uma realidade mental, pensada, imaginada, feita de significados e de sentidos onde habitam os humanos.”<sup>6</sup> Dado que “construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar”<sup>7</sup>, a procura da(s)

---

<sup>5</sup> Siza Vieira entrevistado por Miguel Carvalho, “O dia em que Siza Vieira voltou a rezar o terço”, *Visão*, 12 a 18 de Maio de 2015, 52.

<sup>6</sup> Fernando Savater, *As perguntas da vida* (Alfragide: Dom Quixote, 1999), 111.

<sup>7</sup> Martin Heidegger, *Ensaio e conferências* (Petrópolis: Editora Vozes, 2010),

mundividência(s) subjacente(s) é transversal a todo o trabalho.

A análise da casa tradicional e contemporânea serve de base à problematização sobre a permanências e rupturas. O enfoque em determinadas características das casas resulta da exigência de seleção e adequação pertinente ao estudo, que se desenvolve a partir da análise dos pressupostos físicos e ideológicos, destacados enquanto constituintes intrínsecos e interdependentes. Sendo sempre a arquitetura uma transubstanciação dos nossos ideias num meio físico, o estudo incide neste dois tecidos – material e imaterial. “Refletir o seu contexto cultural pode ser tão importante para a missão do edifício como a de corresponder à sua missão meteorológica.”<sup>8</sup>

O trabalho apoia a sua investigação essencialmente na pesquisa bibliográfica. Nela encontram-se publicações Aga Khan que dispõem de elementos gráficos – plantas, cortes, alçados, fotografias – dos projetos a analisar.

A problematização em torno das (des)continuidades é orientada por uma pluralidade de questões. Como é que a casa se alterou? Será que as mudanças ocorridas ao longo do tempo resultaram num novo tipo de casa? Como é que a tradição pode ser renovada de modo a integrar-se na contemporaneidade? Será o hipotético caráter aglutinador da religião suficiente para garantir a unidade destas características?

---

140.

<sup>8</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 248-250.



# 1. A casa como linguagem do *ser*

*“(...) o impulso arquitetural parece ligado a um anseio de comunicação e de comemoração, um desejo de nos declararmos ao mundo através de um registo diferente do das palavras, por meio da linguagem dos objetos, das cores e dos tijolos: uma ambição de que os outros saibam quem somos – e, ao mesmo tempo, de que não esqueçamos nós mesmos.”<sup>9</sup>*

A arquitetura enquanto linguagem pertence à exigência de enraizamento do *ser*. Isto porque não existe o Homem e a linguagem, *per se*. Esta, não sendo um instrumento neutro, expressa e estrutura o real. Pensamos à medida que falamos, ou seja, à medida que as palavras configuram o nosso pensar. “Afirma-se na *Brief über den Humanismus* que a linguagem é a ‘casa do ser’. (...) A linguagem é aí concebida como o elemento ou meio em que ocorre a experiência humana, ou seja, como condição da revelação dos entes.”<sup>10</sup> Analogamente, não habitamos porque construímos. Construímos à medida que habitamos. “Para Heidegger, a língua dum povo histórico transporta pois, em si, um horizonte hermenêutico, a partir do qual um povo pode compreender-se a si mesmo e compreender o mundo.”<sup>11</sup>

Se a linguagem é constituinte da essência humana, consequentemente, a arquitetura procura responder à questão *o que é o ser?* “A obra de arte é assim um dizer projetante e ou

<sup>9</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 139-140.

<sup>10</sup> Rui Sampaio da Silva, “A linguagem em *Ser e Tempo*: uma perspetiva crítica”, em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004), 379.

<sup>11</sup> Adelaide Pacheco, “Língua e História em Heidegger e Pascoaes”, em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004), 422.

um acontecer possibilitante. Um dizer que chama o indizível, um acontecer de possibilidade(s)."<sup>12</sup>

É, pois, na linguagem do habitar, indispensável ao pensamento de Heidegger<sup>13</sup> que, assumindo a linguagem arquitectónica como *o lugar do ser*<sup>14</sup>, se procura aceder à essência da realidade através da(s) linguagem(ns) utilizada(s), criação criadora do Homem. "Não existem homens e, além deles, *espaço*."<sup>15</sup> O Homem é aquele que habita e a casa expressa simultaneamente quem somos e quem pretendemos ser. A casa funciona como repositório dos nossos ideais.

"Uma obra de arte, tomada na sua essência, fala. E por isso é também tão importante que se escute o que tem para dizer. Ou seja, captar o que esta nesse 'dizer', o que está dito mas não está nas palavras."<sup>16</sup>

Heidegger diz-nos ainda que a arquitetura tem a capacidade de transformar o espaço em lugar. "A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial".<sup>17</sup> "As coisas

<sup>12</sup> Paulo Alexandre e Castro, "A ontopotencialidade da linguagem em Heidegger", em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004), 410.

<sup>13</sup> Martin Heidegger (1889-1976) foi um notável filósofo alemão. Foi um dos pensadores fundamentais do século XX, nomeadamente na recolocação do problema do Ser e pela refundação da Ontologia.

<sup>14</sup> conceito existencialista de Heidegger.

<sup>15</sup> Martin Heidegger, *Ensaaios e conferências* (Petrópolis: Editora Vozes, 2010), 136.

<sup>16</sup> Paulo Alexandre e Castro, "A ontopotencialidade da linguagem em Heidegger", em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004), 409.

<sup>17</sup> Martin Heidegger, *Ensaaios e conferências* (Petrópolis: Editora Vozes, 2010), 137.



construídas com autenticidade marcam a essência dando moradia a essa essência”<sup>18</sup> Uma obra está no lugar e é lugar.

Pretende-se evidenciar de que modo habitar constitui um evento que funda relações que existem na cultura e na história, ao mesmo tempo que é lugar onde a (re)construção do Homem – senhor da linguagem – ocorre.

“A abertura ao mundo dá-se precisamente pela linguagem, ou seja, quando a obra de arte fala, releva e ou institui um mundo e realiza o jogo do des-encoberto da verdade enquanto mostra”<sup>19</sup>

Sendo qualquer linguagem o habitat do Homem, a reflexão a desenvolver representará uma forma de estabelecer relações que são ontológicas: a arquitetura enquanto oportunidade aberta à existência – questão do *ser*. Trata-se de (re)colocar a linguagem ao seu nível fundacional. “Tão logo, (...) o homem *pensa* o desenraizamento, este deixa de ser uma miséria.”<sup>20</sup> Afinal, “construímos, tal como escrevemos, para manter um registo daquilo que nos interessa.”<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Martin Heidegger, *Ensaios e conferências* (Petrópolis: Editora Vozes, 2010), 138.

<sup>19</sup> Paulo Alexandre e Castro, “A ontopotencialidade da linguagem em Heidegger”, em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004), 410.

<sup>20</sup> Martin Heidegger, *Ensaios e conferências* (Petrópolis: Editora Vozes, 2010), 141.

<sup>21</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 136.



## 2. O prémio Aga Khan para arquitetura

*“Nos tempos conturbados em que vivemos, é importante lembrar, e honrar, a visão de uma sociedade pluralista. A tolerância, abertura e compreensão para com as culturas de outros povos, estruturas sociais, valores e crenças são agora essenciais para a sobrevivência de um mundo independente. O pluralismo não é mais simplesmente um ativo ou um pré-requisito para o progresso e desenvolvimento, é vital para a nossa existência.”<sup>22</sup>*



1

Aga Khan Award for Architecture – AKAA – é um prémio de arquitetura que tem como público alvo sociedades onde os muçulmanos tenham uma presença significativa. Pretende-se galardoar arquiteturas que atinjam níveis de excelência e representem e respondam às necessidades e aspirações das sociedades islâmicas contemporâneas, incentivando assim “a compreensão e conscientização da força e diversidade das tradições culturais muçulmanas.”<sup>23</sup>

Este prémio surge num período de um “impressionante caleidoscópio de estilos”, onde se assiste a uma onda de pluralismo e estilos exclusivos, indiferentes e dogmáticos onde a resposta à moda/imagem prevalece sobre a resposta às necessidades físicas e espirituais de quem é suposto servir.<sup>24</sup>

O prémio foi estabelecido em 1977 por Aga Khan IV<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> Aga Khan IV, discurso na cerimónia de inauguração dos jardins restaurados do túmulo de Humayun. Nova Deli, Índia, 15 Abril 2003 (AKDN), <http://www.akdn.org/Content/590/Ceremony-to-Inaugurate-the-Restored-Humayuns-Tomb-Gardens> (consultado a 25 de março de 2016).

<sup>23</sup> Renata Holod e Darl Rastorfer, ed., *Architecture and Community: Building in the Islamic World Today* (Nova Iorque: Aperture, 1983), 1.

<sup>24</sup> James Steele, “A tribute to Hassan Fathy” em *Architecture for a Changing World* (Londres: Academy Editions, 1992), 52.

<sup>25</sup> Aga Khan IV – Príncipe Karim Al Hussaini (Genebra, 1936). Aga Khan diz respeito a um título hereditário que representa o líder espiritual dos Muçulmanos Shia Ismaili, comunidade ismaelita. Ismaelismo é uma doutrina

Imagem 1 - Imagem do Aga Khan Award for Architecture. O desenho do logótipo baseia-se no nome de Alá escrito em escrita kufi ou cúfica, dominante no início do Islamismo

Numa entrevista<sup>26</sup>, Aga Khan argumenta que, quando se fala em arquitetura islâmica, “fala-se sobre a maneira que as pessoas de todo o Mundo que praticam a fé do Islão se expressam nos seus edifícios e no seu ambiente em geral. (...) Estes elementos da Fé são comuns a todos os povos do Islão. Eles devem fazer parte do pensamento de projeto de construção no mundo islâmico.”<sup>27</sup> De facto, ao criar o prêmio em causa, Aga Khan pretendia dar voz às sociedades muçulmanas, permitindo que estas “pudessem falar sobre si mesmos e livremente expressar as suas preocupações, os seus problemas, as suas aspirações e sonhos, bem como as suas falhas, os seus processos regressivos, as suas soluções erradas, as suas recusas, a sua violência. O Prêmio ouve com atenção estas variadas expressões em mudança, sem impor juízos de valor, sem qualquer expressão de preferência sobre o outro, e sem adotar qualquer visão filosófica ou política que exclui as novas tendências e novas alternativas que estão a surgir em tantas sociedades.”<sup>28</sup>

Os objetivos deste galardão assentam no aumento da consciência pública em relação à cultura islâmica e, também, na criação de um fórum de investigação acerca da adequação da arquitetura contemporânea na diversificada comunidade de muçulmanos existente em todo o mundo, explorando novas formas, novas metodologias, novas concepções, religiosa do ramo do xiismo. Aga Khan IV é o 49º imã – líder religioso –, sucedendo ao seu avô Aga Khan III. Esta minoria muçulmana acredita ser liderada por um descendente direto do profeta Maomé. O líder religioso, licenciado em História islâmica pela Universidade de Harvard, tem como função regular a maioria dos aspetos da vida desta comunidade.

<sup>26</sup> *Middle-East Construction*, Agosto 1983, 14-15.

<sup>27</sup> Aga Khan IV em *Middle-East Construction*, Agosto 1983 citado por Sherban Cantacuzino, “Continuity and change: Architecture and development in the Islamic World” em *Architecture in Continuity: Building in Islamic World today* (Nova Iorque: Aperture, 1985), 18.

<sup>28</sup> Mohammed Arkoun, “Architectural alternatives in deteriorating” em *Architecture for a Changing World* (Londres: Academy Editions, 1992), 41.

novas ferramentas e, simultaneamente, dando um enorme contributo a nível da teoria da arquitetura islâmica.

A cerimónia de condecoração tem lugar em ciclos de três anos, tratando-se de um prémio monetário. Os vencedores incluem arquitetos, construtores profissionais, artesãos e clientes que sejam considerados responsáveis pela realização final de cada obra sendo que estas incluem projetos quer privados, quer públicos, desde a nível da promoção de tradições de construção local, reabilitação de tecidos urbanos e municípios rurais e, também, criação de novas linguagens arquitectónicas e modos de criação. O júri tem em consideração a evolução de cada projeto, tendo em consideração fatores sociais, económicos, ambientais e técnicas e problemas a que responde. Este conselho de jurados pretende-se diversificado, sendo selecionado de forma equilibrada entre arquitetos, humanistas e cientistas sociais, muçulmanos e não-muçulmanos, jovens e velhos, homens e mulheres.

O *Aga Khan Award for Architecture* insere-se no *Fundo Aga Khan para a Cultura – Aga Khan Trust for Culture* – que constitui um conjunto de iniciativas no âmbito da cultura, arquitetura, renovação urbana e música, promovendo a preservação e a promoção da herança material e espiritual das sociedades muçulmanas. Além do prémio em causa, são projetos deste fundo o *Programa de Apoio às Cidades Históricas* e o *Programa de Educação e Cultura*<sup>29</sup>.

*Aga Khan Trust for Culture* é uma das muitas agências que constitui a *Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (Aga Khan Development Network - AKDN)*. Este “é um grupo de instituições privadas, internacionais, não-confessionais,

---

<sup>29</sup> No Programa de Educação e Cultural insere-se, entre outros, o Programa Aga Khan para a Arquitetura Islâmica na Universidade de Harvard e no Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT), um arquivo visual de materiais sobre a temática – Archnet.org.

que operam no sentido de melhorar as condições de vida e o acesso a oportunidades de populações em algumas das regiões mais pobres do mundo em desenvolvimento.”<sup>30</sup> A esta rede Aga Khan dizem, também, respeito um grande número de empresas como centrais elétricas, companhias aéreas, farmacêuticas, bancos, seguradoras, cadeias de hotéis, entre outras. Parte destes lucros é assim aplicado nestas agências de apoio ao desenvolvimento. A comunidade ismaelita defende que o voluntariado realizado não se trata de caridade mas sim de “uma tradição milenar que existe desde a origem da comunidade e permitiu criar uma rede de organização exemplar.”<sup>31</sup>

A fundação atua em cerca de 30 países, a sua maioria em desenvolvimento. Estes encontram-se um pouco por todo o mundo, na América do Norte (Canadá e Estados Unidos da América), Europa (Bósnia e Herzegovina, Portugal<sup>32</sup>, Suíça e Reino Unido), África ocidental (Burkina Faso, Costa de Marfim, Mali), África central e oriental (República do Congo, Quênia, Madagáscar, Moçambique, Tanzânia e Zanzibar, Uganda),

<sup>30</sup> Aga Khan Development Network, <http://www.akdn.org/> (consultado a 1 de Abril de 2016).

<sup>31</sup> Faranaz Keshavjee citada por Joana Ferreira da Costa, “Ismailitas, a elite muçulmana da diplomacia e dos negócios que terá sede mundial em Lisboa”, Público online, 10/04/16 <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/ismailitas-a-elite-muculmana-da-diplomacia-e-dos-negocios-1728365> (consultado a 10 de Abril de 2016).

<sup>32</sup> A Fundação Aga Khan Portugal, oficialmente reconhecida em 1996, atua, principalmente, nas áreas de educação na infância, respostas à exclusão social e pobreza urbana. A fundação tem ainda um acordo com a Universidade Católica no sentido de promover uma compreensão e um entendimento das diferentes culturas e credos. A colaboração entre as duas entidades deve resultar em projetos de investigação e formação conjunta abordando questões relacionadas com a cultura, lei, religião, ética, ciências da saúde, educação e desenvolvimento humano. A comunidade portuguesa de fiéis conta com cerca de 8000 pessoas, sendo que 600 ajudam gratuitamente no centro Ismaili de Lisboa e na Fundação Aga Khan sediada no país.

Médio Oriente (Egito e Síria) e Sul da Ásia (Bangladesh, Índia e Paquistão) e Ásia Central (Afeganistão, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão).

O grupo emprega cerca de 80 000 pessoas e o seu orçamento anual é de aproximadamente US\$600 milhões, sendo os programas da AKDN organizados e disponibilizados independentemente da religião, origem e género. Esta rede atua na mais diversas áreas – cultura, economia, saúde, assistência humanitária, planeamento e desenvolvimento rural –, ganhando forma em diversos programas, serviços, atividades, prémios, academias, e fundações. É de notar as mais de 300 escolas, entre as quais duas universidades, e cerca de 325 instituições de saúde implementadas através desta rede de programas.

Deste modo e face à magnitude desta rede institucional, toma-se como referência as obras de habitação premiadas pelo prémio Aga Khan para arquitetura. Esta é uma distinção que condecora diferentes edifícios, entre os quais, equipamentos culturais, museus e espaços expositivos, hospitais, centros de saúde, escolas e bibliotecas, instalações hoteleiras, comerciais, industriais, religiosas, funerárias e de transportes, escritórios, habitação plurifamiliar, alojamento temporário, entre outros. As habitações em estudo dizem respeito aos projetos premiados na categoria *residências privadas*, sendo estes *Halawa House*, *Ertegün House*, *Nail Çakirhan Residence*, *Gürel Family Summer Residence*, *Salinger Residence*, *B2 House* e, na categoria *complexos habitacionais* onde o prémio foi atribuído a *Courtyard Houses*, *Hafsia Quarter I*, *Dar Lamane Housing*, *Hafsia Quarter II* e *Aranya Community Housing*. Optou-se por integrar esta última categoria na análise da casa islâmica, a par com as *residências privadas*, pois, apesar de nem todos os projetos dizerem respeito a unidades habitacionais unifamiliares –

objeto de estudo –, considera-se a sua análise enriquecedora, sobretudo ao nível de organização e dinâmica urbana.

A informação e documentação gráfica apresentada é a disponibilizada pelas publicações da fundação Aga Khan, tendo-se optado pela apresentação e preservação das plantas, cortes e alçados originais. Ressalve-se que os dados destes projetos apresentam linguagens de representação diferentes, sendo o número de documentos e seu nível de detalhe e pormenor díspar.

Segue-se uma exposição sumária dos projetos sendo estes, posteriormente, retomados e alvo de análise, em simultâneo com a casa tradicional.



## 2.1 Residências privadas

- Halawa House
- Ertegün House
- Nail Çakırhan Residence
- Gürel Family Summer Residence
- Salinger Residence
- B2 House



2

Imagem 2 - Localização das residências privadas

## Halawa House

Localização: Agami, Egito

Arquiteto: Abdel Wahed El-Wakil

Cliente: Esmat Ahmed Halawa

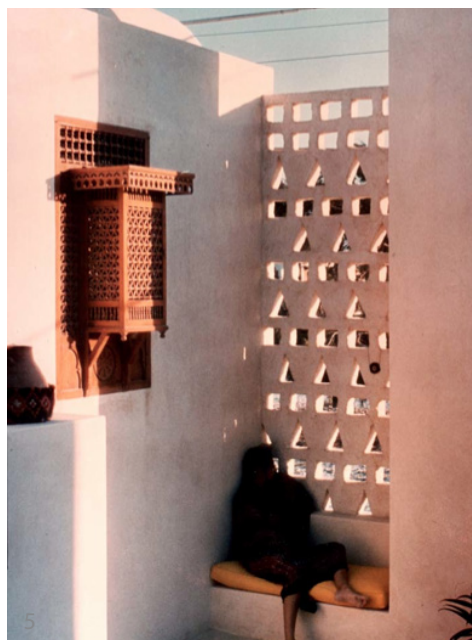
Projeto: 1972-1973

Construção: 1974-1975

Área do terreno: sem informação

Área construída: sem informação

Residência privada vencedora no ciclo AKAH em 1980



*Halawa House* é uma habitação de dois pisos, destinada a férias numa zona balnear. Situada num lote estreito, é um projeto que surge num contexto de congestionamento imobiliário. A casa, rodeada por estradas de três lados, orienta-se a norte, possibilitando receber a brisa do mar e usufruir da sua vista. Apresenta um pátio central bem como outros diferentes espaços de estar exteriores. A ligação entre os dois pisos é feita através de uma escadaria apresentada, também, no exterior, acessíveis através do pátio.

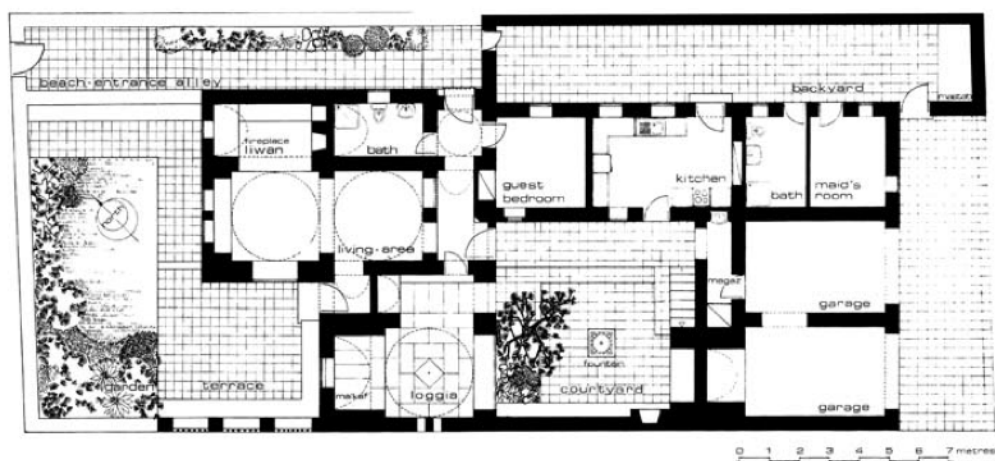
Imagem 3 - Halawa House. Exterior

Imagem 4 - Halawa House. Pátio

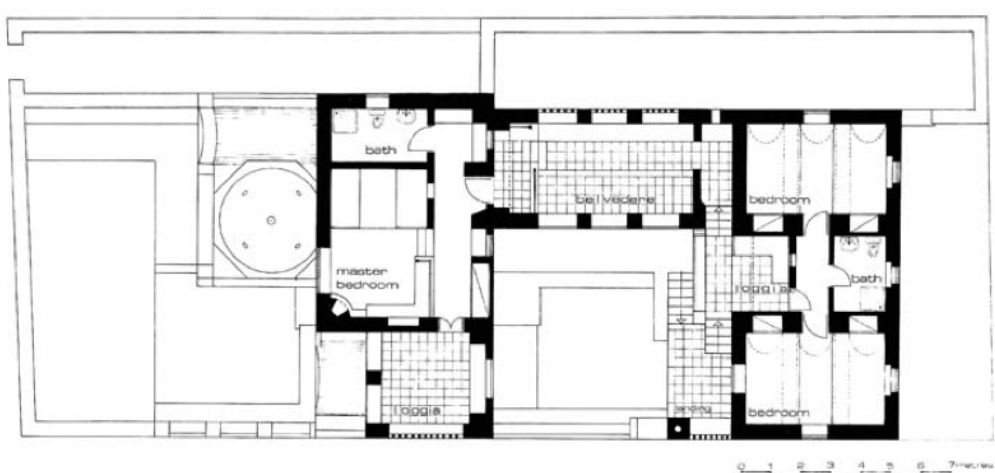
Imagem 5 - Halawa House. Zona de estar exterior

Imagem 6 - Halawa House. Localização

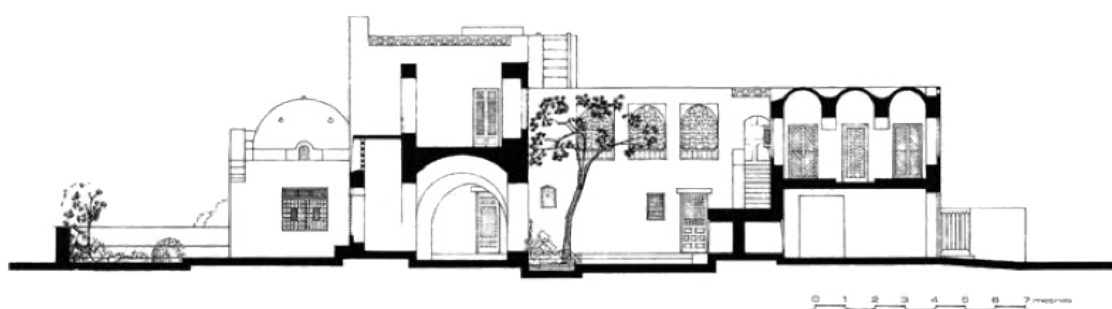
Imagem 8 - Halawa House. Exterior



8



9



10

Imagem 8 - Halawa House. Planta do piso térreo

Imagem 9 - Halawa House. Planta do primeiro piso

Imagem 10 - Halawa House. Corte-alçado



## Ertegün House



Localização: Bodrum, Turquia  
Arquiteto: Turgut Cansever  
Cliente: Ahmet e Mica Ertegun  
Projeto: 1971-1972  
Construção: 1972-1973  
Área do terreno: sem informação  
Área construída: cerca de 700m<sup>2</sup>  
Residência privada vencedora no ciclo AKAA em 1980



*Ertegün House* diz respeito a um projeto de reabilitação e expansão de uma casa com mais de 100 anos. Este edifício que se apresentava em ruínas, pertencente em tempos ao Aga local, apresenta dois andares, tendo, na zona central da entrada, apenas um piso. Esta é, agora, uma casa de férias que dispõe de um grande jardim. O alçado, frente ao mar, manteve a sua forma original. Existe uma distinção entre o novo e o velho existindo, no entanto, uma relação harmoniosa entre a nova linguagem e a existente.

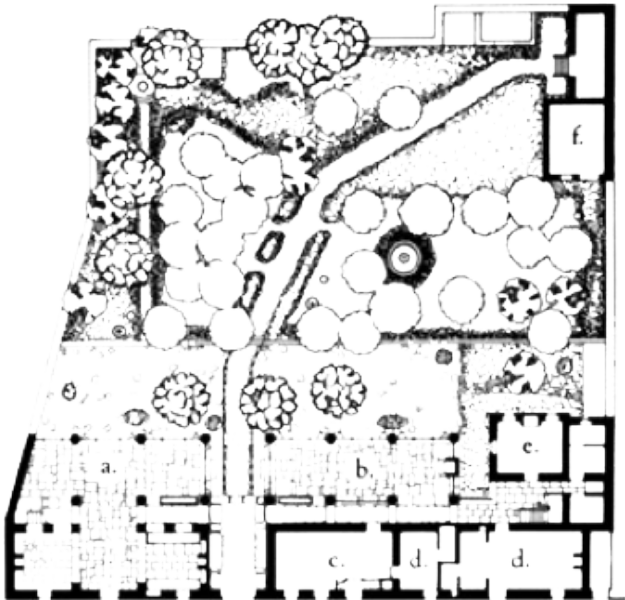
Imagem 11 - Ertegün House. Sala

Imagem 12 - Ertegün House. Sala

Imagem 13 - Ertegün House. Entrada

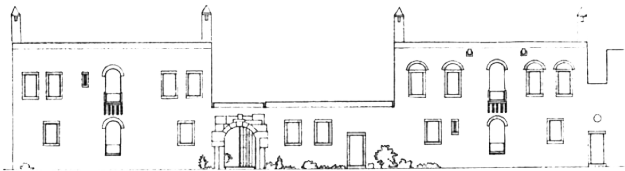
Imagem 14 - Ertegün House. Localização

Imagem 15 - Ertegün House. Exterior



- |            |             |
|------------|-------------|
| a. living  | d. bedroom  |
| b. dining  | e. study    |
| c. kitchen | f. gardener |
- 0 5 10m

16



17

Imagem 16 - Ertegün House. Planta piso  
térreo e planta primeiro piso  
Imagem 17 - Ertegün House. Alçado



## Nail Çakirhan Residence



Localização: Akyaka, Turquia

Desenhador: Nail Çakirhan

Cliente: Nail e Halet Çakirhan

Projeto: 1969-1970

Construção: 1970-1971

Área do terreno: 2000m<sup>2</sup>

Área construída: 195m<sup>2</sup>

Residência privada vencedora no ciclo AKA em 1983

21



20



22

*Nail Çakirhan Residence* é uma habitação que se destina a um casal que procurava um espaço sossegado. A habitação foi desenhada pelo proprietário, que curiosamente não era arquiteto. Esta foi a primeira de trinta casas projetadas pelo poeta e jornalista. O terreno, perto do mar, apresenta uma dependência que se destina ao caseiro. A entrada faz-se depois da passagem pelo alpendre que ocupa todo o alçado de receção.

Imagem 18 - N. Ç. Residence. Alpendre

Imagem 19 - N. Ç. Residence. Sala

Imagem 20 - N. Ç. Residence. Armário

Imagem 21 - N. Ç. Residence. Localização

Imagem 22 - N. Ç. Residence. Exterior

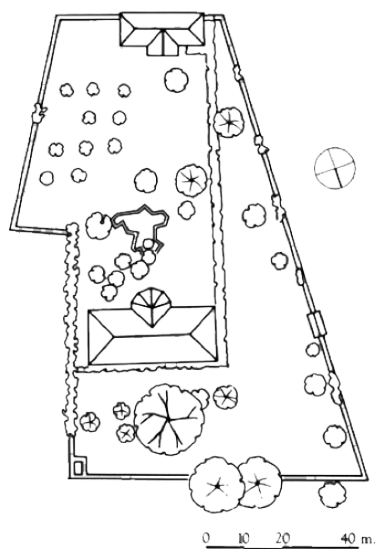
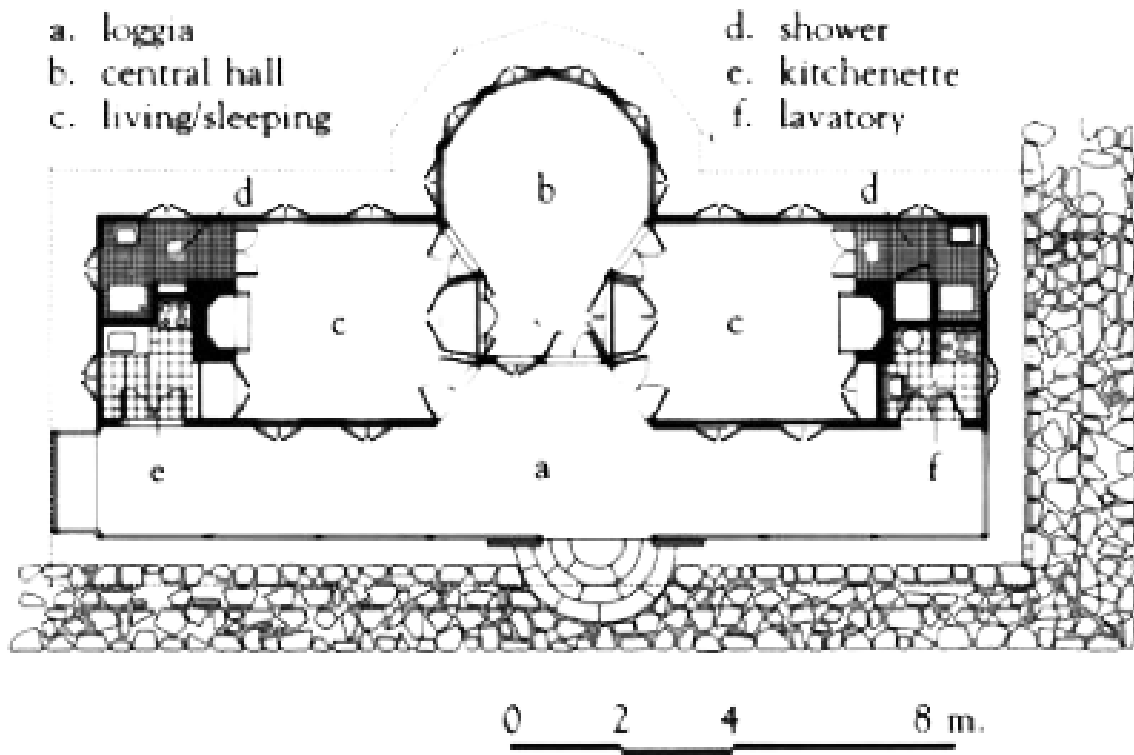


Imagem 23 - Nail Çakirhan Residence.  
Planta  
Imagem 24 - Nail Çakirhan Residence.  
Planta de implantação. Casa e casa do caseiro



## Gürel Family Summer Residence



Localização: Çanakkale, Turquia

Arquiteto: Sedat Gürel

Cliente: Güzin Gürel

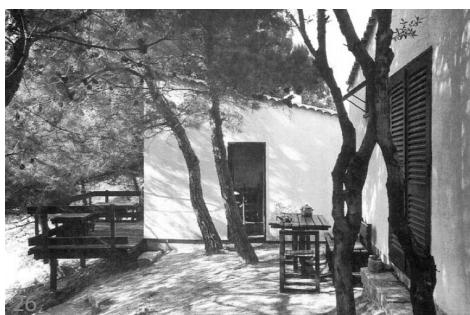
Projeto: 1968-1969

Construção: 1969-1971

Área do terreno: 1000m<sup>2</sup>

Área construída: 125,5 m<sup>2</sup>

Residência privada vencedora no ciclo AKA em 1989



*Gürel Family Summer Residence* é uma casa de férias projetada pelo arquiteto para sua própria fruição, da sua família e amigos. Apesar das áreas reduzidas, este espaço destina-se a cerca de onze pessoas. A habitação fragmenta-se em sete unidades dispostas num terreno inclinado com acesso à praia através de rampas e escadas naturais. A disposição destes volumes permite a criação de diferentes espaços de estar entre si.

Imagem 25 - G. F. S. Residence. Corredor de acesso

Imagem 26 - G. F. S. Residence. Varanda

Imagem 27 - G. F. S. Residence. Pátio

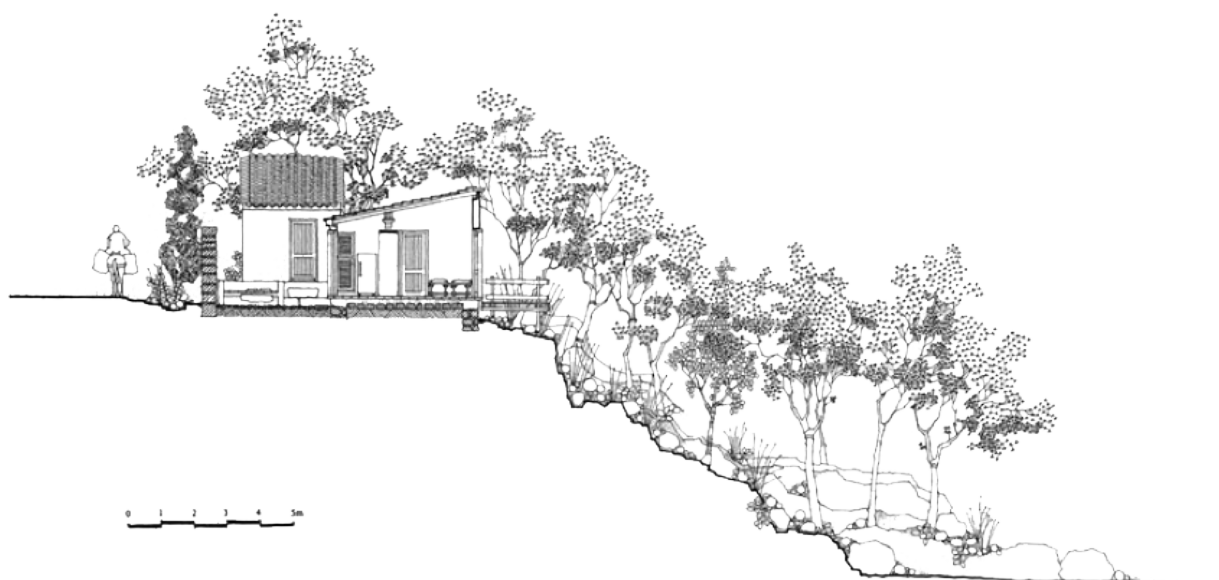
Imagem 28 - G. F. S. Residence. Localização

Imagem 29 - G. F. S. Residence. Exterior





30



31

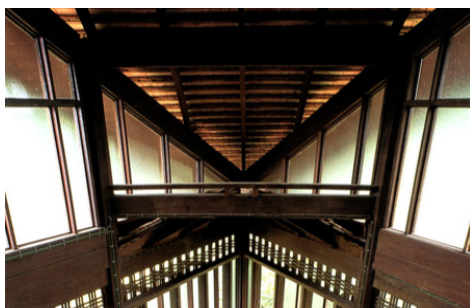
Imagem 30 - Gürel Family Summer Residence. Planta

Imagem 31 - Gürel Family Summer Residence. Corte-alçado

## Salinger Residence



Localização: Kajang, Selangor, Malásia  
Arquiteto: CSL Associates / Jimmy C.S. Lim  
Cliente: Rudin e Munira Salinger  
Projeto: 1985  
Construção: 1986-1992  
Área do terreno: 12140 m<sup>2</sup>  
Área construída: 289 m<sup>2</sup>  
Residência privada vencedora no ciclo AKAH em 1998



*Salinger Residence* é uma casa familiar, feita de madeira local sobre palafitas. O casal idealizou uma casa que expressasse a cultura local e a sua fé islâmica. A habitação divide-se em três pisos que se ligam verticalmente entre si e com o terreno através de um núcleo central de granito. A sua planta aberta apresenta uma forma triangular. Mais tarde, a casa tornou-se um centro local de atividades culturais.

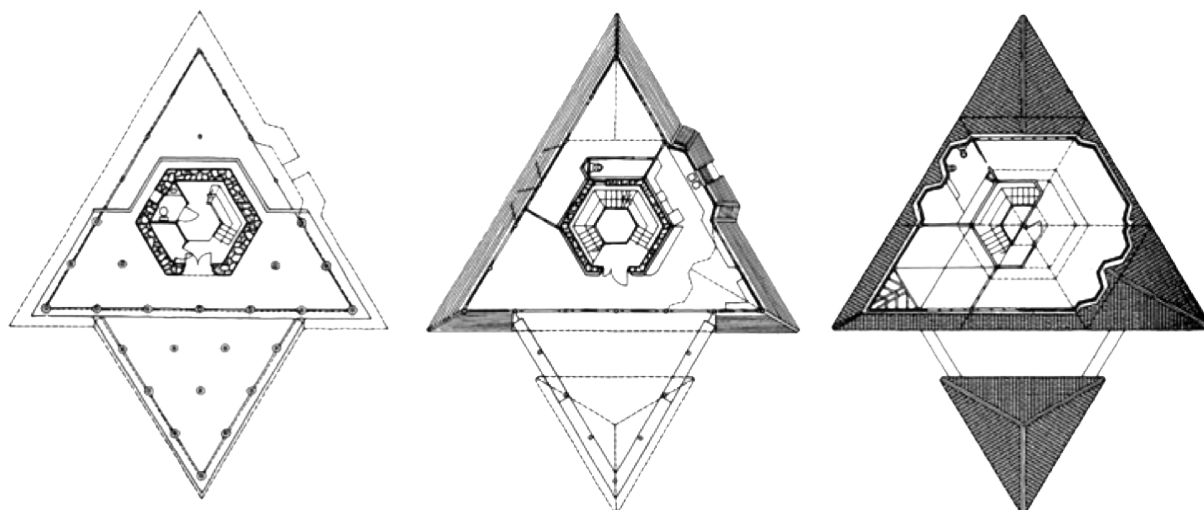
Imagem 32 - Salinger Residence. Varanda

Imagem 33 - Salinger Residence. Interior

Imagem 34 - Salinger Residence. Interior

Imagem 35 - Salinger Residence. Localização

Imagem 36 - Salinger Residence. Exterior



37



38



39

Imagem 37 - Salinger Residence. Planta do piso térreo, primeiro piso e segundo piso (da esq. para a dir.)

Imagem 38 - Salinger Residence. Alçado

Imagem 39 - Salinger Residence. Alçado



## B2 House



Localização: Çanakkale, Turquia

Arquiteto: Han Tümertekin

Cliente: Selman e Suha Bilal

Projeto: 1999

Construção: 1999-2001

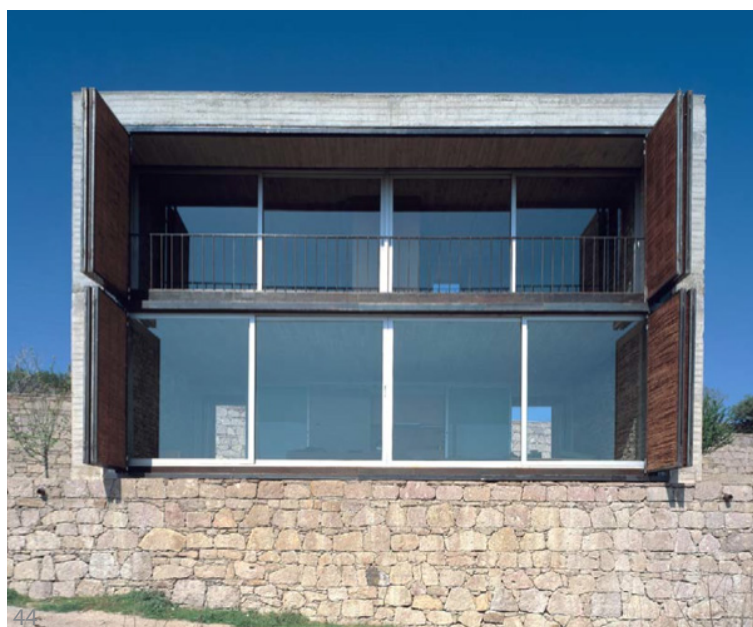
Área do terreno: 400 m<sup>2</sup>

Área construída: 120m<sup>2</sup>

Residência privada vencedora no ciclo AKAA em 2004



43



42

*B2 House* é uma casa de férias construída para dois irmãos que pretendiam encontrar neste espaço um retiro das suas vidas agitadas. Encontrado um sítio tranquilo e isolado, a casa foi construída num terreno triangular, dividido em duas plataformas com um desnível de 1,3 metro entre elas, numa montanha íngreme e rochosa, com vista para o rio Aegean. A ligação entre os dois pisos da habitação é feita através de umas escadas exteriores, no alçado norte, que servem também de coberto a uma zona de estar exterior.

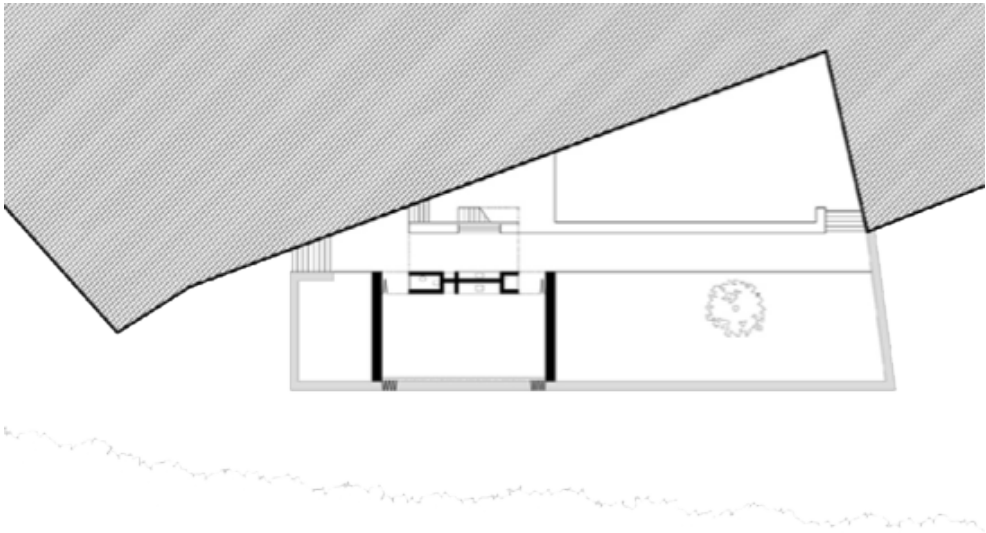
Imagem 40 - B2 House. Exterior

Imagem 41 - B2 House. Escadas

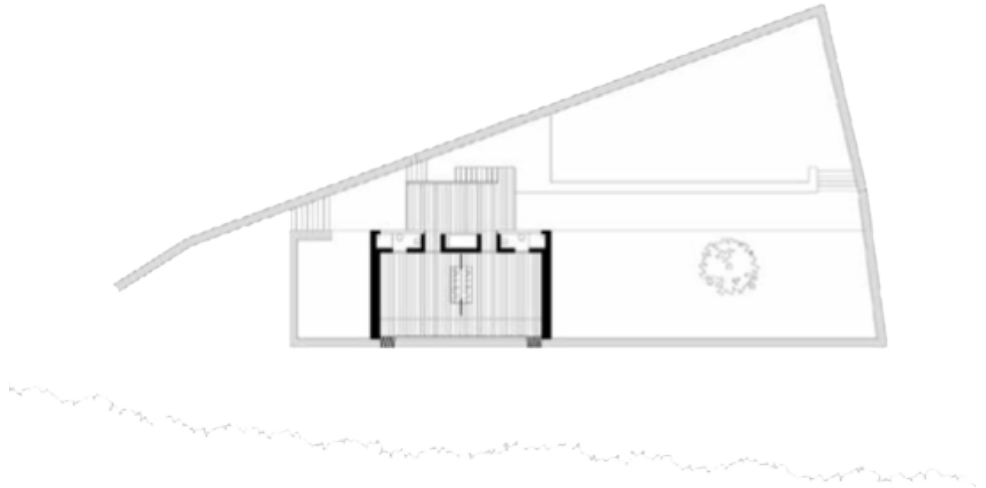
Imagem 42 - B2 House. Quarto

Imagem 43 - B2 House. Localização

Imagem 44 - B2 House. Alçado



45



46

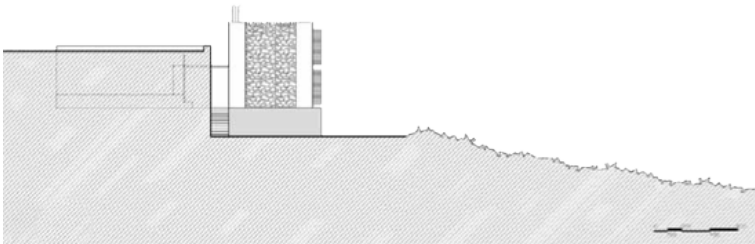




Imagem 45 - B2 House. Planta piso térreo  
Imagem 46 - B2 House. Planta primeiro piso  
47 Imagem 47 - B2 House. Alçado



## 2.2 Complexos habitacionais

-  Courtyard Houses
-  Hafsia Quarter I
-  Dar Lamane Housing
-  Hafsia Quarter II
-  Aranya Community Housing





## Courtyard Houses



Localização: Agadir, Marrocos  
Arquiteto: Jean-François Zevaco  
Cliente: Ministério da Administração interna  
Projeto: 1962-1963  
Construção: 1963-1964  
Área do terreno: 5200m<sup>2</sup>  
Área construída: 1885m<sup>2</sup>  
Número de habitações: 17  
Complexo habitacional vencedor no ciclo AKAH em 1980



*Courtyard Houses* diz respeito a um complexo habitacional constituído por 17 habitações geminadas, em forma de dois Ls, dispostas em lotes rectangulares. Existem dois tipos de casa – A e B – sendo que a diferença consiste no número de quartos – 3 e 4, respetivamente. Estas organizam-se em dois blocos, tendo um deles 10 (4 do tipo A e 6 do tipo B) e outro 7 habitações (3 do tipo A e 4 do tipo B). Esta obra no centro de Agadir surge num contexto de reconstrução da cidade, após a sua destruição, em 1960, por um sismo que arrasou 80% dos edifícios.

Imagem 49 - Courtyard Houses. Vista aérea

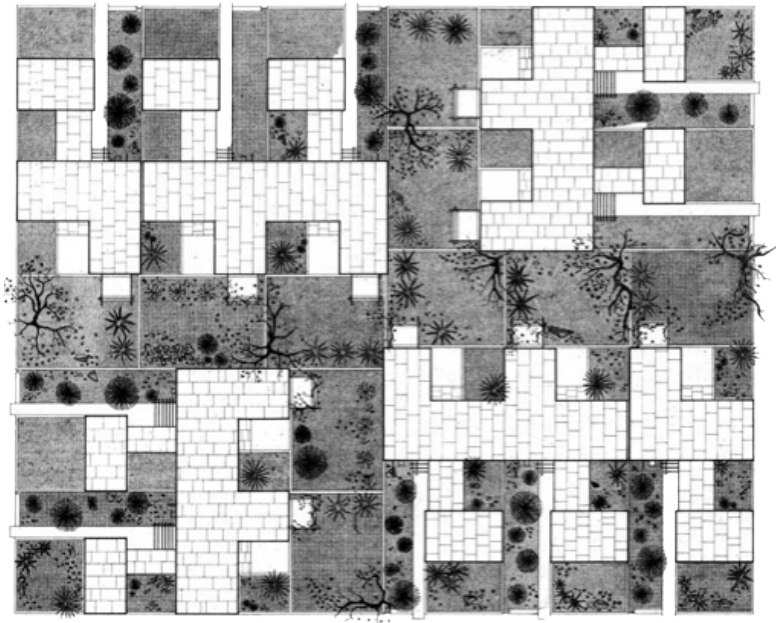
Imagem 50 - Courtyard Houses. Alçado

Imagem 51 - Courtyard Houses. Exterior

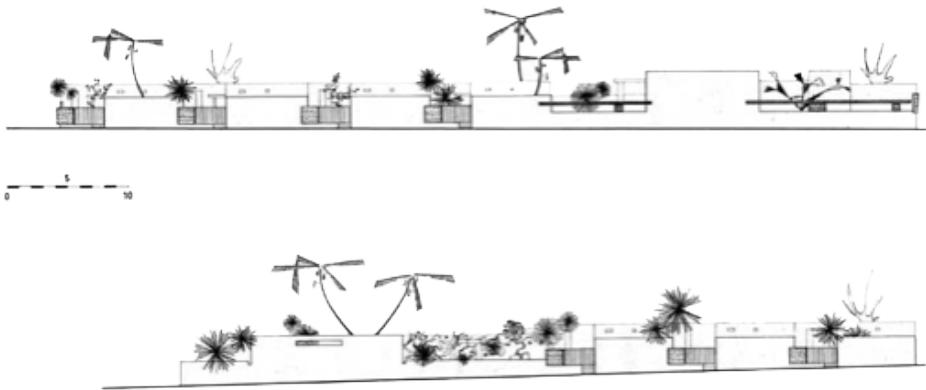
Imagem 52 - Courtyard Houses. Localização

Imagem 53 - Courtyard Houses. Habitação

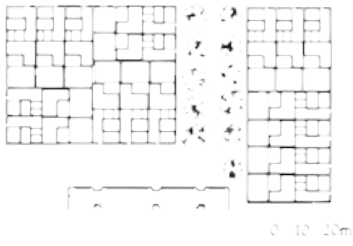




54



55



56

Imagem 54 - Courtyard Houses. Planta de parte do complexo. Volumes e espaços exteriores  
Imagem 55 - Courtyard Houses. Alçados  
Imagem 56 - Courtyard Houses. Planta do conjunto habitacional

## Hafsia Quarter I



Localização: Tunis, Tunísia

Arquiteto: Associação de conservação da medina de Tunis Cliente: Associação de conservação da medina de Tunis Projeto: 1970-1973

Construção: 1973-1977

Área do terreno: 23199 m<sup>2</sup>

Área construída: 17000m<sup>2</sup>

Número de habitações: 95

Complexo habitacional vencedor no ciclo AKA em 1983

59



*Hafsia Quarter I* corresponde à reconstrução do bairro Hafsia, situado na parte este da medina de Tunis, património mundial desde 1981. Este era um bairro inicialmente ocupado por judeus, sendo depois abandonado e parcialmente demolido. Mais tarde, esta zona foi alvo de bombardeamentos durante a segunda guerra mundial. Este projeto pretende ser a renovação do sector habitacional e comercial deste bairro, implicando a reconstrução do mercado el Hout com 100 lojas, construção de 22 lojas com escritórios nos pisos superiores e a construção de 95 unidades habitacionais – 11 tipos de casa com diferentes configurações –, para cerca de 700 pessoas.

Imagem 57 - Hafsia Quarter I. Zona comercial

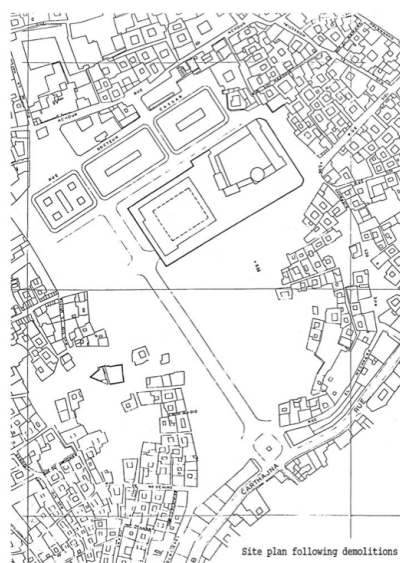
Imagem 58 - Hafsia Quarter I. Via e edifícios

Imagem 59 - Hafsia Quarter I. Localização

Imagem 60 - Hafsia Quarter I. Vista aérea



61



62

Imagem 61 - Hafsia Quarter I. Zona de intervenção

Imagem 62 - Hafsia Quarter I. Planta do terreno antes da intervenção e após demolições



## Dar Lamane Housing



Localização: Casablanca, Marrocos  
Arquiteto: Abderrahim Charai e Abdelaziz Lazrak  
Cliente: Companhia geral imobiliária  
Projeto: 1980  
Construção: 1981-1983  
Área do terreno: 366773 m<sup>2</sup>  
Área construída: 285000m<sup>2</sup>  
Número de habitações: 4022  
Complexo habitacional vencedor no ciclo AKAA em 1980



*Dar Lamane Housing* – que significa segurança – é uma comunidade residencial que valoriza especialmente o desenho do espaço público como lugar seguro e protegido, para os novos habitantes. Este projeto acomoda cerca de 25000 pessoas, tendo sido, para tal, construídas mais de 4000 unidades habitacionais. O desenho destes apartamentos foi assistido por computador de modo a garantir que não houvessem habitações iguais. Os pisos térreos são ocupados por lojas e oficinas. A comunidade usufrui ainda de mesquita, mercados, campo desportivo, entre outros.

Imagem 63 - D. L. Housing. Zona de circulação

Imagem 64 - D. L. Housing. Campo desportivo

Imagem 65 - D. L. Housing. Edifício

Imagem 66 - D. L. Housing. Localização

Imagem 67 - D. L. Housing. Comunidade



Imagem 68 - Dar Lamane Housing. Alçado  
Imagem 69 - Dar Lamane Housing. Planta



## Hafsia Quarter II



Localização: Tunis, Tunísia

Arquiteto: Associação de conservação da medina de Tunis

Cliente: Município de Tunis

Projeto: 1980-1983

Construção: 1985-1993

Área do terreno: 135000 m<sup>2</sup>

Área construída: 50600m<sup>2</sup>

Número de habitações: 400

Complexo habitacional vencedor no ciclo AKAH em 1995 73



*Hafsia Quarter II* corresponde à segunda fase de renovação do bairro Hafsia na medina de Tunis. Apesar da primeira fase – *Hafsia Quarter I* –, a deterioração da medina permanecia uma realidade. Este projeto de continuação envolve a reestruturação de infraestruturas, demolições, reabilitações e novas construções de 400 unidades habitacionais, comércio, escritórios e serviços. O projeto contribuiu para a mudança da imagem do bairro, sendo agora habitada por várias famílias de vários grupos socioeconómicos.

Imagem 70 - Hafsia Quarter II. Via e edifícios

Imagem 71 - Hafsia Quarter II. Edifício

Imagem 72 - Hafsia Quarter II. Via e edifícios

Imagem 73 - Hafsia Quarter II. Localização

Imagem 74 - Hafsia Quarter II. Vista aérea



75



76

Imagem 75 - Hafsia Quarter II. Alçado  
Imagem 76 - Hafsia Quarter II. Duas fases  
de intervenção no bairro Hafsia

## Aranya Community Housing



Localização: Indore, Índia

Arquiteto: Fundação Vastu-Shilpa, Balkrishna V. Doshi

Cliente: Autoridade de desenvolvimento de Indore

Projeto: 1983-1986

Construção: 1985-1989

Área do terreno: 862400 m<sup>2</sup>

Área construída: 589200m<sup>2</sup>

Número de habitações: cerca de 6500

Complexo habitacional vencedor no ciclo AKAH em 1995 81



*Aranya Community Housing* é um projeto que representa um esforço de melhoria de favelas, num contexto habitacional problemático. Destinado a cerca de 60000 pessoas, reúne diferentes grupos étnicos, culturais e religiosos – muçulmanos, budistas, cristãos, etc. A comunidade que se organizava em seis bairros independentes, pretende promover a cooperação e tolerância. A sua construção apoia-se na criação de infraestruturas, cerca de 6500 habitações e comércio. Os habitantes têm a flexibilidade de escolher o desenho do espaço da habitação.

Imagem 77 - A. C. Housing. Vista aérea

Imagem 78 - A. C. Housing. Zona de recreio

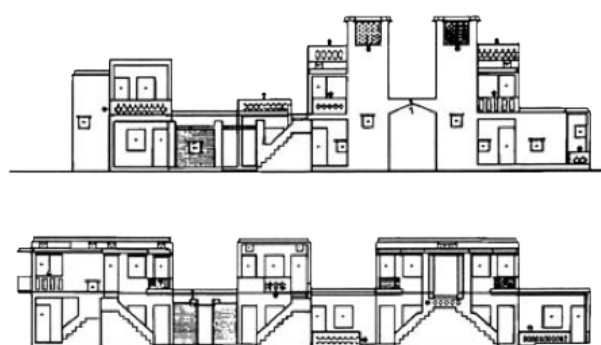
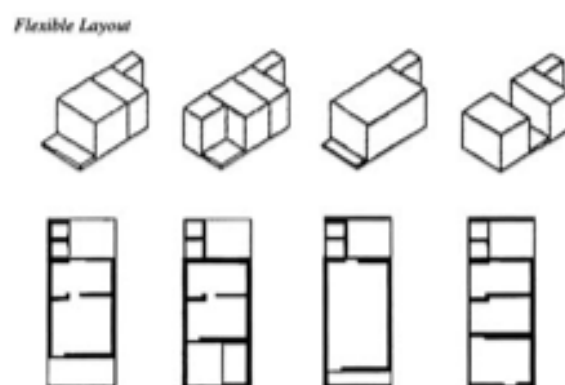
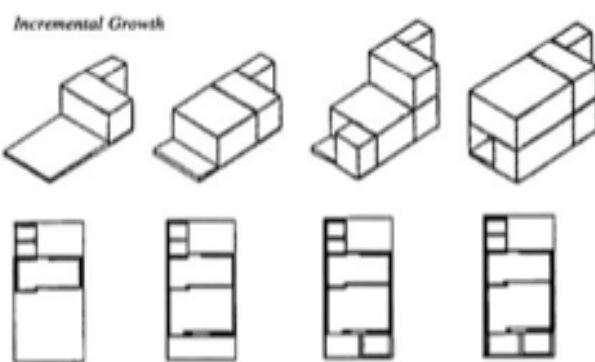
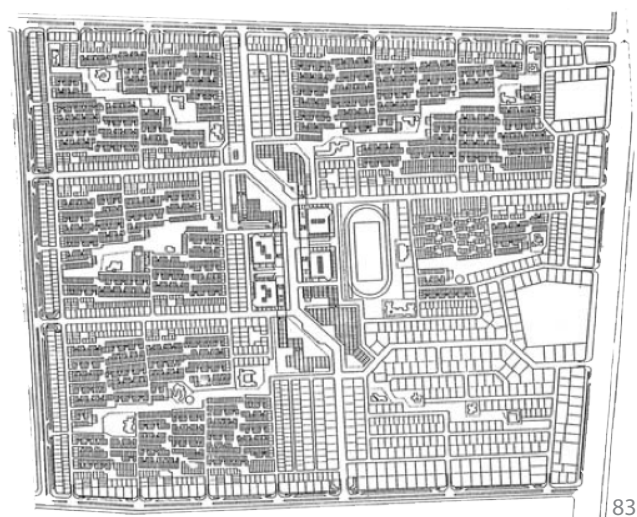
Imagem 79 - A. C. Housing. Edifícios

Imagem 80 - A. C. Housing. Via e edifícios

Imagem 81 - A. C. Housing. Localização

Imagem 82 - A. C. Housing. Via e edifícios





84

85

Imagem 83 - Aranya Community Housing.  
Planta

Imagem 84 - Aranya Community Housing.  
Variedade de alçados

Imagem 85 - Aranya Community Housing.  
Diferentes habitações possíveis



### 3. O Islamismo

*“Tudo o que está nos céus e na terra manifesta a glória de Allah; e Ele é o Poderoso, o Sábio, Seu é o reino dos céus e da terra; Ele traz a vida e dá a morte; e Ele é capaz de fazer todas as coisas. Ele é o Primeiro e o Último; é o Manifesto e o Escondido, e Ele é o Conhecedor de todas as coisas. (extraído de c-57, v2 a 8)”<sup>33</sup>*

É crucial, antes de mais, para abordar a casa islâmica, analisar e dissecar o Islamismo. Assim, sendo a mundividência muçulmana, por definição, de cariz religiosa, impõe-se prioritariamente uma breve incursão por este universo cultural de forma a descortinar o seu poder ontológico. Para tal, urge a necessidade preambular de clarificação conceptual de termos cujo significado não temos domínio rigoroso, sendo tendencialmente usados de forma imprecisa e/ou equívoca. “O Islão continua a ser, para muitos europeus, um mundo estranho, misterioso, inquietante. A sua cultura e religião é apenas conhecida através dos clichés e da propaganda fanática de grupos terroristas.”<sup>34</sup>

Comummente destaque-se, entre outros casos, a associação ilegítima entre árabes e muçulmanos. *Árabe* é, assim, “relativo ou pertencente à Arábia (...) habitante ou originário da Arábia.”<sup>35</sup> A *Arábia* diz respeito à “extensa península situada no extremo Oeste da Ásia meridional, constituída por uma grande meseta central pedregosa e deserta, de clima muito quente e extremamente seco”.<sup>36</sup> O termo *árabe* é, no entanto,

<sup>33</sup> Islam International Publications, *Versículos seleccionados do Alcorão Sagrado* (Surrey: Islam International Publications Limited, 1988), 11.

<sup>34</sup> Alain Brissaud citado por Ana Margarida de Carvalho, “Um encontro, Jesus-Maomé”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 48.

<sup>35</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume III (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 44.

<sup>36</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume III. (Lisboa, Rio de

vulgarmente utilizado para fazer referência a *muçulmano*. Por definição, *muçulmano* é “relativo ao muçulmanismo ou aos partidários da religião de Maomé (...) aquele que segue a religião de Maomé; o mesmo que Maometano. (...) Dá-se a designação e classificação genérica de muçulmanos a todos os indivíduos, seja qual for a sua raça, seita ou terra, que professam a doutrina do Islão, começada por Maomé na Arábia.”<sup>37</sup> O termo *islamita* tem o mesmo significado já que se refere a “pessoa que professa o islamismo; maometano.”<sup>38</sup> O *Islamismo* é a “religião dos Maometanos; maometismo; o mesmo que islão (...) A palavra Islamismo provém do vocábulo árabe Islam, que significa: submissão completa à vontade divina.”<sup>39</sup> O *Islão* pode designar também o “conjunto dos povos ou dos países muçulmanos”<sup>40</sup>. Muitas vezes, associamos os Muçulmanos ao Oriente, quase como oposição aos Cristãos do Ocidente. E esta divisão geográfica, mais artificial que natural, apresenta, de facto, “determinadas características próprias, que a distinguem, se não opõem, às do ocidente. Estas características são de natureza histórica, social e mesmo psicológica”<sup>41</sup> O termo *Oriente* nasceu na Antiguidade Europeia, pelo “hábito de se considerar como oriente, em Geografia política, toda a parte do Mundo conhecido correspondente ao nascer do Sol. (...) Os progressos dessa cultura, até aos

Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 48-9.

<sup>37</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XVIII. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 77-9.

<sup>38</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XIV. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 58.

<sup>39</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XIV. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 57.

<sup>40</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XI. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 59.

<sup>41</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XIX. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 617-8.

séculos próximos de nós, forçaram depois os geógrafos, os historiadores e os políticos europeus a considerar esse oriente subdividido em três zonas, hoje vulgarmente designadas por Próximo, Médio e Extremos orientes, termos provenientes do inglês Neareast, Middleast e Fareast. Muito embora sem limites exatamente definidos, por Próximo Oriente compreendem-se as terras, os povos e as nações compreendidas numa zona, do Mediterrâneo oriental à Ásia ocidental, incluindo na Europa toda a região a leste do leste do Adriático, isto é: nações balcânicas, a Turquia, a Grécia, a Ásia Menor, a Palestina e o Egito, com todos os arquipélagos dos mares respetivos. Por Médio Oriente entende-se os povos e as nações da Ásia centro-ocidental, tais como o Iraque, o Irão, a Arábia, os povos árabes da Palestina e do Cáucaso, o Afeganistão, o Turquestão com o sueste da Rússia, etc. (...) Por Extremo Oriente subentende-se tudo quanto fica geograficamente para leste do Golfo de Bengala e seu meridiano central, incluindo a China, o Japão, as Mongólias com a zona mais oriental da Sibéria, a Malásia e os arquipélagos do Pacífico, compreendendo hoje a Nova Zelândia e a Austrália.”<sup>42</sup>

Esta oposição *Ocidente-Oriente* está, entre outros aspetos, normalmente associada à (in)existência de uma laicização da sociedade. Isto porque o Mundo Islâmico, ao contrário do que progressivamente se verificou com o Cristianismo, nunca experienciou uma ruptura com a religião. “O Ocidente, com os tempos, acabou, em termos de direito constitucional, com os Estados de tipo “católico”, “ortodoxo” e “protestante”. (...) A diferença, neste assunto, recai nos Estados islâmicos que continuam a ser de fé islâmica por direito constitucional e não consuetudinário.”<sup>43</sup>

<sup>42</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XIX. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 617-8.

<sup>43</sup> Joaquim Carreira das Neves, “Cristianismo e Islamismo: diferenças e

“Do Islão só nos chega a pretensa intolerância e os atropelos à liberdade ou à integridade física. Mas há algo sempre mais pacificador, atrás da faceta verdadeiramente negra de todas as religiões. Maomé (o profeta, ou “aquele que diz antes”) é responsável por propalar sólidos princípios morais, a que todos agradariam, como o autodomínio, a paciência, a confiança na vida, o sentido da comunidade e da família.”<sup>44</sup> É destas diretrizes que surge o conceito polissêmico *jihad* que, apesar do seu sentido mais literal – luta contra os não-muçulmanos – representa a “jihad das almas, a luta interior para se aperfeiçoar e exceder, tornando-se digno da graça divina.”<sup>45</sup> Este é um conceito polissêmico, abrangendo o campo espiritual, intelectual e social. “(Jihad) significa esforçar-se da melhor forma possível com o objetivo de combater três tipos de desaprovações a saber, (1) o visível inimigo, (2) o Satã, e (3) a si próprio. O Alcorão ensina que quando se inicia uma guerra, deve se combater em tal maneira que resulte no mínimo dano possível à vida e às propriedades; e que as inimizades devem acabar o mais cedo possível.”<sup>46</sup> A agressão é proibida no Islão, sendo a opressão o último recurso quando todo o resto falha.<sup>47</sup>

A mensagem de Maomé unificou diversos povos através da mesma religião, unindo atualmente mais de 1,5 bilhão de crentes – 1 598 510 000<sup>48</sup>. Isto significa que um em cada semelhanças”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 54.

<sup>44</sup> Ana Margarida de Carvalho, “Um encontro, Jesus-Maomé”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 50.

<sup>45</sup> Ana Margarida de Carvalho, “Um encontro, Jesus-Maomé”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 48.

<sup>46</sup> Islam International Publications, *Versículos selecionados do Alcorão Sagrado* (Surrey: Islam International Publications Limited, 1988), 65.

<sup>47</sup> A jihad contra o inimigo deve reger-se pela leis islâmicas de combate que salvaguardam a proibição de matar crianças, idosos e não-combatentes bem como de destruir casas, gado e o meio ambiente.

<sup>48</sup> Dados de Pew Research Center’s, Forum on Religion & Public Life. Global

quatro pessoas é seguidora do Islamismo. 23,2% da população mundial é muçulmana o que faz do Islamismo a segunda religião com mais crentes no mundo, a seguir ao Cristianismo.

ver imagem 86

“No momento presente, pode dizer-se que os países predominantemente muçulmanos ocupam toda a orla do norte de África, ou seja, da costa atlântica de Marrocos até ao Suez; a Anatólia, a península arábica e os territórios vizinhos, com exceção parcial quanto a Israel e ao Líbano; a sucessão de estados asiáticos do Iraque ao Paquistão; e as zonas dos estreitos orientais, entre Malaca e a Insulíndia. Além disso, a Unidade Indiana tem uma importante minoria muçulmana, de cerca de cem milhões de pessoas, numa população total de 850 milhões de habitantes.”<sup>49</sup> ver imagem 87

O Islamismo, religião monoteísta, nasceu na Arábia com o profeta Maomé (570-632). “É à presença das cidades santas do islamismo no seu território que a Arábia deve a sua importância política. Nesta região se originou no séc. VII o movimento islâmico, que levou a influência árabe à África, ao centro da Ásia e à península ibérica”.<sup>50</sup> O início da era muçulmana é marcado pela fuga de Maomé de Meca para Medina<sup>51</sup> – Hégira –, em 622, segundo a calendarização gregoriana, adoptada no ocidente.

Religious Landscape. The Global Religious Landscape: a Report on the Size and Distribution of the World's Major Religious Groups as of 2010, <http://www.pewforum.org/files/2014/01/global-religion-full.pdf> (consultado a 10 março de 2016).

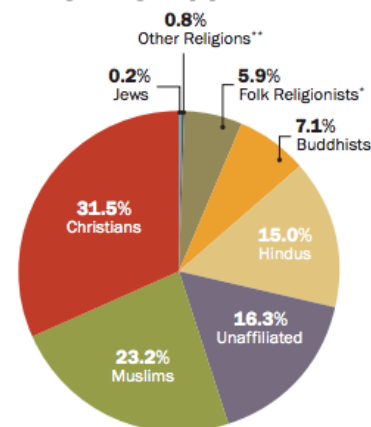
<sup>49</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 19.

<sup>50</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume III. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 48-9.

<sup>51</sup> Meca é a cidade central para o Islão pois foi onde o Profeta nasceu e onde começaram as revelações. Medina tornou-se a segunda cidade santa já que, depois da fuga de Meca, se estabeleceu nesta cidade e estabeleceu os principais ritos do Islão. Jerusalém representa a terceira cidade mais importante, onde o Profeta foi elevado ao céu.

**Size of Major Religious Groups, 2010**

Percentage of the global population



\*Includes followers of African traditional religions, Chinese folk religions, Native American religions and Australian aboriginal religions.

\*\*Includes Baha'is, Jains, Sikhs, Shintoists, Taoists, followers of Tenrikyo, Wiccans, Zoroastrians and many other faiths.

Percentages may not add to 100 due to rounding.

86

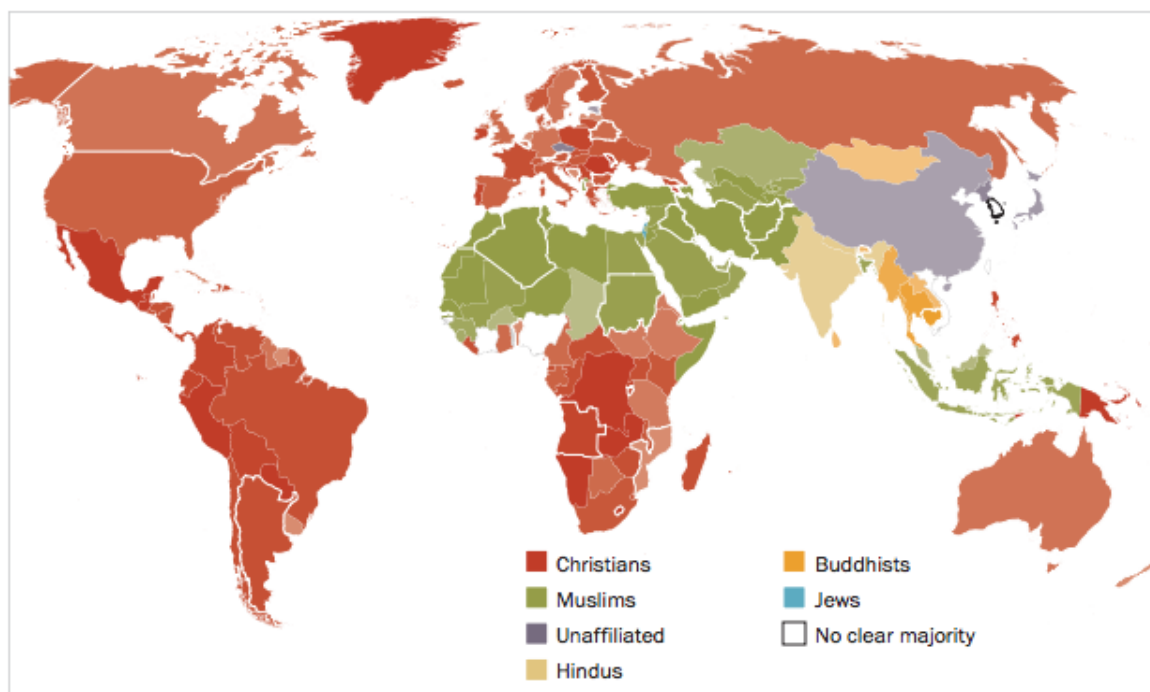
Imagem 86 - Percentagem mundial, relativamente à religião

De facto, a cronologia islâmica tomou esta data como ponto de partida para o início da era islâmica. O calendário islâmico é lunar tendo 354 dias, repartidos por 12 meses de 29 e 30 dias. O calendário islâmico é, portanto, mais curto que o gregoriano.

Esta “é a última, na ordem das três religiões reveladas<sup>52</sup> (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo)”<sup>53</sup> e “como consequência natural do contacto com as crenças e o temperamento dos diversos povos conquistados, o Islamismo engendrou várias seitas.”<sup>54</sup>

### Majority Religion, by Country

Countries are colored according to the majority religion. Darker shading represents a greater prevalence of the majority religion.



87

<sup>52</sup> Religião revelada supõe a revelação da mensagem divina a uma pessoa – Moisés, Jesus ou Maomé, no caso do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, respetivamente. Em oposição, religião natural baseia a sua crença na natureza e suas revelações terrestres.

<sup>53</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 15-16.

<sup>54</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 39.



Existem muitas e diferentes leituras do Islão, tantas quantas comunidades muçulmanas. A variedade encontrada pode ser atordoante – “Falam centenas de linguagens diferentes e provém de etnias tão diversas como a árabe e a turca, a hausa e a afegã, a chinesa e a malaia, a inglesa e a bósnia. Cada comunidade étnica transporta consigo os seus próprios costumes históricos e práticas culturais, geralmente encarados como fazendo parte da sua ‘identidade islâmica.’”<sup>55</sup> O sunismo<sup>56</sup> [cerca de 75%-90% dos muçulmanos] e o xiismo<sup>57</sup> [entre 10% e 20% da comunidade islâmica] representam, neste universo plural, os dois maiores sistemas de crença dentro do Islão.

Muçulmano é aquele que, após ter refletido sobre os sinais de Deus, se submete à sua orientação, declarando “não há outra divindade senão Deus e Maomé é o Seu Profeta”. Proferir esta afirmação – shahadah – na presença de pelos menos duas testemunhas é o necessário para se tornar muçulmano, juntamente com o esforço para viver de acordo

---

<sup>55</sup> Ziauddin Sardar, *Em que acreditam os Muçulmanos?* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), 28.

<sup>56</sup> Os Sunitas descrevem-se como ortodoxos, e como tal seguem, ao contrário do Xiitas, a Suna. Este grupo acredita que o sucessor de Maomé deve ser eleito por votação entre a comunidade islâmica. Os Sunitas atualizam as interpretações do Alcorão e da Lei Islâmica, tendo em consideração as transformações a que a contemporaneidade obriga. Talvez por este motivo, os Sunitas sejam considerados mais moderados, em relação ao grupo Xiita, mais radical. No entanto, esta categorização não é coerente com o posicionamento de alguns grupos fundamentalistas, nomeadamente, a *Al-Qaeda*, *Daesh* e *Boko Haram* que se autodenominam Sunitas.

<sup>57</sup> Os Xiitas concentram-se sobretudo no Irão e no Iraque. Este grupo considera Ali (familiar de Maomé) o sucessor legítimo da autoridade islâmica. Os xiitas possuem um clero altamente organizado. Ao contrário do que defende os Sunitas, no Xiismo existem o equivalente a bispos e, até mesmo, papa – ayatollah. Os xiitas são conhecidos por serem tradicionalistas, conversando as antigas interpretações rígidas do Alcorão e da Lei Islâmica, não reconhecendo a Suna.

com o sentido das palavras. Aquele que é crente, atinge a fé genuína através da observação divina no universo material. “[O Alcorão] coloca perguntas constantemente – tens olhado à tua volta e examinado o cosmos, tens estudado a história de outras nações, tens viajado pela terra e explorado a sua flora e fauna? – e encoraja os crentes a lidar com o mundo material.”<sup>58</sup>

A proteção e contemplação da natureza é uma constante já que é nesta que o crente encontra o divino. Os muçulmanos negam a fé cega, não justificando a sua crença com milagres. Deste modo apelam à discussão e ao debate, onde todos têm o direito de convencer e ser convencidos, alcançando a verdade religiosa através de um empenho racional e pessoal. “Cada geração de crentes necessita de reinterpretar o texto à luz da sua própria experiência. Isto é algo que o Alcorão exige. E é isto que os muçulmanos têm visivelmente falhado em fazer. (...) O Alcorão não se encontra apenas aberto a interpretações múltiplas; ele apela a essa pluralidade.”<sup>59</sup>

A religião muçulmana assenta em 5 pilares. São eles a fé exclusiva a Alá; a oração, cinco vezes por dia<sup>60</sup> direcionada para Meca; a caridade<sup>61</sup> por parte de quem tem uma situação financeira estável; o jejum<sup>62</sup> desde o nascer até ao pôr-do-sol

<sup>58</sup> Ziauddin Sardar, *Em que acreditam os Muçulmanos?* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), 76.

<sup>59</sup> Ziauddin Sardar, *Em que acreditam os Muçulmanos?* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), 78.

<sup>60</sup> entre aurora e nascer do sol, a seguir ao meio dia, por volta das quatro horas da tarde, após o pôr do sol e a qualquer hora da noite. Estas cinco orações são determinadas pela Suna e, portanto, seguidas pela maioria dos muçulmanos. No entanto, os Xiitas, que não consideram a Suna, rezam três vezes por dia.

<sup>61</sup> Tem a forma de esmola legal - uma dízima coletada aos ricos para ser repartida pelos pobres. Posteriormente transformou-se num simples imposto.

<sup>62</sup> Supõe abster-se de ingerir sólidos ou líquidos (água inclusive), de fumar e ter relações sexuais entre a aurora e o por do sol. Encontram-se isentos

durante o Ramadão e a peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida.

No Islão, a figuração de Deus é interdita. “Ao longo da História, porém, Maomé foi desenhado em obras de arte, sobretudo persas, e em algumas gravuras islâmicas, e por respeito era apagado ou tapado o rosto com um véu e colocada uma chama em volta da cabeça, um símbolo de divindade.”<sup>63</sup> O Islão também proíbe, tal como outras religiões, o homicídio, a violação, o adultério, o incesto e o roubo. Existem ainda outras proibições que são apregoadas apenas pelo Islamismo. São elas a usura<sup>64</sup>, o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo de carne de porco e outras carnes ilícitas<sup>65</sup>.

Este povo valoriza e defende o aumento da sua população, sendo a poligamia – limite de quatro esposas legítimas, sendo que “o marido deve usar para com elas de uma perfeita equidade”<sup>66</sup> – uma estrutura familiar comumente aceite de modo a assegurar uma numerosa descendência. É de registar os princípios religiosos de proteção da Mulher previstos e a obrigação de a tratar com justiça e respeito, ao mesmo tempo que “o Corão afirma sem ambiguidade a sua inferioridade relativamente a bens imobiliários uma vez que o seu

---

muçulmanos doentes, crianças até 12 anos e mulheres grávidas ou durante o período de menstruação. Trata-se de um exercício de autodisciplina e aperfeiçoamento espiritual que procura uma aproximação a Deus.

<sup>63</sup> Ana Margarida de Carvalho, “Um encontro, Jesus-Maomé”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 47.

<sup>64</sup> Remuneração abusiva do uso do capital, ou seja, cobrança de juros excessivamente altos, lesando o devedor.

<sup>65</sup> O consumo de carne provenientes de animais que não foram degolados conforme o rito, ou seja, morto por estrangulamento, devorados por feras, entre outros, é interdito.

<sup>66</sup> Dominique Sourdel, *O Islão* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1949), 65.

testemunho perante a justiça vale metade do de um homem.”<sup>67</sup>

O Islamismo é também associado à semiclausura das mulheres, recorrendo ao uso do véu. No entanto, o véu é um costume pré-islâmico, usado para fazer se fazer distinguir das escravas. O seu uso no Islão baseia-se nos “famosos versos da modéstia no Alcorão: ‘diz aos crentes que levem os olhos baixos e ocultem as suas partes. Isto será mais conveniente para eles. Diz às crentes que baixam os olhos, ocultem as suas partes e não mostrem mais do que aquilo que se deve ver. Cubram o seu peito com o véu [...]’ (24: 30-31). Os versos propõem, inequivocamente, que tanto os homens quanto as mulheres devem observar a modéstia. No entanto, foi-lhes dada uma interpretação patriarcal que coloca todo o peso nas mulheres.”<sup>68</sup>

O Islão baseia-se pois na sobriedade e moderação de desejos, bem como na generosidade, entreatajuda, hospitalidade e compromisso entre membros da comunidade. O muçulmano encara o Mundo como um sistema positivo e igualitário onde todas as pessoas nascem puras e inocentes com a capacidade de se elevarem ao mais alto nível. Para tal, a sabedoria é tida como o meio de alcançar a ordem e o equilíbrio no Mundo – a palavra *’ilm* (sabedoria) e os seus derivados surgem em mais de 800 momentos do Alcorão. O livro sagrado afirma que “As piores bestas, perante Deus, são as (voluntariamente) surdas e as mudas que não discorrem” (8:22)<sup>69</sup> Os mais velhos, sendo fonte de sabedoria e conhecimento, são assim alvo de grande estima, sendo muito respeitados.

---

<sup>67</sup> Dominique Sourdrel, *O Islão* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1949), 66.

<sup>68</sup> Ziauddin Sardar, *Em que acreditam os Muçulmanos?* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), 113.

<sup>69</sup> Rui Oliveira e Paulo Mendes Pinto. *Religiões: História, Textos, Tradições*. (Lisboa: Paulinas, 2006), 158.

Todos estes princípios são apresentados no Alcorão<sup>70</sup>, livro sagrado do Islão. Com quase 700 páginas e dividido em 114 suras<sup>71</sup>, representa “o código religioso moral e político dos muçulmanos”<sup>72</sup>, onde se encontra a palavra de Alá, transmitida a Maomé através do anjo Gabriel. Este é um livro escrito em árabe clássico, língua litúrgica do Islão, que educa a concepção positiva da vida, não a rejeição nem o afastamento. Conduzir a vida em retidão, e fazer uso adequado e equilibrado das aptidões e generosidades providenciadas por Deus, é uma regra de vida.<sup>73</sup> Este é um livro de inspiração para o muçulmano. Por este motivo, a sua leitura é recomendada, devendo ser feita mais do que uma vez na vida.

Por sua vez, Hádice, Suna em Árabe – aceite apenas por sunitas – compreende um conjunto de comportamentos do Profeta Maomé como exemplo a seguir, desde o modo de comer, beber, vestir, etc. A conduta de Maomé é tida como exemplo sendo, segundo o Alcorão, o comportamento ideal. Sendo suposto os muçulmanos seguirem as ações do Profeta, “a maior parte dos homens devotos muçulmanos tem barba, veste-se do mesmo modo que se supõe que o Profeta se tenha vestido, come com as mãos e limpa os dentes com o muswak – um pau de mastigar com propriedades antibacterianas. No entanto, a generosidade e a capacidade de perdão do Profeta, a sua compaixão e civilidade, o seu forte sentido de justiça e de igualdade, a sua paixão pelo pensamento e pelo

---

<sup>70</sup> ou Corão.

<sup>71</sup> Suras ou suratas é o nome dado a cada capítulo do Alcorão. Estas, por sua vez, subdividem-se em variável número de versículos (entre 3 na sura 108 e 288 na sura 2). O Alcorão compreende ao todo 6616 versículos.

<sup>72</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XIV. (Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada), 819.

<sup>73</sup> Islam International Publications, *Versículos selecionados do Alcorão Sagrado* (Surrey: Islam International Publications Limited, 1988), 55.

saber encontram-se em muitos casos, ausentes. É mais fácil demonstrar religiosidade por imitação do superficial e ignorar aquilo que é profundo e constante”<sup>74</sup>

O Alcorão e a Suna constituem assim a fonte de doutrina islâmica. A Charia<sup>75</sup> diz então respeito ao direito islâmico. Ao contrário do que nos é familiar numa sociedade laica, nas sociedades islâmicas o direito é indissociável da religião, uma vez que as leis se fundamentam nos escritos religiosos. “Jesus distancia-se das questões terrenas. Diz ‘dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus’; que ‘o meu reino não é este mundo’. Maomé não mostra o mesmo desprendimento. E ainda hoje é muito difícil para a alma muçulmana separar o espiritual do temporal.”<sup>76</sup> “Turquia ou Indonésia são, todavia, exemplos de países muçulmanos que conseguiram separar os domínios civil e religioso.”<sup>77</sup>

O direito muçulmano “é, acima de tudo, um Direito considerado por reputados islamólogos como ‘Planetário’<sup>78</sup>, isto é, dirigido a todos os que professam a religião islâmica.”<sup>79</sup> Na verdade, a Charia, passados mais de mil anos, não perdeu o seu vigor normativo, estando presente, com diferentes registos e intensidades, nos cerca de cinquenta países islâmicos. “Nos países de orientação tradicional como a Arábia Saudita, a Xaria

---

<sup>74</sup> Ziauddin Sardar, *Em que acreditam os Muçulmanos?* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), 79.

<sup>75</sup> Também grafado xaria, xária, xariá, shari’ah, sharia, shariah, shari’a, syariah.

<sup>76</sup> Ana Margarida de Carvalho, “Um encontro, Jesus-Maomé”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 52.

<sup>77</sup> Ana Margarida de Carvalho, “Um encontro, Jesus-Maomé”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 51.

<sup>78</sup> Direito planetário é supra-estatal, vai além do âmbito de Estados e entre Estados, é um direito plural das sociedades.

<sup>79</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 22.

é a Lei do Estado<sup>80</sup> [e, por sua vez,] nos países de tendência modernista, ela sustenta uma influência social ideal e inspira mesmo as legislações laicas. Esta permanência da Xaria decorre da especificidade do 'sentido normativo' do Islão."<sup>81</sup>

Sendo as leis do Estado, as leis da Charia, elas são interpretadas pelos juristas muçulmanos, os Ulemas. "No Islão, os juristas são ao mesmo tempo teólogos pois que a lei faz parte integrante da religião."<sup>82</sup>

A Charia lida com diversos assuntos como economia, família, sexualidade, higiene, etc., tendo como objetivo promover o bem-estar das pessoas, salvaguardando a sua fé. Pretende ser um conceito altamente prático, ao mesmo tempo que integra aspetos espirituais, mentais, físicos, sociais e institucionais da conduta humana. Deste modo, o seu âmbito é muito mais amplo e abrangente do que qualquer outro conceito ocidental de lei porque se estende a todos os aspetos do quotidiano, representando um estilo de vida total. "Ela deve, com efeito, diz a Tradição e o Alcorão 'facilitar as coisas ao homem, não as tornar difíceis'."<sup>83</sup> Nestes princípios que orientam o modo de vida do muçulmano e a sua relação com a sociedade, também se encontram diretrizes relativas à arquitetura e à habitação, em específico, a nível de privacidade, limpeza, segurança,

---

<sup>80</sup> O repúdio, por parte dos muçulmanos mais devotos, em questionar a sharia, petrificou uma lei que era supostamente dinâmica. O que dizia respeito a uma tentativa de compreensão da vontade divina dentro de um determinado contexto é agora tido como imutável. Este facto reflete-se numa reprodução medieval nos países que adotam esta lei na totalidade.

<sup>81</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 61.

<sup>82</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 53.

<sup>83</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 61.

decoração, etc. No entanto Ismail Serageldin<sup>84</sup> salvaguarda que um estudo sobre os escritos religiosos não irão fornecer instruções detalhadas sobre como projetar uma casa. Nas suas palavras, “Se Deus desejasse dar às pessoas instruções específicas sobre como construir estas estruturas no século XX, Ele certamente teria-o feito explicitamente.”<sup>85</sup> O livre-arbítrio é prezado no Islamismo como dádiva de Deus à humanidade e é, neste contexto, que “o Alcorão não é uma lei imposta de forma absoluta e sem equívoco, mas se presta a numerosas interpretações com o objetivo de deixar precisamente ao ser humano a responsabilidade das suas escolhas, ainda que dentro de limites predeterminados.”<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> Ismail Serageldin (1944, Egito) é o fundador e diretor da Biblioteca de Alexandria. Formado em Engenharia, Serageldin concluiu o seu Mestrado e Doutorado na Universidade de Harvard. Ocupou diversos cargos internacionais de destaque e publicou mais de 100 livros e monografias e 500 artigos sobre variados assuntos como biotecnologia, desenvolvimento rural, sustentabilidade e o valor da ciência para a sociedade.

<sup>85</sup> Ismail Serageldin, “Faith and environment”, *Space for freedom: The search for excellence in Muslim societies* – AKA Cyclical Monographs, 1986, 213.

<sup>86</sup> Gabriel Mandel Khân, Dicionários das Religiões, *Islão I* (Milão: Electa, 2006), 160.



## 4. A arquitetura islâmica

*“(...) por mais convencidos que estejamos a nível intelectual do nosso empenhamento num credo, só lhe permaneceremos continuamente dedicados quando isso for afirmado pelos nossos edifícios. (...) Precisamos de locais onde os valores exteriores reforcem as aspirações que acalentamos. Podemos estar mais perto ou mais longe de Deus consoante o que está representado nas paredes e nos tetos.”<sup>87</sup>*

O nascimento da arquitetura Islâmica remonta, naturalmente, à época de fundação do Islão, século VII. Esta arquitetura é uma mistura de elementos terrestres e celestiais. Assim, intimamente ligada com Deus e o homem, reflete o modo de vida islâmico, sendo necessário, para analisá-la, ter em conta a fé islâmica e o modo como esta se preserva no quotidiano. Os primeiros teólogos “afirmavam que a humanidade podia ser mais eficazmente formada pela arquitetura do que pelas Sagradas Escrituras. Como somos criaturas de sentidos, havia mais hipóteses dos princípios espirituais fortalecerem a nossa alma se os assimilássemos através da visão, e não do intelecto.”<sup>88</sup>

Esta é uma arquitetura que compreende diferentes estilos – estilo persa, arquitetura otomana, mourisca, indo-islâmica, sino-islâmica, malaio-indonésio, etc.<sup>89</sup> Isto porque, “quando o Islão veio do deserto da Arábia e se espalhou, (...) encontrou arquitetura maravilhosa que já existia nesses lugares, e

<sup>87</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 118.

<sup>88</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 130.

<sup>89</sup> Majdi Faleh, “Urban metamorphosis and Islamic Architecture in the time of globalization: Utopian realities and challenges: Utopian realities and challenges”, *A|Z|ITU* (Abril 2013): 130

absorveu-a, ingeriu-a, tornou-a sua.”<sup>90</sup>

A arquitetura islâmica tem influência social, religiosa e ambiental e, como tal, foi-se ajustando às diferentes condições culturais, climatéricas e materiais, adaptando a cultura dos povos nômadas e sedentários que evangelizou. A arquitetura islâmica resultou dum processo recíproco de troca, entre a invenção e a importação de modelos já que “todas as cidades, de Damasco a Samarcanda e Istambul, apesar da sua longa história pré-islâmica, tantas vezes com qualidades espetaculares não-islâmicas, foram radicalmente modificadas pela nova fé.”<sup>91</sup> Este “foi o tempo de criação de várias linguagens de arquitetura de que todos compartilhavam algumas características, ainda que não fossem todas iguais, mas que, no conjunto, criaram uma reconhecida e própria família formal arquitectónica.”<sup>92</sup> Esta diversidade representa não uma lacuna mas sim o resultado de uma adaptação a ricas dissemelhanças. Trata-se, em simultâneo, de uma arquitetura unificada e identificável por uma série de características. Afinal, esta é uma arquitetura tanto regional como universal. (Oleg Grabar 1994)

“A ideia que temos do espaço e a forma como deste nos apercebemos é, desde sempre, fruto dos hábitos e dos costumes que detemos ou, ao fim ao cabo, da cultura que herdamos. Curiosamente, esta é uma situação recíproca, pois aquilo que somos, a cultura que nos enforma, é também, entre muitas outras coisas, fruto do espaço que habitamos.”<sup>93</sup>

Assim, a arquitetura islâmica encontra-se ao serviço das

---

<sup>90</sup> Charles Correa, “Vistas” em *Architecture for Islamic Societies today* (Londres: Academy Editions, 1994), 15.

<sup>91</sup> Oleg Grabar, “The mission and its people” em *Architecture for Islamic Societies today* (Londres: Academy Editions, 1994), 8.

<sup>92</sup> Oleg Grabar, “The mission and its people” em *Architecture for Islamic Societies today* (Londres: Academy Editions, 1994), 8.

<sup>93</sup> Sérgio Fazenda Rodrigues, *A casa dos sentidos* (Lisboa: Arqcoop, 2009), 79.

peçoas, sustentando um modo de vida equilibrado. Deste modo, também o seu desenho pretende ser puro, espiritual, limpo, verdadeiro e harmonioso, tendo em conta o conforto dos seus utilizadores e respetivos direitos e deveres. Tais princípios refletem-se numa construção de grande clareza estrutural, onde todos os dispositivos apresentados representam uma solução a um problema.

A preocupação e procura de proporção e coerência de escalas é transversal aos edifícios islâmicos que, baseados nos princípios da religião, não excedem por norma as dimensões humanas. O edifício apresenta formas simples e massivas, com linhas rectas e curvas bem delineadas e formas puras como o círculos e o quadrado. Trata-se de um desenho que se rege segundo uma linguagem estruturada, minimalista e simétrica.

ver imagem 88

A forte ligação terrena faz com os edifícios se desenhem em harmonia com o ambiente em que se inserem. A natureza é, de facto, alvo de grande estima, sendo usual estas edificações apresentarem jardins. A vegetação e a água remetem, ao mesmo tempo, à imagem de paraíso.

Esta arquitetura caracteriza-se, também, pela hierarquização e pelo contraste que se reflete, claramente, na diferenciação entre o interior e o exterior. Os edifícios islâmicos apresentam um exterior discreto, quase enigmático, no qual é necessário entrar para conhecer e experienciar o edifício.

À arquitetura islâmica associam-se, portanto, edifícios introvertidos com pátios. Também os arcos e cúpulas constituem uma das fortes imagens desta arquitetura. De facto, nenhum outro estilo dispõe de uma variedade tão extensa de arcos. O requinte e fantasia destes elementos construtivos, juntamente com outros dispositivos – colunas, pilares, etc. –, fazem do interior do edifício uma surpresa. Estes elementos



Imagem 88 - Grande mesquita Sheikh Zayed. Exterior do edifício, vista do pátio



criam um interessante jogo de luz e sombras que, juntamente com a cor intensa, acentuam o contraste com o exterior do edifício. As construções islâmicas apresentam, por norma, uma cor sóbria homogênea no seu exterior. Na sua edificação são utilizados materiais naturais como pedra. Já o seu interior apresenta uma interessante ornamentação feita com tijolo, mosaicos, ladrilho, azulejos, lâminas de vidro, pedra esculpida ou mármore conforme as zonas.

Os ornamentos apresentam-se maioritariamente estilizados e a decoração é abstracta, à base de motivos geométricos, motivos vegetais e florais, repetição de figuras simplificadas, entrelaçadas ou sobrepostas. Recorre-se frequentemente às formas tridimensionais e a grafia também é bastante utilizada como elemento decorativo, sendo comum o recurso a versículos do Alcorão. <sup>ver imagem 89</sup> Todos estes elementos convergem para a apresentação de um padrão que expressa repetição e ritmo, opondo-se à ideia de tectónica e criando uma sensação de leveza, acentuando assim a ideia de infinito defendida pela religião. <sup>94 ver imagem 90</sup>

Imagem 89 - Grande mesquita Sheikh Zayed. Interior de uma cúpula, decorada com motivos vegetais e elementos escritos em árabe

Imagem 90 - Grande mesquita Sheikh Zayed. Exterior do edifício, repetição de arcos

<sup>94</sup> Majdi Faleh, "Urban metamorphosis and Islamic Architecture in the time of globalization: Utopian realities and challenges: Utopian realities and challenges", *AlZITU* (Abril 2013): 130

## 5. A casa islâmica - tradicional *versus* contemporâneo

*“Os edifícios falam – e sobre temas que podem prontamente ser reconhecidos. Falam (...) de simplicidade ou de arrogância, de bom acolhimento ou de ameaça, de uma simpatia pelo futuro ou de uma nostalgia do passado.”<sup>95</sup>*

A concepção que temos do real é, desde sempre, herdeira de formas de estar e sentir próprias do segundo embrião em que nos desenvolvemos, ou seja, a cultura. Se todo o ato humano é biocultural<sup>96</sup>, não há humanidade sem aprendizagem cultural, património (i)material em permanente (re)construção. O mundo em que vivemos é, assim, uma realidade de símbolos, criação cultural onde aprendemos a atribuir significação ao real. O lar enquanto lugar de aconchego físico e expressão de quem somos opera como símbolo de fundamentação significativa. “A existência de uma habitação permanente, onde nos possamos enraizar, é tanto uma componente necessária de segurança física, como uma expressão psicológica muito significativa de quem nós somos.” A casa opera como “uma fachada reveladora da ambição e da imagem que os atores têm e querem transmitir de si.”<sup>97</sup>

O lar “refere-se ao quotidiano, solicita mais intensamente os cinco sentidos, integra o ciclo das estações, inclui as relações sociais e familiares, a história pessoal. Ao prazer fugitivo do momentâneo substitui-se o estar bem na sua segunda pele que é precisamente a habitação.”<sup>98</sup>

É com base neste pressuposto que se analisa a casa

<sup>95</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 80.

<sup>96</sup> expressão de Edgar Morin (1921), antropólogo, sociólogo e filósofo francês.

<sup>97</sup> António Baptista Coelho citado por Marta Reis, “A casa, pequeno laboratório da identidade” (Dissertação de mestrado integrado, FAUP, 2013), 29.

<sup>98</sup> Jean-Michel Léger citado por Marta Reis, “A casa, pequeno laboratório da identidade” (Dissertação de mestrado integrado, FAUP, 2013), 29.

tradicional islâmica como expressão ontológica, tentando perceber de que modo a tradição, cultura, clima e religião desta(s) sociedade(s) constituem a base do seu desenho. Afinal, “as casas espelham os valores e condições económicos de um tempo, melhor do que os palácios e espaços religiosos.”<sup>99</sup> Paralelamente a esta análise da casa tradicional, recorre-se a imagens de projetos contemporâneos de forma a estabelecer comparações. As onze obras contemporâneas são, em diferentes aspetos de análise da habitação, alvo de uma decomposição mais pormenorizada e sensível.

---

<sup>99</sup> Friedrich Ragette, *Traditional Domestic Architecture of the Arab Region* (Sharjah: American University of Sharjah, 2003), 9.

## 5.1 Tecido físico

*“O arquiteto insere o edifício em dois ambientes; um é feito por Deus, por exemplo a paisagem, com os seus materiais, configuração, fauna, flora e clima e o outro é feito pelo Homem; o urbano. Se não respeitar o primeiro, é pecado... e se o arquiteto não respeitar o outro, é falta de civilidade em relação ao Pai.”<sup>95</sup>*

Sendo a arquitetura uma resposta a exigências humanas que brotam da sua circunstância, impõe-se uma incursão pela geografia física, ou seja, condições da natureza ou paisagem natural bem como pela cidade islâmica enquanto organismo vivo, centro privilegiado de relações.

“(…) A nossa identidade está indelevelmente ligada à nossa localização e como a primeira irá alterar-se de acordo com a segunda.”<sup>96</sup> Assim, urge referir o clima desértico em que se insere maioritariamente os países islâmicos. ver imagem 91, 92 e 93

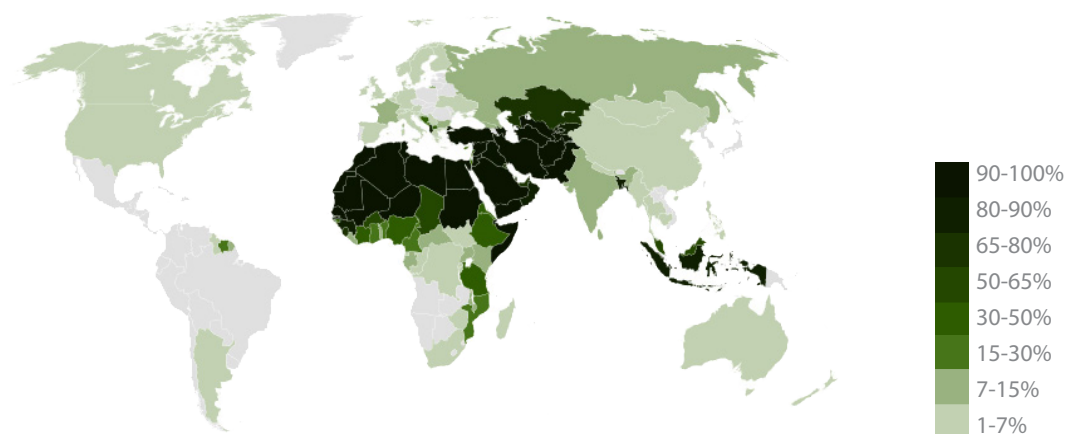
Este é um clima que se encontra essencialmente entre a latitude 15° e 35°. O seu clima é bastante seco e caracteriza-se por uma elevada amplitude térmica, tanto diária como sazonalmente. Assim, num período de 24 horas, pode-se experienciar temperaturas extremas entre -5°, durante a noite, e os 50°C, durante o dia. A intensidade da radiação solar é bastante elevada, aumentando dada a radiação refletida a partir do solo. Os índices de humidade do ar são baixos – cerca de 30% – e os níveis de pluviosidade também – em torno dos 200mm anuais. O solo é portanto árido, sendo predominante uma flora seca e plantas xerófitas<sup>97</sup>. Existem ainda os oásis, que constituem uma

<sup>95</sup> Abdel-moniem El-shorbagy, “The Architecture of Hassan Fathy: between western and non-western perspectives” (PhD in Art History, University of Canterbury, 2001), 138.

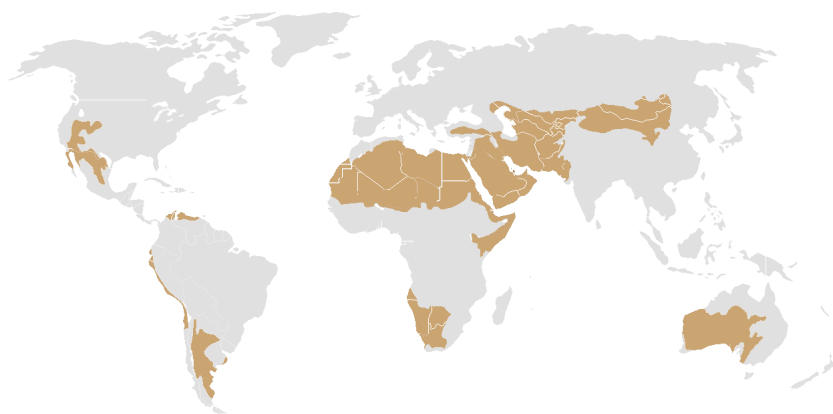
<sup>96</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 13.

<sup>97</sup> Plantas xerófitas desenvolvem-se maioritariamente em climas de grande

91



92



93

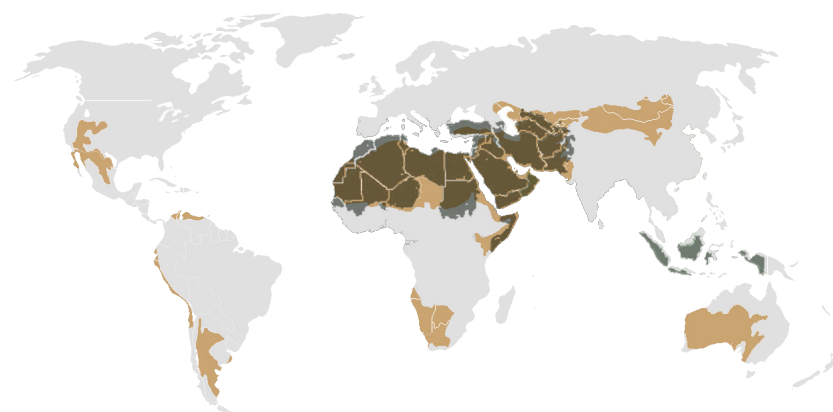


Imagem 91 - População muçulmana por país

Imagem 92 - Área desértica mundial

Imagem 93 - Sobreposição entre área desértica e países com população muçulmana esmagadora (90-100%)



área de vegetação numa zona de deserto, nas imediações de uma nascente de água. Estas áreas criam microclimas uma vez que, devido à vegetação e sombra que proporcionam, dá-se uma descida de temperatura. A flora permite ainda que as areias e poeiras sejam filtradas. Apesar de, em algumas regiões, não chover durante anos, quando tal acontece, pode causar graves inundações. Os ventos podem ser fortes, sendo comum nas estações mais frias tempestades de areia.

A arquitetura islâmica reflete a topografia e clima em que se insere. “As pessoas aprenderam a lidar com o clima ao longo de vários séculos. O clima molda o ritmo das suas vidas bem como os seus habitats e vestuário. Assim, constroem casas que assegurem o microclima que necessitam.”<sup>98</sup> Sendo o clima uma força imutável é, portanto, incontornável aquando da análise da casa.

Por sua vez, esta análise só é possível após o reconhecimento do seu contexto espacial. Impõe-se então o conhecimento da dinâmica estrutural do objeto de estudo – a casa – tendo em conta a sua inserção num todo. Isto porque “os edifícios não devem apenas harmonizar as partes que os constituem: devem também ser coerentes com o local onde se inserem.”<sup>99</sup>

---

aridez, como desertos, onde a humidade e precipitação é muito baixa. A sua morfologia adapta-se a estas condições e permite o seu desenvolvimento. Os cactos são exemplo deste tipo de planta.

<sup>98</sup> Fathy citado por Waleed Al Sayyed, “Contemporary Arab Architecture: Space, Form and Function”, *Lonaard Magazine*, Janeiro de 2011, volume 2, 62.

<sup>99</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 248.

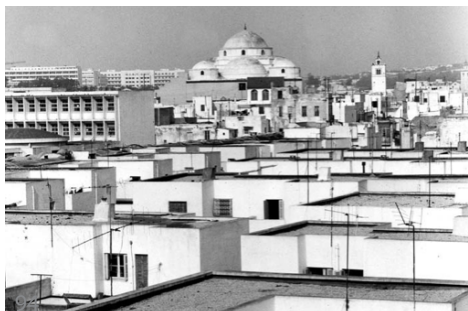


Imagem 94 - Hafsia Quarter I. Vista da medina

Imagem 95 - Hafsia Quarter I. Vias sinuosas

Imagem 96 - Hafsia Quarter I. Edifício ponte

### 5.1.1 Cidade

A cidade tradicional islâmica, muitas vezes designada medina<sup>100</sup>, é normalmente muralhada com portões pontuais. O centro da atividade económica, social e religiosa acontece dentro deste espaço. No entanto, é fora deste limite que se encontram os cemitérios, os mercados de animais e os campos privados. Por vezes, o palácio do governador, também muralhado, instala-se na parte alta da cidade, com a sua própria mesquita, guardas, escritórios e residências tendo o nome de Cidadela ou Casbá.

A medina apresenta uma configuração compacta. ver imagem

<sup>94</sup> O seu desenho, aparentemente caótico, denota, na verdade, uma grande unidade e coesão. As ruas da cidade estreitas e curvas, sem qualquer simetria ou plano<sup>101</sup>, enquadram-se numa hierarquia que não é perceptível numa primeira impressão.

ver imagem 95 Este desenho viário é resultado de um crescimento orgânico, por aglutinação, apresentando, simultaneamente, motivações funcionais. O traçado sinuoso das vias permite regular as temperaturas quentes da cidade. A configuração estreita e enviesada das ruas, juntamente com os edifícios à face, muitas vezes com elementos em balanço e até, com edifícios ponte, tornam estes corredores de passagem espaços à sombra que funcionam como reservatório de ar fresco. Ver

imagem 96 Ao mesmo tempo, impede movimentos de ar, areia e poeira. O recurso a galerias e arcadas é também uma resposta a este clima. Ver imagem 97 O desenho afunilado destas passagens

<sup>100</sup> Medina é o nome dado à parte histórica de diversas cidade do Magrebe (noroeste de África). Esta área encontra-se envolvida por muros separando a cidade velha da nova, fora das muralhas.

<sup>101</sup> Coexistem, no entanto, em alguns casos, traçados regulares, que remontam a influências estrangeiras como, durante o período pré-islâmico a ocupação do Império Romano (Cardo e Decumanus) ou, mais tarde, a colonização francesa.

pedonais tem também em conta a passagem de animais de carga e portanto, deve salvaguardar a passagem de dois, sendo os seus cantos cortados a 45° à altura do ombro. <sup>ver imagem</sup>

<sup>98 e 99</sup> Muitos dos cantos dos edifícios desenham-se recorrendo a efeitos, como se a superfície se desfragmenta-se. <sup>ver imagem 100 e 101</sup>

A irregularidade deste traçado apresenta uma forte variedade que caracteriza e faz parte da identidade da cidade islâmica. Trata-se de uma composição que quebra a monotonia ao mesmo tempo que apresenta uma continuidade física, onde as ruas se organizam de modo a convergir no clímax da cidade – a mesquita.

De facto, a cidade é constituída por três sectores diferentes – religioso, comercial e residencial, ocupando a mesquita a posição central. Este edifício é visível a partir de toda a cidade, a partir do seu minarete – torre onde se anunciam as orações diárias – que constitui um elemento excecional em altura, num cenário de poucas oscilações altimétricas. <sup>Ver imagem 102</sup>

É a partir do alto deste elemento que o muezim<sup>102</sup> lança o apelo às orações em voz alta – ‘Alá é grande (quatro vezes). Atesto que não há mais nenhuma divindade além de Alá (duas vezes). Atesto que Maomé é o enviado de Alá (duas vezes). Vinde à oração (duas vezes). Vinde à saudação (duas vezes). Alá é grande (duas vezes). Não há mais nenhuma divindade além de Alá.”<sup>103</sup>

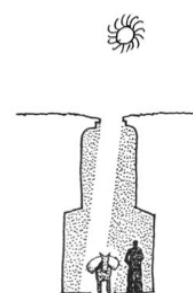
Sendo a mesquita a construção mais emblemática da arquitetura islâmica, representa o centro espacial e institucional da cidade. Este edifício orienta-se para Meca – direção identificável através de um nicho chamado mirabe –, cidade sagrada para onde os muçulmanos se devem voltar,

<sup>102</sup> Muezim é o encarregado de anunciar as cinco orações diárias.

<sup>103</sup> Dominique Sourdél, *O Islão* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1949), 56.



97



98



99

Imagem 97 - Dar Lamane Housing. Galeria

Imagem 98 - Sombreamento de rua

Imagem 99 - Canto de rua

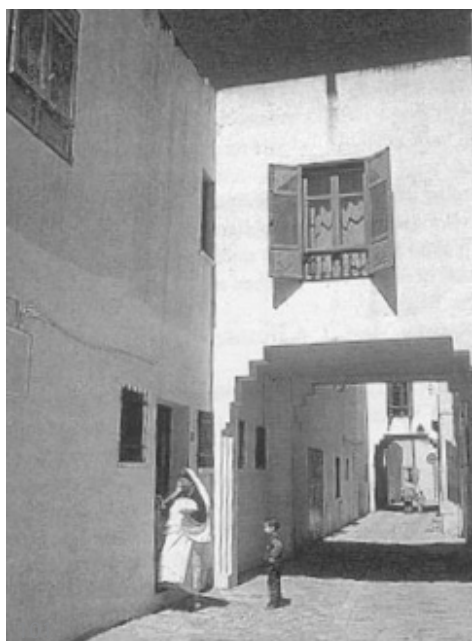


Imagem 100 - Dar Lamane Housing. Efeito no exterior do edifício

Imagem 101 - Hafsia quarter II. Efeito no exterior de edifício

Imagem 102 - Dar Lamane Housing. Minarete

descalços e inclinados, com a testa apoiada no tapete, durante a reza.

Para proceder a este rito sagrado, o crente deve encontrar-se em estado de limpeza, espiritual e física. Deste modo, faz a ablução das mãos, pés, cara e nuca utilizando água ou, no caso desta não se encontrar disponível, com areia. Quando o muçulmano manteve relações sexuais, a ablução deve ser total e não parcial. Este facto explica a proximidade dos banhos públicos – hamam – deste espaço religioso. Na impossibilidade de homens e mulheres coexistirem neste espaço de limpeza, a sua ocupação passou a ser determinada por horários distintos e, mais tarde, espaços físicos separados. Além dos benefícios em termos de saúde e higiene que os seus utentes disponham, os banhos públicos constituíam espaços de convívio.

Esta necessidade de limpeza levou também à implementação de fontes <sup>ver imagem 103</sup>, normalmente no centro do pátio religioso – sahn –, antecedente o espaço de oração.

A reza faz parte do quotidiano do muçulmano, sendo obrigatória a partir da puberdade. É à sexta-feira, dia mais significativo para o muçulmano, que toda a comunidade se junta neste espaço para orar em conjunto. Os fieis posicionam-se em filas cerradas, seguindo os gestos do Imã<sup>104</sup> que se encontra no púlpito – mimbar – reservado para o efeito.

A mesquita apresenta-se assim como um lugar de encontro, onde inclusivamente antes se proclamavam acontecimentos e anunciavam declarações políticas. Simultaneamente, constitui um retiro espiritual para o muçulmano.

O edifício, voltado para o seu interior, é cuidadosamente decorado, não faltando cúpulas, por vezes com muqarnas<sup>105</sup>.

<sup>104</sup> No Islão não existe a figura do sacerdote. As orações são orientadas pelo Imã que assume o papel de pregador.

<sup>105</sup> Muqarna é um ornamento arquitectónico de forma côncava e virado para baixo, aplicado em cúpulas e outros.



Por sua vez, as entradas no lugar sagrado são frequentemente marcadas por iwans<sup>106</sup>.

Numa fase inicial, era na mesquita que se encontrava o espaço de ensino. A madraça, espaço agora autónomo, diz respeito à escola de estudos islâmicos, isto é, cursos de língua árabe e respeitantes ao Islão – Alcorão, Sharia, entre outros.

Na zona envolvente à mesquita, que ocupa o *coração* da cidade, é comum encontrar-se os mercados – soco<sup>107</sup> – que geram a atividade económica da cidade. <sup>Ver imagem 104</sup> Trata-se, normalmente, de um mercado de rua, sendo esta por norma coberta com toldos ou panos para proteger do calor. Também aqui existe uma hierarquia, sendo as lojas agrupadas de acordo com o que vendem – a venda de produtos importantes para a religião ocupam uma posição central, sendo as extremidades destinadas aos artesãos. Este é um espaço de grande azáfama onde é natural os vendedores interpelarem os visitantes num tom algo agressivo, tentando vender os seus produtos. Os preços não são fixos, sendo suposto regatear os preços.

Numa esfera mais reservada, encontra-se a zona residencial. Este organiza-se em quarteirões, num desenho fechado e intimista em relação à restante cidade.

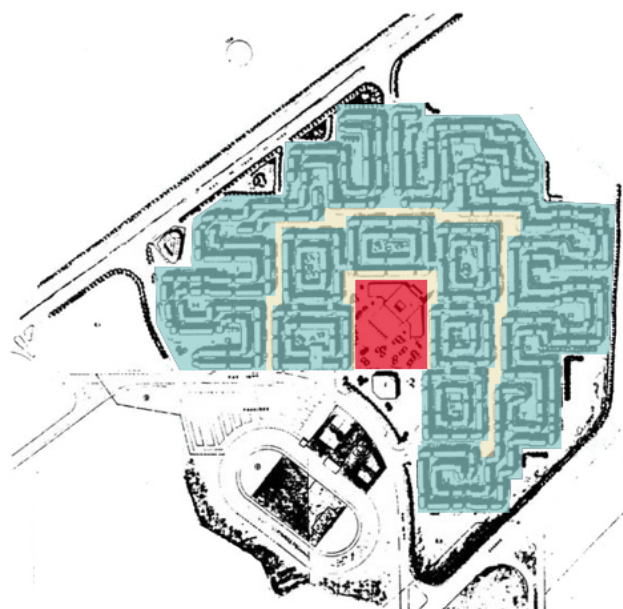
Num contexto contemporâneo, podemos tomar *Dar Lamane Housing* como referência. O desenho deste projeto de habitação pública assenta numa hierarquia de espaços públicos, tal como na cidade, apresentando um praça como elemento central desta estrutura. <sup>Ver imagem 105</sup> Nesta praça com jardins, localizada aproximadamente no centro geométrico do terreno, situa-se a mesquita com um minarete que se destaca na paisagem, mercados e salões de festas. A habitação envolve este espaço central, nas imediações norte, este e oeste. No piso

<sup>106</sup> Iwan diz respeito a um espaço, normalmente abobadado, ladeado por três paredes, com um lado totalmente aberto.

<sup>107</sup> Frequentemente escrito souk, souq, suq



Imagem 103 - Dar Lamane Housing. Fonte  
Imagem 104 - Hafsia Quarter I. Soco



105



106

Imagem 105 - Dar Lamane Housing. Setor religioso, comercial e residencial

Imagem 106 - Dar Lamane Housing. Vista aérea da comunidade

térreo destes edifícios, existem espaços de comércio, orientados para a zona central. A sul, situa-se um campo desportivo que estabelece uma barreira com as favelas vizinhas. Existe ainda uma escola primária, junto à entrada da comunidade.

Os conjuntos habitacionais organizam-se em diferentes aglomerados, dispostos, por sua vez, em torno de um espaço central. Os edifícios têm forma rectangular ou em L, sendo dispostos em duas fileiras paralelas, o que leva ao desenho de uma rua pedonal entre eles. Ver imagem 107 Esta é uma zona que serve à circulação e ao acesso à habitação bem como ao estacionamento de bicicletas, entre outros, tornando-se um espaço de encontro. Neste espaço, planta-se hortelã e flores, em jardins informais criados no piso térreo. As escadarias exteriores constituem o acesso vertical das habitações e abrem-se para a rua como varandas comunitárias, num cenário de tapetes coloridos e roupa estendida. São, portanto, áreas vivas, com grande variedade de formas e cores, ocupadas usualmente por crianças e suas mães.

As outras vias, entre os diferentes aglomerados

habitacionais, que dizem respeito a toda a comunidade, formam em si mercados de rua. O desenho das arcadas no piso térreo proporciona, além da sombra e sensação de continuidade, unidade e comunidade, uma variedade de lojas, cafés e outros espaços para vendedores. ver imagem 108 Nestas vias de maior dimensão encontram-se portões simbólicos. Estes projetam-se através de um elemento – prolongamento da sala de duas unidades habitacionais diferentes – que une os diferentes aglomerados habitacionais.

Este é um projeto que apresenta semelhanças com a organização da cidade tradicional. A hierarquia dos espaços exteriores projetados cria uma variedade de zonas solarengas e sombreadas que ajudam a ventilar a comunidade. Ao mesmo tempo, a funcionalidade e vitalidade desta coletividade resultam também do desenho minucioso e coeso de diferentes escalas e articulação entre elas.



Imagem 107 - Dar Lamane Housing. Via pedonal de aglomerado habitacional  
Imagem 108 - Dar Lamane Housing. Via entre aglomerados habitacionais



### 5.1.2 Sustentabilidade

Apesar da sustentabilidade estar atualmente bastante em voga, este é um conceito bastante antigo. De facto, esta é uma preocupação reguladora e vigente na arquitetura doméstica islâmica tradicional. Um projeto sustentável pretende atenuar o impacto humano no meio ambiente, aumentando simultaneamente a qualidade de vida do utilizador. O livro sagrado incentiva à sabia utilização dos recursos naturais como dádiva de Deus que são. Neste sentido, a casa funciona como um ecossistema, onde tudo, desde a implantação aos materiais, converge para a amenização do clima no edifício.

Pretende-se que o desenho da casa permita um equilíbrio entre as diferentes estações, proporcionando sombra durante o verão e ganhando calor de inverno. Assim, a implantação da casa deve ser alvo de ponderação, procurando tirar vantagem da topografia. A sua orientação pode também ser determinante para a redução da exposição ao sol, bem como na rentabilização do vento. A opção por um local com vegetação pode ser vantajosa uma vez que, além da sombra que confere, arrefece o ar. Ao mesmo tempo, a casa deve proteger-se de tempestades de areia e poeiras que podem, lentamente, soterrar as habitações. É necessário proteger-se das inundações e deslizamentos de terra, evitando, em áreas desérticas, os vales secos que podem alargar rapidamente devido à má drenagem.

Também os materiais têm um grande papel no controlo da temperatura. Esta escolha, sujeita à matéria local disponível, deve assegurar a capacidade de isolamento térmico de modo a diminuir as trocas de temperatura com o exterior. Os melhores materiais a escolher são, então, aqueles que não conduzem calor. Estes devem ser de tons claros, nunca escuros. Isto

porque a cor branca apresenta uma alta taxa de refletividade.

Os tons sóbrios utilizados e o facto dos materiais utilizados estar sujeito à disponibilidade local faz com que a implantação se funda na paisagem. As cores fortes apenas são utilizadas nos vãos de modo a atrair os raios solares. <sup>Ver imagem 109 e 110</sup>

Os tijolos de terra secos são bastante utilizados neste contexto tradicional, representando um dos condutores mais pobres de calor. Materiais como mármore, pedra calcária, areia e madeira são também utilizados. As paredes exteriores da casa são bastante espessas – cerca de 50cm – o que potencia estas características térmicas. Assim, as paredes e o telhado funcionam como isoladores térmicos e, simultaneamente, reservatórios de calor. Durante o dia a entrada de calor é retardada, ficando armazenado e sendo liberto lentamente, durante a noite, quando as temperaturas são mais baixas. Assim, a massa envolvente da habitação – paredes e telhado – irradia o calor. Os telhados são, em climas onde a chuva é rara, planos. O recurso a estes materiais permitem então que a habitação se torne um microclima, respondendo às significativas mudanças de temperatura entre o dia e a noite.

O uso destes materiais leva à construção de volumes maciços. Esta compactação permite que o edifício não aqueça tão rapidamente. A casa apresenta-se, assim, muitas vezes, na forma de casas geminadas ou em grupos de habitações que criam um efeito volumétrico fechado. Os edifícios, ligados entre si, constituem a textura urbana da cidade, apresentando uma estrutura física contínua, sendo muitas vezes as ruas “formadas por paredes nuas interrompidas apenas pelas portas”<sup>108</sup>, tornando difícil identificar cada unidade habitacional. Isto significa que as aberturas na fachada exterior são escassas.

Neste sentido, a casa que se desenha introvertida,



Imagem 109 - Gürel Family Summer Residence. Aplicação de cor forte sobre vãos

Imagem 110 - Dar Lamane Housing. Aplicação de cor forte sobre vãos

<sup>108</sup> Lisa Lovatt-Smith. *Moroccan Interiors*. (Koln: Taschen, 1998), 27.

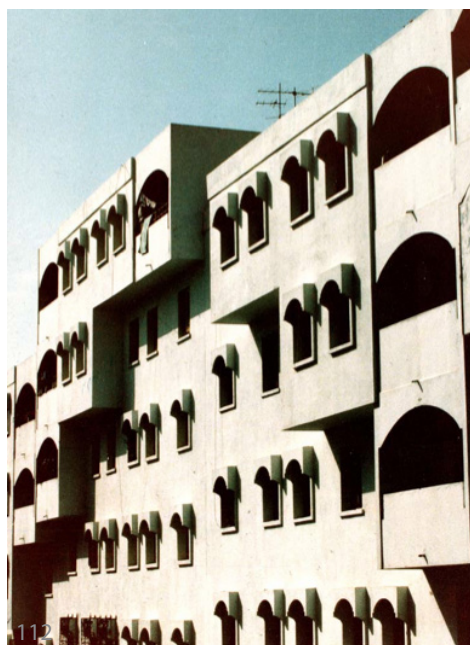
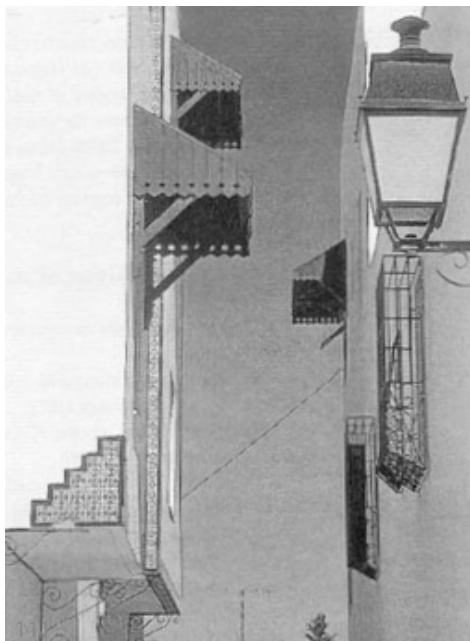


Imagem 111 - Hafsia Quarter II. Elementos de sombreamento

Imagem 112 - Dar Lamane Housing. Elementos de sombreamento

organiza-se em torno de um pátio, sendo que os seus muros “constituem a fachada principal da casa, já que não existe uma verdadeira abertura para a rua”<sup>109</sup> É então, a partir deste espaço central, que se faz a ventilação e iluminação da casa.

O posicionamento e tamanho dos vãos deve ser alvo de estudo de modo a otimizar a atmosfera. As grandes aberturas devem ser evitadas, num clima quente, de modo a reduzir os ganhos de calor. Da mesma maneira, o tamanho deve ser determinado de acordo com a orientação da fachada e racionalizado de acordo com a profundidade dos espaços a iluminar. A orientação dos mesmos vãos na direção do vento dominante pode ser uma boa estratégia tendo em vista a ventilação. O brilho intenso dos raios solares pode ser amenizado, optando pela iluminação indireta. Para tal pode recorrer-se a elementos de sombreamento como resposta a estes violentos raios solares. ver imagem 111, 112, 113 e 114

Em climas com temperaturas tão elevadas, o calor determina alguns hábitos domésticos. É exemplo, o facto das pessoas se sentarem no chão por este ser frio – recurso a mármore e outras pedras para pavimentação como meio de amenização da temperatura. Isto faz com que algumas janelas se encontrem a um nível mais baixo em relação ao que nos é familiar, permitindo a pessoa sentada ver.

Também com o objetivo de estabilizar a temperatura dos espaços da casa, a ventilação cruzada tem um papel fundamental. Este é um sistema que pode ocorrer na casa-pátio e não só. O processo supõe a circulação de ar entre vãos opostos, isto é, o ar circula a partir de um vão de uma fachada para outro vão, na fachada oposta. No caso da casa-pátio, a corrente de ar entra por este espaço central e à medida que a sua temperatura aumenta, a densidade do ar diminui e este

<sup>109</sup> Lisa Lovatt-Smith. *Moroccan Interiors*. (Koln: Taschen, 1998), 27.

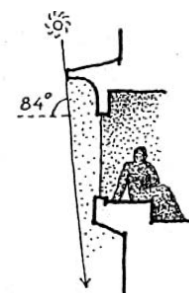
sobe. Por esta razão, e por motivos de privacidade, as pequenas aberturas na fachada da rua – vãos de saída do ar – são a um nível superior.

No caso de edifícios com mais de um piso, como na *Salinger Residence*, a densidade mais leve do ar quente faz com que este saia pelo piso superior. Ver imagem 115

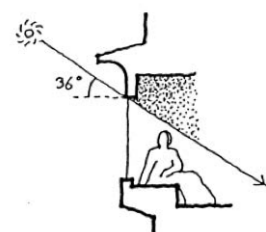
Esta é uma casa que se situa nos trópicos (trópico de capricórnio) e, como tal, sofre agressões de um clima que se apresenta simultaneamente quente e húmido, com fortes chuvas. A residência é construída numa madeira – chengal – muito densa, utilizada localmente para construir barcos. Tal como acontece com as casas tradicionais malaias, esta casa é erguida sobre palafitas e apresenta um grande telhado inclinado. As palafitas<sup>110</sup> permitem neste caso, além de proteger a casa de possíveis inundações das cheias, minimizar o impacto da construção no terreno. O telhado garante também abrigo da chuva, ao mesmo tempo que protege do sol forte. O desenho desta casa assenta essencialmente na tentativa de dar resposta a um clima agressivo e variável.

Também a *Ertegün House* é exemplo de especial preocupação com o clima. Nesta casa, é possível ajustar e controlar todas as aberturas, moderando a entrada de luz e de ar. O seu desenho e acabamentos permitem a adaptação da casa, abrindo-a e fechando-a, consoante diferentes climas e diferentes estações do ano. Assim, todo o alçado norte é constituído por portadas de carvalho. Isto permite, em períodos quentes, uma extensão da sala de estar e de refeições, fundindo-se com o jardim. Ver imagem 116 e 117 No piso superior, existe também a possibilidade de prolongamento dos quartos

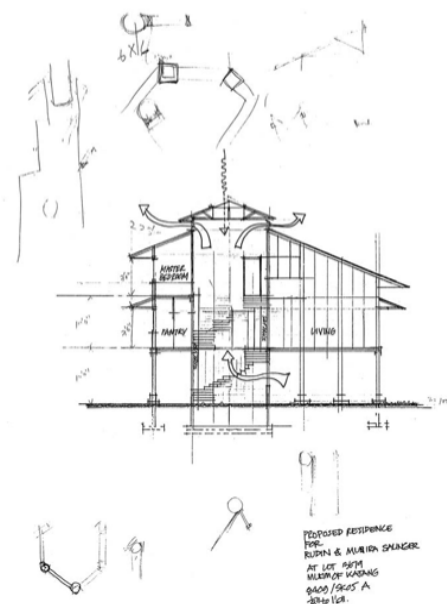
<sup>110</sup> Palafitas diz respeito a um sistema construtivo que supõe a construção de edifícios sobre estacas de madeira. Este sistema é utilizado em todos os continentes mas com especial incidência nas áreas tropicais e equatoriais, onde o índice pluviométrico é mais elevado.



113



114



115

Imagem 113 - Projeção solar ao meio-dia no solstício de verão

Imagem 114 - Projeção solar ao meio-dia no solstício de inverno

Imagem 115 - Salinger Residence. Esquema de ventilação



para o exterior, neste caso, para um terraço. A fachada sul foi desenhada com um número reduzido de aberturas de modo a minimizar o calor, tendo também a ventilação cruzada um papel fundamental no arrefecimento do ar.

A casa islâmica representa, como já referido, um interessante fenómeno entre a vivacidade do interior e o silêncio do exterior. Neste sentido, o pátio assume, como espaço central que é, a alma da habitação. A sua configuração garante que o morador usufrua de um espaço exterior, protegido de agressões externas como o vento e raios de sol. O pátio apresenta um papel crucial no conforto térmico da casa devido ao movimento de ar criado – o ar fresco que passa junto à cobertura e, sendo mais denso, desce até ao nível térreo, substituindo o ar quente que, por sua vez sobe, já que é menos denso, arrefecendo assim os compartimentos que envolvem o pátio. O facto deste espaço se encontrar em sombra durante grande parte do dia faz com que o ar aqueça mais lentamente.

O pátio pode adquirir diferentes formas e tamanhos de acordo com a região em que se insere, isto porque, variações climáticas levam a adaptações e redefinição do desenho. Estes apresentam, em muitos casos, elementos de ajuda à manutenção de um clima confortável. Estes podem conter água, por exemplo em fontes, o que contribui para a regularização da temperatura, devido à evaporação. A vegetação pode ter o mesmo efeito, sendo usual recorrer a árvores neste espaço, uma vez que estas conferem, também, sombra. De igual modo, encontra-se por vezes associado ao pátio, lóginas. Trata-se de um elemento arquitectónico – em algumas áreas designado takhtabush, quando localizado entre dois pátios – que constitui uma zona de estar ao ar livre coberta. Aberto inteiramente, ou em apenas um dos lados, como uma galeria, é normalmente sustentado por colunas e arcos. Este elemento contribui de

Imagem 116 - Ertegün House. Extensão do espaço interior para o exterior

Imagem 117 - Ertegün House. Extensão do espaço interior para o exterior



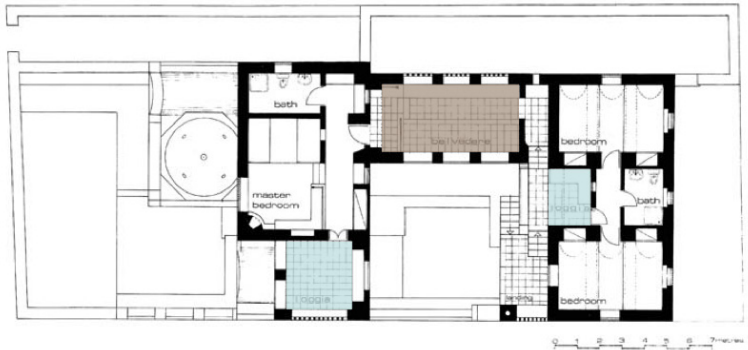
igual modo para a manutenção da temperatura devido à circulação de ar criada. Esta é uma zona que pode adquirir diferentes funções como, por exemplo, zona de refeições ou zona de recepção de visitantes casuais do sexo masculino.

*Halawa House* é um exemplo contemporâneo da materialização de alguns dos espaços enunciados. Esta casa desenha-se em torno do lado norte, sul e este de um pátio central, e dispõe de uma série de espaços de estar exteriores.

Ver imagem 118, 119 e 120



118



119



120

- Varanda
- Pátio
- Corredor de entrada
- Lógia
- Terraço e zona ajardinada

Imagem 118 - Halawa House. Espaços exteriores, planta do piso térreo  
Imagem 119 - Halawa House. Espaços exteriores, planta do primeiro piso  
Imagem 120 - Halawa House. Espaços exteriores, corte-alçado



No piso térreo, além do pátio, parcialmente em sombra durante o dia e com uma fonte no seu centro, a casa dispõe de uma lógia, a norte. Este compartimento abobadado pode, em dias quentes, tornar-se um quarto ao ar livre. Também no piso superior existem duas lógias, uma na mesma localização da do piso inferior e outra, mais pequena, no lado oposto do pátio, a sul. <sup>ver imagem 121</sup> A casa conta ainda, no piso superior, com uma varanda, a este do pátio e, no piso inferior, uma plataforma pavimentada e ajardinada, acessível a partir da sala de estar e um zona exterior de serviço, adjacente à cozinha e aposentos da empregada. Existem ainda outras zonas exteriores, como o corredor exterior de entrada e o jardim.

Existem, no entanto, casas que não apresentam este espaço central. Encontram-se, efetivamente, casas islâmicas, quer tradicionais quer contemporâneas, sem pátios. Tal realidade pode resultar de vários factores como a cobertura do espaço central ou a especulação imobiliária. São exemplos a casa qa'a e a casa mashrabiya.

No primeiro caso, a casa qa'a surge com a introdução de uma sala de recepção principal, para visitas da família – qa'a –, no centro da casa, sendo um pequeno pátio, mais tarde coberto. Este é um espaço com uma parte central – durqa'a – com um teto alto coberto que apresenta uma lanterna de madeira no topo com aberturas que permitem a ventilação – shukhshakhah – e duas áreas de sentar – iwans –, em lados opostos, a uma cota ligeiramente superior e, com o teto mais baixo. Esta diferença de cotas e pés-direitos permite um interessante jogo de luz.

Relativamente à casa mashrabiya, este é um modelo de casa em banda que, na impossibilidade de recorrer ao pátio para obter iluminação e ventilação, abre janelas para a rua. O seu surgimento deve-se aos elevados preços de terreno

Imagem 121 - Halawa House. Pátio com fonte e lógia



praticados, que exigem edifícios mais compactos e eficientes. Por este motivo, este tipo de casa tem normalmente quatro ou cinco pisos, enquanto a casa-pátio se limita aos dois.

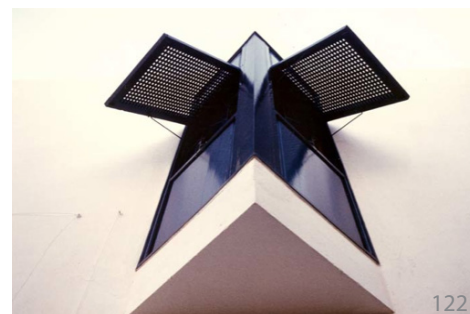
Mashrabiya diz respeito a uma tela que se coloca nos vãos orientados para a fachada da rua. Este dispositivo permite, além da privacidade, o controlo da passagem de luz – “peneira e adoça a luz crua”<sup>111</sup> –, o controlo de fluxo de ar e, assim, também, a redução da temperatura do ar e o aumento da humidade. Este elemento surge, muitas vezes, num espaço coberto, em consola na fachada. Trata-se de um artefacto construído em madeira, com uma abertura em malha – o tamanho dos interstícios e o diâmetro dos balaústres pode ser ajustado de modo a controlar a quantidade de luz e ar. Ver imagem

122 e 123

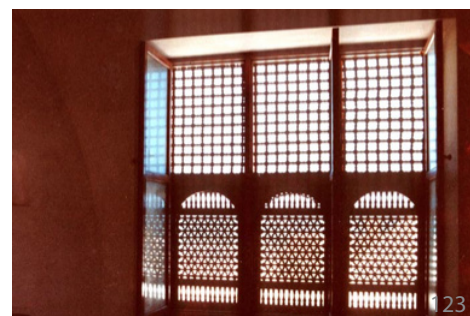
Existem, uma série de mecanismos que fornecem à casa uma espécie de ar condicionado natural. De facto, a chave para compreender esta tipo de habitação é perceber o edifício como uma entidade, articulando a forma à função. Seguindo esta lógica, na inexistência de pátio ou quando este se encontra coberto, ou até mesmo como sistema complementar ao pátio, recorre-se ao captador de vento – *malqaf*. ver imagem 124 e 125

Este sistema de captação de ar remonta aos períodos faraónicos e representa um elemento mais alto em relação ao edifício. Através de uma abertura para o vento dominante e determinando o ângulo exato, capta, com muita precisão, o ar frio onde este é forte e limpo e condu-lo para baixo, para o interior do edifício. O ar quente sobe e escapa através do topo do edifício, devido à densidade do ar, como acontece no pátio. Existem diferentes tipos de captador de vento e encontram-se por vezes, mais do que um na mesma casa, de modo a servirem diferentes divisões.

<sup>111</sup> Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 58.



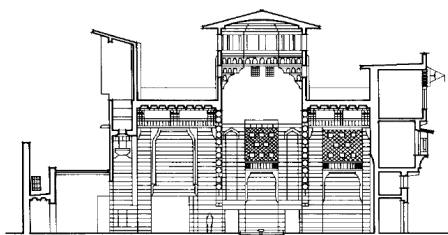
122



123

Imagem 122 - Hafsia quarter I. Vão em balanço

Imagem 123 - Halawa House. Mashrabiya



124



125



126

Como elemento complementar a este sistema, foi introduzido um dispositivo que permite o aumento da humidade do ar captado – *salsabil*. Trata-se de uma placa de mármore decorada com padrões ondulados que possui uma fonte de água. O *salsabil* localiza-se numa parede e, colocado num determinado ângulo, permite que a água caia em gotas, controlando a temperatura.

Na verdade, foram criados vários dispositivos de arrefecimento de temperatura, recorrendo à água. Apresentam-se sistemas desde a simples colocação de jarros com água junto à janela a processos mais complexos. A colocação de elementos com água pela casa, quer seja junto à janela, quer numa fonte no pátio, garante um melhoramento térmico uma vez que a água evapora e arrefece o ar. Outro método usual é a colocação de esteiras de palha junto à janela. Estas fibras vegetais que se devem manter molhadas, além de aumentar a humidade do ar, filtram a poeira do ar. Este é um mecanismo presente na **B2 House**. <sup>Ver imagem 126</sup> A implantação desta habitação reflete o terreno em que se insere. O seu desenho procura privacidade na abertura para a paisagem. O alçado sul apresenta grandes vãos rectangulares que se abrem para a encosta, permitindo a visibilidade até às margens do rio. É nestes vãos que se encontram os dispositivos de esteiras de palha que possibilitam um total isolamento. Esta total abertura contrasta com a fachada norte que apresenta vãos muito reduzidos. <sup>Ver imagem 127 e 128</sup> Esta clausura resulta de uma tentativa

de proteção dos ventos dominantes de noroeste. Este edifício apresenta-se como um volume monolítico de construção antissísmica. A escolha dos cores e texturas pretendeu constituir uma continuidade com as casas tradicionais da aldeia. A pedra que envolve a casa, quer nas paredes laterais quer no telhado plano, resulta numa superfície contínua que,

Imagem 124 - Malqaf, corte

Imagem 125 - Halawa House. Malqaf

Imagem 126 - B2 House. Esteiras de palha

ao longe, aparenta ser um único plano.

A arquitetura velada aqui apresentada reflete o funcionamento da habitação como um organismo sustentável, reflexo da necessidade de proteção deste clima e todas as suas oscilações. A habitação impõe-se como abrigo, constituindo uma barreira à sua envolvente, mas sempre respeitando o meio em que se insere, criação divina de Deus. De outra forma o arquiteto estaria a cometer um pecado – “O ambiente criado pelo Deus é a paisagem; a atmosfera, a flora, a fauna e os seres humanos que vivem neste ambiente. (...) Foi apenas quando o Homem ignorou o ambiente e foi cortado da natureza que os problemas surgiram.”<sup>112</sup>



<sup>112</sup> James Steele, “A tribute to Hassan Fathy” em *Architecture for a Changing World*. (Londres: Academy Editions, 1992), 51.

Imagem 127 - B2 House. Alçado sul  
Imagem 128 - B2 House. Alçado norte

## 5.2 Tecido ideológico

*“Essencialmente, aquilo de que nos falam as obras de arquitetura é o tipo de vida que mais adequadamente deveria desenrolar-se dentro delas e à sua volta. Falam-nos de certos estados de espírito que tentam incutir-nos e manter nos seus habitantes. (...) detêm simultaneamente um convite para que sejamos um tipo de pessoas específico. Falam de visões de felicidade.”<sup>95</sup>*

Sendo o Homem um animal social, (re)criador axiológico, urge analisar o tecido sociocultural onde a sua existência tem lugar. “Todos os povos que produziram arquitetura desenvolveram o seu estilo próprio que lhes é tão específico como a sua língua, o seu vestuário ou as suas tradições populares.”<sup>96</sup> Como ser simbólico, espelha as suas crenças, convicções e ideais nas suas (re)edificações. “Há de facto uma componente de imaterialidade [na arquitetura] (...) que se relaciona com uma forma e um conjunto de sugestões que percebemos de uma maneira mais intuitiva e menos racional.”<sup>97</sup>

O Islamismo tem, como já referido, uma forte ligação com as questões terrenas. Ao recusar a distinção entre o sagrado e o profano, a religião integra todas as facetas da vida. Deste modo, a religião apresenta uma unidade com repercussões a todos os níveis no quotidiano do muçulmano, refletindo-se inclusive no desenho da habitação. “(...) Uma obra de arquitetura doméstica pode ajudar-nos, não menos do que uma mesquita ou uma capela, na celebração do nosso verdadeiro Eu.”<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 81.

<sup>96</sup> Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 31.

<sup>97</sup> Carlos Guimarães, “A matriz da escola do Porto”, *Roof – An IN & OUT Magazine*, Março/Abril de 2016, 107.

<sup>98</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom

“O conceito de edifício ajuda-nos a colocar em pleno centro dos nossos enigmas arquitectónicos a questão dos valores segundo os quais queremos viver, em vez do simples debate acerca de como queremos que seja o aspeto das coisas.”<sup>99</sup> A casa é apresentada no Alcorão como lugar de descanso e a importância de ter casas amplas é sublinhada. A casa deve constituir o elemento de defesa do clima, onde os habitantes podem encontrar liberdade da pressão da sociedade. É neste espaço que a relação familiar ganha expressão e se fortalece. Segundo Fathy<sup>100</sup>, “(...) uma casa é o símbolo visível da identidade familiar, o mais importante bem material que o homem pode alguma vez possuir, o testemunho duradouro da sua existência, e (...) a falta desta casa é uma das maiores razões de descontentamento popular (...)”<sup>101</sup>

É na família, e não no indivíduo, que assenta toda a estrutura desta sociedade. “Na sociedade muçulmana, o casamento é uma obrigação religiosa e o celibato uma anomalia deplorável. O Islão encara o casamento como uma instituição sagrada.”<sup>102</sup> Sendo a família um valor tão prezado, a privacidade impõe-se como direito primordial.

---

Quixote, 2006), 132.

<sup>99</sup> Alain de Botton, *A arquitetura da felicidade* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), 84.

<sup>100</sup> Hassan Fathy (1900-1989) foi um importante arquiteto, artista e poeta egípcio. O seu ambicioso trabalho foi reconhecido e premiado em 1980 pelo *Chairman's Award*, também pertencente ao ciclo *Aga Khan Award for Architecture*. Este é um prémio atribuído à vida e carreira de arquitetos ilustres. Fathy recebeu-o dado o seu compromisso à arquitetura islâmica ao longo da sua vida. É de notar o seu esforço permanente em estudar a casa tradicional, adaptando-a à contemporaneidade.

<sup>101</sup> Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 40.

<sup>102</sup> Suleiman Valy Mamede, *O Islão e o direito muçulmano* (Lisboa: Edições Castilho, 1994), 65.





Imagem 129 - Erteğün House. Zona de estar decorada com tapetes

Imagem 130 - Nail Çakirhan Residence. Zona de estar decorada com tapetes

Imagem 131 - Nail Çakirhan Residence. Zona de estar decorada com tapetes

### 5.2.1 Simplicidade

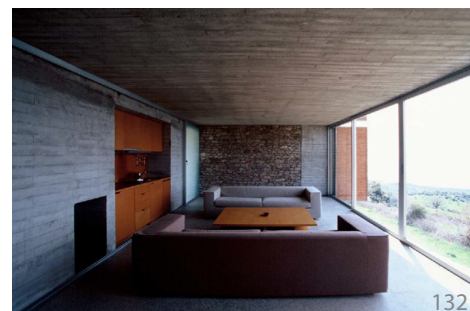
A humildade que compõe o espírito islâmico reflete-se na sua arquitetura. A construção de palácios e edifícios imponentes é condenável e para o muçulmano a riqueza não é boa, não é pura. A extravagância é, portanto, desencorajada, não devendo ser construídas divisões desnecessárias. Uma casa deve ter um quarto de visitas e qualquer divisão a mais, desnecessária, será, segundo o Islão, para Satanás. Os escritos religiosos afirmam que aquele que construir acima das suas necessidades irá carregar a sua casa em cima dos ombros no dia do julgamento.

Do mesmo modo, reprovase o recurso a ornamentos caros, sendo condenável o uso de peças em ouro, prata e seda. A decoração deve fazer-se antes com peças simples como flores, tecidos, etc. Isto porque, na impossibilidade de usar estátuas religiosas já que a figuração de Deus é proibida, ao recorrer a elementos naturais, ou mesmo quadros com representações da natureza, o muçulmano está a contemplar a criação divina. Este facto não torna os espaços islâmicos insípidos e desinteressantes, eles são na verdade lugares coloridos, comumente revestidos com mosaicos, azulejos e mármore. O tapete é um elemento decorativo muito presente na decoração islâmica, principalmente na habitação, dado ser essencial à oração islâmica. <sup>Ver imagem 129, 130 e 131</sup> Este, aquando da reza, deve orientar-se para Meca e representa uma separação com o mundo terreno.

Esta simplicidade também se reflete na polivalência dos espaços. Os compartimentos da casa islâmica muitas vezes não apresentam uma utilização específica, podendo ser utilizada para diversos propósitos. Isto deve-se, em parte, ao facto da habitação não possuir mobiliário pesado ou elaborado. Deste

modo, o espaço não se encontra tão determinado podendo ser uma sala de estar, sala de jantar ou até quarto se as circunstâncias assim exigirem.

O projeto **B2 House**, anteriormente analisado, é exemplo de uma estrutura simples. Esta é uma habitação de programa claro onde tudo o que não é necessário é dispensado. A linguagem arquitectónica é reduzida ao mínimo e, portanto, a casa, de dois pisos, apresenta dois grandes espaços abertos e uma parede de 1,2m onde se concentram todos os espaços funcionais. Ver imagem 133



132



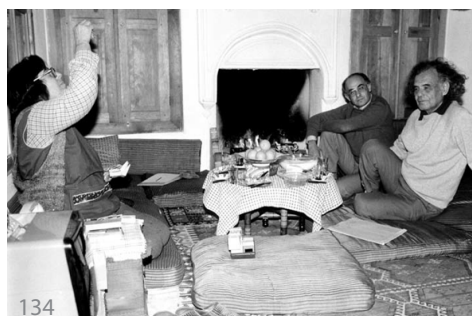
133

Assim, no piso térreo localiza-se a sala de estar e na parede utilitária encontra-se um quarto de banho, lavandaria, lareira e kitchenette. ver imagem 132 Por sua vez, o piso superior diz respeito a dois quartos – divididos por um armário e com a possibilidade dos dois espaços se tornarem um só – e na parede utilitária encontram-se os respetivos quartos de banho e, ainda, arrumos. No exterior encontram-se as escadas de ligação entre os dois andares. Estas escadas servem de coberto a um espaço que diz respeito à parte exterior da parede utilitária, no piso térreo, onde se concentra um banco e pequena zona de churrasco.

Imagem 132 - B2 House. Sala de estar e parede utilitária com kitchenette

Imagem 133 - B2 House. Parede utilitária, planta do piso térreo (esq.) e primeiro piso (dir.)





134



135

Por sua vez, *Nail Çakirhan Residence* reflete, não só a simplicidade, mas a multiplicidade de usos de espaços, anteriormente relatada. Esta habitação, de planta quase simétrica, divide-se, a partir do espaço central de receção, em duas salas. Estes dois espaços dizem respeito a salas de estar e, simultaneamente, zonas de dormir. Ver imagem 136

O casal proprietário pretendia uma casa simples para si e que permitisse receber amigos. Ver imagem 134 Assim, os dois espaços principais funcionam como zonas de convívio, tendo cada um uma lareira e, numa divisão adjacente, um quarto de banho. À noite transformam-se em quartos sendo necessário, para tal, armários, onde se armazenam, durante o dia, a roupa de cama. Ver imagem 135

Esta casa divide-se então em áreas separadas, um lado da casa que diz respeito aos proprietários e o outro, para visitas. O desenho da casa permite ainda que, ao abrir todas as portas da casa, todos os espaços, incluindo a lógia, se fundam num só espaço, física e visualmente.

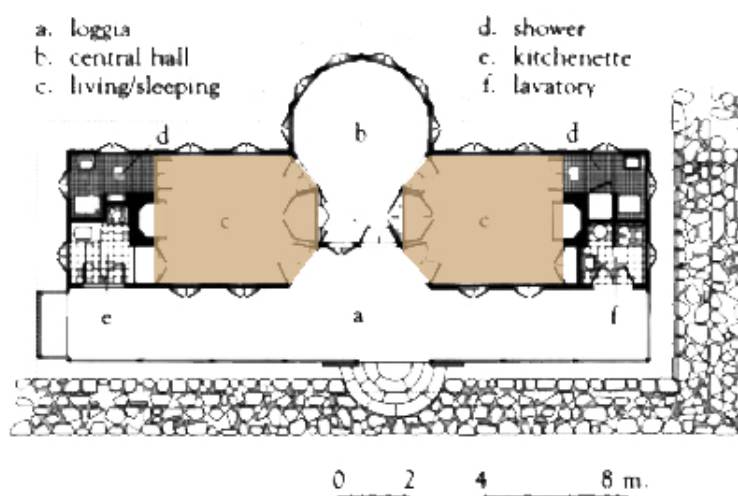


Imagem 134 - Nail Çakirhan Residence.

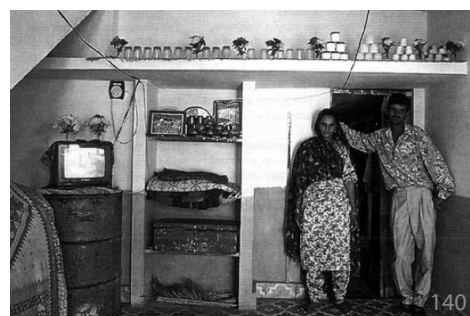
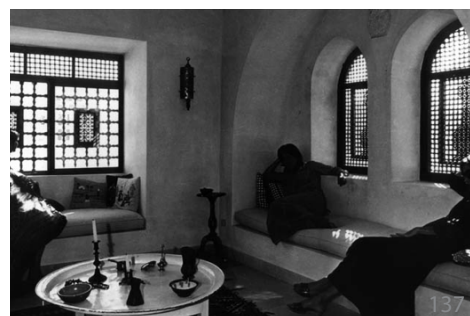
Proprietários e amigos na sala polivalente

Imagem 135 - Nail Çakirhan Residence. Sala polivalente e vista para quarto de banho, lareira e armário

Imagem 136 - Nail Çakirhan Residence. Espaços polivalentes

Esta casa, tal como é recorrente na casa tradicional islâmica apresenta, mobiliário integrado na própria construção. São exemplos assentos de pedra e outros pequenos nichos e alcovas – iwans. Ver imagem 137, 138, 139 e 140

A procura de limpidez e clareza encontra-se também expressa na importância atribuída à limpeza que é alvo de grande atenção no quotidiano do muçulmano. Isto porque acredita que “a pureza do corpo é essencial para se chegar a Deus. Daí a necessidade de limpeza quando se preparam para rezar.”<sup>103</sup> Esta preocupação reflete-se também no desenho da casa, nomeadamente na entrada do quarto de banho que é pensado de modo a que a porta seja puxada com a mão direita, para que, inconscientemente, a pessoa entre com o pé esquerdo<sup>104</sup> primeiro. Deve-se entrar neste espaço calçado e nunca citar passagens do Alcorão ou entrar com objetos religiosos. Também é proibida a entrada neste espaço com comida uma vez que assim se estaria a alimentar o diabo, que habita neste espaço.



<sup>103</sup> Ana Margarida de Carvalho, “Um encontro, Jesus-Maomé”, *Visão*, 17 a 23 de Dezembro de 2015, 50.

<sup>104</sup> O lado esquerdo representa a impureza. O muçulmano deve cumprimentar, comer e beber com a mão direita. É o diabo que come e bebe com a mão esquerda. A mão esquerda fica assim reservada à higiene, como ir ao quarto de banho ou assoar o nariz.

Imagem 137 - Halawa House. Zona de estar interior

Imagem 138 - Gürel Family Summer Residence. Zona de estar e refeições

Imagem 139 - Hafsia quarter I. Quarto

Imagem 140 - Aranya Community Housing. Arrumos em espaço interior

### 5.2.2 Introversão

O desenho da casa tradicional volta-se, como já mencionado, para o interior do edifício. Neste enquadramento de reclusão, o pátio, como já referido, ganha um lugar de destaque, não apenas na habitação mas em todos os edifícios islâmicos. Serge Santelli<sup>105</sup> diz mesmo acreditar que “um edifício que não tem pátio, não é um edifício realmente Muçulmano.”<sup>106</sup>

Apesar desta forte identificação deste elemento a esta arquitetura, o pátio era já utilizado no período pré-islâmico em diferentes tempos e culturas, com destaque para antiguidade Grega e Romana. Na verdade, “a casa-pátio como tipologia de habitação encontra referências tão antigas como a própria origem da atividade urbana, plenas de significados e correspondendo a diferentes apropriações e utilizações.”<sup>107</sup>

Além do seu importante papel apaziguador num clima muitas vezes desértico, como anteriormente analisado, o pátio cumpria já, antes do Islamismo, um forte papel místico. Num contexto árido, e na impossibilidade de identificar deuses nos rios e nas árvores como os pagãos europeus, “o lado clemente da natureza é o céu, puro, limpo, que promete a frescura e a água vivificante das suas nuvens, e se opõe à extensão da

---

<sup>105</sup> Serge Santelli (1944) é um arquiteto francês. Trabalhou no atelier de Louis Khan e realizou o seu Mestrado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Pensilvânia. Tornou-se professor na Tunísia e em França e é o autor de numerosos artigos sobre arquitetura e urbanismo árabe e islâmico. Foi ainda galardoado pelo prêmio Aga Khan para arquitetura em 1983 com o hotel *Residence Andalous* na Tunísia.

<sup>106</sup> Serge Santelli, “On creativity, imagination, and the design process” em *Space for Freedom: the search for Architectural excellence in Muslim Societies* (Londres: Butterworth Architecture, 1989), 231.

<sup>107</sup> Ângelo Costa Silveira, *A casa-pátio de Goa* (Porto: FAUP Publicações, 1999), 59.

areia desértica.”<sup>108</sup> A habitação torna-se então um microcosmo do universo onde o pátio – coração da casa islâmica – representa o pequeno pedaço de céu privado do proprietário. Este elemento, usado comumente a nível urbano e rural, assegura, simbolicamente, a renovação da espiritualidade da casa uma vez que os quatro lados do pátio representam as quatro colunas que suportam o céu que, por sua vez, serve de teto a este espaço.<sup>109</sup>

Além da serenidade, privacidade e segurança conferidas pelo pátio, este é também um espaço social e de serviço que pode acolher diversas atividades como a preparação de comida e a lavagem de roupa, espaço de brincar para as crianças, entre outras. Do mesmo modo, também o terraço tem uma forte função doméstica e social, sendo utilizada para lavar roupa e para reuniões. <sup>ver imagem 141</sup> Este espaço na cobertura do edifício é de igual modo utilizado em noites quentes de verão para dormir. Também os iwans, junto dos pátios, são utilizados como espaços de dormir, nas mesmas circunstâncias. Talvez este seja um costume resultante da tradição, em alguns países muçulmanos, de trocar de quarto conforme as estações do ano.

O pátio – elemento estruturante do desenho da casa – surge, ainda, como elemento central, a partir do qual se distribuem as divisões principais da casa. De facto, “porque pertence a esta tradição muçulmana de arquitetura interior, é no pátio que se pode encontrar os ornamentos, as decorações e acesso às divisões principais.”<sup>110</sup> Esta área apresenta domínio



<sup>108</sup> Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 62.

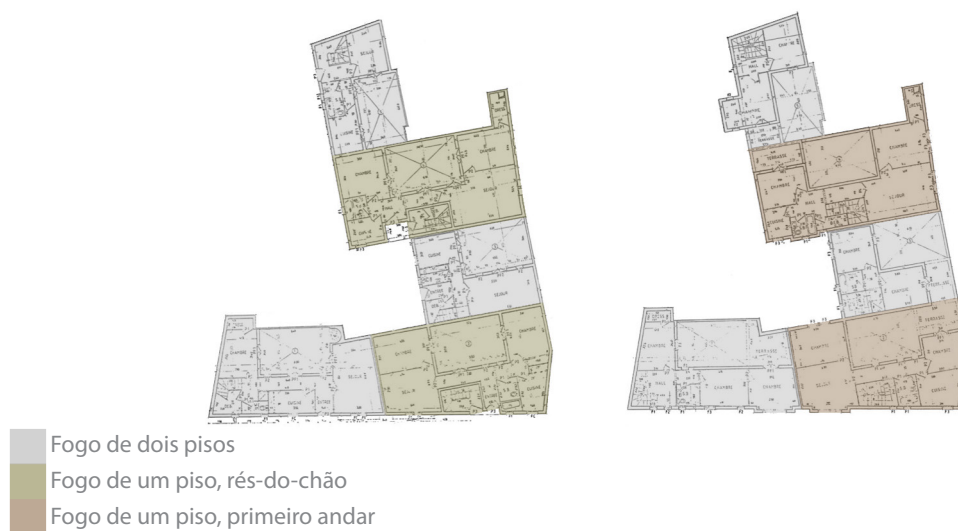
<sup>109</sup> Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 62-4.

<sup>110</sup> Serge Santelli, “On creativity, imagination, and the design process” em *Space for Freedom: the search for Architectural excellence in Muslim Societies*

sobre toda a casa, organizando a circulação e orientando a organização da família islâmica patriarcal. Ele pode adquirir diferentes tamanhos e formas, de acordo com as técnicas locais e, também, condições climáticas – num clima chuvoso é comum encontrar-se neste espaço uma galeria coberta para assegurar a ligação entre divisões.

O acesso às diferentes divisões é normalmente feito a partir deste espaço aglutinador. Estas são, como já analisado, iluminadas maioritariamente pelo pátio, não devendo portanto ser espaços muito profundos, de modo a permitir que toda a área seja iluminada. O seu tamanho tende a determinar a sua importância na hierarquia da casa bem como o tratamento das paredes – azulejos, gesso esculpido, etc.

As habitações construídas no projeto *Hafsia Quarter II* apresentam uma interessante duplicidade de habitações com pátios, e com terraços. Esta é uma solução num contexto de habitação plurifamiliar, em banda, ora com habitações de um piso, ora com habitações de dois pisos. <sup>Ver imagem 142</sup> Assim, no piso térreo, as habitações dispõem de um pátio, protegido da visão do piso superior, enquanto as habitações no piso superior usufruem de um terraço. <sup>Ver imagem 143</sup> Este desenho confere aos seus moradores um espaço exterior, permitindo iluminação, ventilação, fruição da paisagem, e ao mesmo tempo, privacidade.



142



143

Imagem 142 - Hafsia quarter II. Divisão de fogos – habitações de dois pisos e habitação de um andar no piso térreo e no primeiro piso

Imagem 143 - Hafsia quarter II. Pátios no piso térreo e terraços no primeiro piso



### 5.2.3 Segregação por Género

As preocupações com a intimidade e introversão refletem-se principalmente na habitação, lugar seguro onde o habitante encontra proteção e usufrui da tranquilidade do lar. A privacidade física, acústica e visual constituem elementos determinantes no desenho da habitação. Este espaço de procura de harmonia e quietude, “antítese deliberada do mundo duro do trabalho, do comércio e da guerra, é domínio da mulher. O nome *sakan*, que em árabe designa casa, tem afinidades com a palavra *sakina* (tranquila, santo); e *harim*, que quer dizer mulher, tem afinidades com *haram* (sagrado), que designa a parte ocupada pela família na casa árabe.”<sup>111</sup> A casa representa, assim, um retiro onde a privacidade é um valor inquestionável.

Deste modo, para uma relação harmoniosa, a casa tradicional divide-se em espaços de domínio somente masculino, somente feminino e, também, de ocupação mista. Apesar de não surgir nos escritos religiosos a imposição de conceder um espaço na casa à Mulher, o direito à privacidade é um direito irrefutável no Islão.

A Mulher tem um grande domínio sobre o interior da casa, tendo soberania sobre diferentes espaços de diferentes funções. Aqui, nesta esfera privada, podem ser recebidas as visitas femininas. A presença masculina nestes espaços requer a autorização da Mulher, já que este é um espaço reservado a ela e às crianças. “Até aos 7 anos, o rapaz é educado pelas mulheres e depois aprende um ofício com o pai, ou frequente a escola corânica; as raparigas, destinadas ao casamento, estão confinadas à casa e privadas de qualquer instrução: o papel da mulher muçulmana não é educar nem instruir, ela mal sabe

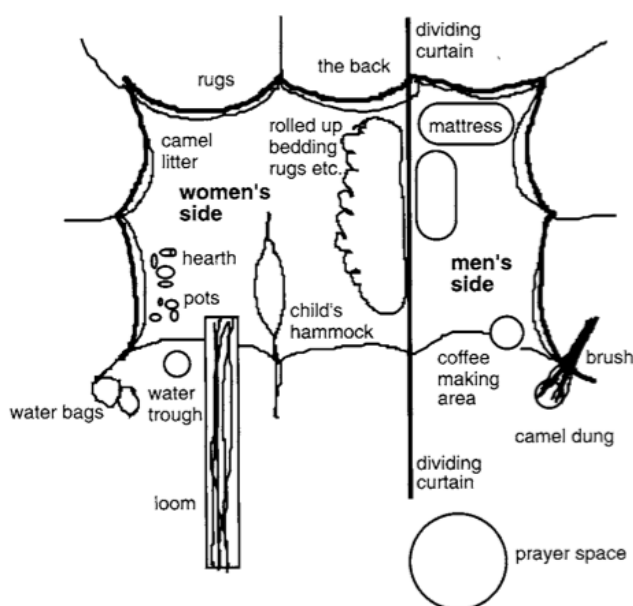
<sup>111</sup> Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 65.



recitar a oração; as mulheres cultas, que conheciam a poesia, o canto e a música, eram geralmente escravas ou libertadas.”<sup>112</sup>

Relativamente ao domínio masculino – que serve diferentes funções como a recepção de visitas masculinas –, a presença feminina também está sujeita a permissão do Homem. A mobilidade entre os dois domínios é muito controlada e a sua divisão é obtida, muitas vezes, através de um sistema duplo de circulação.

É interessante constatar as semelhanças entre a casa tradicional islâmica e a tenda beduína.<sup>113</sup> ver imagem 144



144

<sup>112</sup> Dominique Sourdel, *O Islão* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1949), 66.

<sup>113</sup> Os beduínos são um grupo de habitantes nómadas do deserto. Originários da Península Arábica, foi com a expansão do Islamismo no século VII e consequentes conquistas árabes que este povo se estabeleceu em territórios africanos. Ocupam então regiões do Oriente Médio e norte de África. A grande maioria dos beduínos é integrante da religião islâmica. Tradicionalmente divididos em tribos ou clãs, este grupo baseia-se na unidade familiar extensa, de ordem patriarcal.

Como povo nómada que são, os beduínos encontram abrigo nas tendas que constroem com pele de cabra e camelo, tecidos e fibras vegetais. As tendas são divididas em duas partes por uma cortina – o lado masculino e o lado feminino. O lado mais pequeno pertence ao Homem e é uma área coberta de tapetes e colchões enquanto que, a zona maior que corresponde ao domínio da Mulher, trata-se de uma zona mais funcional, de trabalho. É na área masculina que se convive, também, se realizam trocas comerciais. A área maior é onde as Mulheres e a crianças ficam acomodadas. É nesta zona que se encontra a cozinha, sendo a Mulher a responsável pelo trabalho doméstico como trazer água para a casa, fazer o pão e lavar as roupas. O Homem é responsável por trazer o dinheiro e a comida bem como defender a família de outras tribos. Relativamente às visitas, estas são recebidas no lado masculino. Existem regras fortes de hospitalidade – “um beduíno deve entreter até mesmo seus inimigos jurados durante três dias”<sup>114</sup> – e o estatuto do visitante pode ser medido através dos espaços a que tem acesso no interior da casa. No entanto, estes visitantes estão proibidos de aceder e até mesmo ver o lado feminino da tenda.

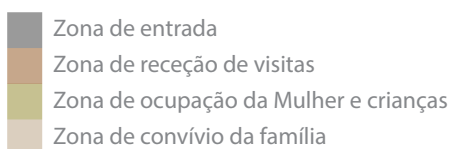
**Courtyard Houses** é exemplo da preservação da privacidade na habitação. Este é um complexo habitacional que, apesar da proximidade entre casas, garante o resguardo da intimidade dos seus habitantes. A casa apresenta cinco pátios, dos quais um é de serviço. Este desenho permite que as diferentes divisões da casa se abram para dois espaços exteriores. Esta multiplicidade de pátios permite ao habitante usufruir destes espaços como uma extensão do interior. O conforto dos pátios é garantido pelos muros altos que os envolvem, da altura da própria casa, tornando-os imperceptíveis para quem passa na

<sup>114</sup> Juelienne Hanson, *Decoding Homes and Houses* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998), 8.

rua.

Os diferentes espaços da habitação dizem respeito a diferentes programas e portanto, diferentes ocupações. <sup>ver</sup>

imagem 145 A partir da entrada tem-se acesso a uma sala que se divide em duas. Deste modo, uma destina-se à família e outra, mais perto da entrada, é o local ideal para a receção de visitas. Assim, as pessoas estranhas à casa não têm acesso às outras divisões. À direita da entrada encontra-se a cozinha e, junto a este espaço, uma sala que se destina à família. Este é um espaço maioritariamente ocupado pela mulher e pela criança, sendo uma área destinada ao convívio, onde se pode brincar, dormir, ver televisão e até fazer refeições. As restantes divisões da casa dizem respeito a quartos de dormir e quartos de banho e a sua ocupação varia, naturalmente, conforme os ocupantes da casa.



145

Imagem 145 - Courtyard Houses. Divisão de ocupação de espaços

Do mesmo modo, a cidade apresenta áreas de ocupação masculina e também de domínio feminino, sendo que o Homem está normalmente associado aos espaços de maior movimento e carácter público enquanto que à Mulher destinam-se as zonas reservadas. Assim, também os edifícios podem encontrar a sua entrada restringida a um sexo sendo que, nos edifícios em que a entrada é permitida a ambos, a separação por género pode ocorrer dentro do edifício. Salvarde-se, no entanto, que durante o tempo do profeta Maomé, as mulheres moviam-se livremente em sociedade, orando juntamente com os homens na mesquita e conduzindo, inclusivamente, orações e liderando também a vida pública.

#### 5.2.4 Público/Privado

Do mesmo modo que ocorre a separação por género, existe uma categorização de espaços, podendo estes ser de domínio público ou privado.

Estes princípios refletem-se na estrutura da cidade que apresenta zonas públicas, como as áreas comerciais, e também privadas, como as áreas residenciais. Estas últimas organizam-se em quarteirões que se definem pelos laços familiares e interesses e perspetivas comuns dos habitantes, tendo cada um a sua própria mesquita, exclusivamente para as orações diárias, escolas, padarias, banhos públicos e por vezes lojas de primeira necessidade.

Sendo a cidade muçulmana reflexo da estrutura social e cultural do espaço onde se insere, reforça a unidade e santidade da família.<sup>115</sup> Assim, de modo a reafirmar o carácter segregado desta zona e isola-la do resto da cidade, além da presença de ruas que apresentam acesso restrito a membros da comunidade, recorre-se a *cul-de-sacs*<sup>116</sup>.

Esta preocupação em isolar a área residencial, protegendo-a da agitação do resto da cidade está presente no projeto *Hafsia Quarter I*. Este é um bairro da medina que recebe uma nova vida e se vê revigorado pela reconstrução da sua área residencial e comercial.

O projeto supõe, além da construção de novas lojas (que albergam todo o tipo de serviços como restaurantes, cafés, lavandarias, cabeleireiros, etc.), a reconstrução do soko el Hout com uma centena de lojas de diferentes tamanhos. Em cima desta construção, foram projetados escritórios. Este mercado

<sup>115</sup> Sherban Cantacuzino, "Continuity and change: Architecture and development in the Islamic World" em *Architecture in Continuity: Building in Islamic World today*. (Nova Iorque: Aperture, 1985), 18.

<sup>116</sup> Cul-de-sac designa o local alargado onde terminam as ruas sem saída.

serve, além de ligação pedestre coberta entre mercados de El Grana e Sidi Mahrez, de barreira entre a área residencial e edifícios altos existentes a oeste.

Este projeto foi desenhado tendo em conta o desejo dos moradores em habitar uma área residencial calma, separada da azáfama da área comercial. As habitações, que se agrupam em torno de áreas comuns acessíveis pedonalmente para uso dos moradores, encontram-se, de facto, numa zona central, próxima de toda a confusão da medina tendo, ao mesmo tempo, privacidade. Ver imagem 146

146



Imagem 146 - Hafsia quarter I. Divisão entre zona privada, habitação, e zona pública, comércio

Setor público  
Setor privado

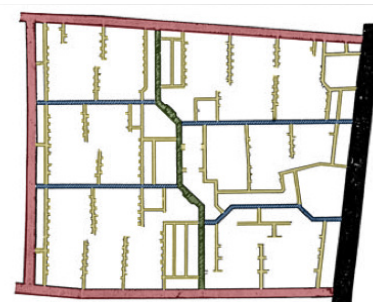


Também o projeto *Aranya Community Housing* exemplifica, a nível contemporâneo, uma aproximação do desenho a diferentes escalas, desde a nível da comunidade até ao nível da habitação. Esta preocupação resultou na criação de uma comunidade com vários bairros, zonas comerciais e diferentes espaços públicos com zonas verdes. O terreno é dividido em seis bairros independentes, tendo cada um serviços próprios como escolas, centros médicos, lojas, etc.

A articulação desta densa rede de edifícios e espaços só é possível graças à complexa organização de vias. Ver imagem 147

A comunidade é envolvida por uma autoestrada e outras três vias. Dentro da comunidade, estes bairros têm como ponto comum a 'espinha central', via de maior dimensão que atravessa e une a comunidade. É nas imediações desta via que se encontram aglomerados centrais com complexos de lojas e escritórios, instituições e serviços que foram projetados para serem acessíveis a todos os habitantes e utentes desta área, pessoas pertencentes a diferentes grupos étnicos, religiosos e até mesmo económicos. Esta via principal estende-se por quatro vias que estabelecem a divisão entre os seis bairros. A aproximação à escala da habitação faz-se, pois, progressivamente, através de vias que vão reduzindo as suas dimensões. Ressalva-se ainda o recurso a cul-de-sacs no plano viário da comunidade, o que permite reduzir a afluência de trânsito na zona residencial. Ver imagem 148

Esta divisão de domínio público e privado encontra-se presente, também, à escala da habitação. A casa é, como já visto, um lugar sagrado e portanto é necessário pedir permissão para entrar nesta área privada – 'Não entres em casas que não a tua, a não ser que peças permissão e digas a palavra de paz aos seus ocupantes. Será melhor para ti se te lembrares. Se não encontrares ninguém no interior, não entres



147



148

Imagem 147 - Aranya Community Housing.  
Hierarquia de vias

Imagem 148 - Aranya Community Housing.  
Cul-de-sacs



até teres autorização e se disserem 'Recua, Recua', é melhor fazê-lo porque Deus sabe o que fazes.' Sura, versos 27-8<sup>117</sup>

Esta autorização também é requerida para circular entre os domínios privados da casa e aqui, os diferentes espaços são de caráter privado e semiprivado.

**Gürel Family Summer Residence** é um excelente exemplo de uma casa de família que preserva a privacidade, quer em relação ao exterior, quer no seu interior, entre os diferentes espaços. Esta é uma casa de férias que se destina ao próprio arquiteto e à sua família e, como tal, Este projetou a casa fragmentando-a em sete unidades, com diferentes orientações. Esta disposição dos volumes permite a criação de uma série de espaços exteriores que possibilitam diversas utilizações.

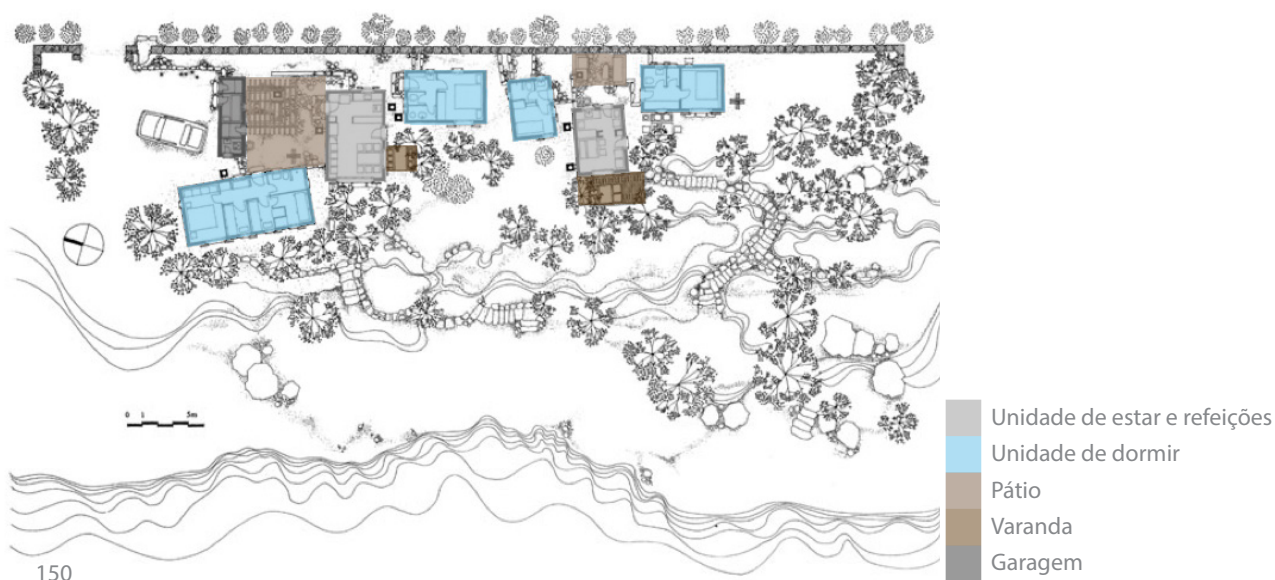


Imagem 149 - Gürel Family Summer Residence. Muro exterior

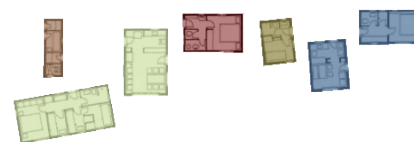
Imagem 150 - Gürel Family Summer Residence. Unidades de dormir, estar e serviço e espaços exteriores

<sup>117</sup> Mahmoud Itewi, "Environment and Islamic Architecture. Review and analysis", *International Journal of Academic Research* (novembro 2012): 104.

Estes volumes estão dispostos frente ao mar, isolando-se da rua que se encontra no limite do terreno. Esta divisão é acentuada pelo desenho de um muro alto, contínuo, juntamente com a plantação de árvores que enfatizam esta barreira física. <sup>ver imagem 149</sup> Este muro é também importante na orientação da circulação de acesso às diferentes unidades bem como na delimitação de alguns dos espaços de estar exteriores.

As unidades em que a casa se fragmentam dizem respeito a quatro unidades de dormir, duas unidades de estar e refeições e ainda uma unidade que corresponde a um espaço de armazenamento e manutenção. A sua disposição cria dois espaços exteriores principais, dois pátios, perto das unidades de refeições. Estas duas unidades usufruem, ainda, de duas varandas. <sup>Ver imagem 150</sup>

Os sete volumes foram projetados para serem utilizados em cinco grupos de utilização. <sup>Ver imagem 151</sup> Por ordem de entrada na habitação, o primeiro grupo possível de encontrar diz respeito ao espaço de manutenção da casa. De seguida, surge o grupo reservado à irmã do arquiteto, usufruindo de uma unidade de dormir e uma de estar e refeições. Os pais do arquiteto desfrutam da terceiro grupo de utilização que diz respeito a uma unidade de dormir. Por sua vez, a unidade de dormir seguinte reserva-se a visitas, constituindo um novo grupo. Por último e ocupando a zona mais reservada do complexo, encontra-se o grupo de utilização ocupado pelo arquiteto e sua mulher, tendo acesso a uma unidade de estar e refeições e uma unidade de dormir. Note-se que a unidade que se destina aos pais ocupa intencionalmente o centro do complexo como símbolo de respeito, unindo física e espiritualmente as restantes unidades. É previsto os pais e as visitas serem recebidos em qualquer uma das zonas de estar e refeições.



151

Imagem 151 - Gürel Family Summer Residence. Cinco grupos de utilização da habitação

Este é um projeto modesto, construído com economia de meios mas com especial atenção à escala humana e sua dimensão íntima. O seu desenho flexível, como uma casa de férias deve apresentar, permite o contacto e encontro dos habitantes nos espaços comuns ao mesmo tempo que salvaguarda a sua privacidade.

Como já referido, a preocupação em assegurar privacidade encontra-se refletida nas formas físicas da casa islâmica de várias maneiras. Podemos dizer que a “casa muçulmana foi, em grande medida, moldada pela Sharia, além das convenções sociais. Na colocação de portas, na abertura de janelas, na altura de um edifício e no tratamento do telhado, existem sempre regras para a produção de formas adequadas.”<sup>118</sup>

A casa é muitas vezes construída pelos próprios habitantes<sup>119</sup> e uma das suas maiores preocupações é o desenho da entrada. É necessário salvaguardar a sua própria privacidade e não ofender a privacidade do vizinho e, sendo assim, a posição das portas de entrada obedecem a regras, não podendo ser dispostas ‘frente a frente’. Isto porque “ser capaz de olhar para dentro da casa e ver mais do que uma pessoa de passagem consegue ver é tido como uma intrusão na vida privada da família.”<sup>120</sup> Apenas no caso de ruas muito largas ou com muito trânsito é que esta regra não se aplica, pois existe uma barreira que quebra estes corredores visuais. A habitação apresenta, muitas vezes, duas entradas: a principal, virada para a rua – majaz – e outra traseira. A entrada das visitas deve ser

<sup>118</sup> Saleh Al-Hathloul, “Tradition and continuity” em *Legacies for the Future: Contemporary Architecture in Islamic Societies*. (Londres: Thames and Hudson, 1998), 26.

<sup>119</sup> James Steele, “Continuity, relevance and change” em *Architecture for a Changing World*. (Londres: Academy Editions, 1992), 24.

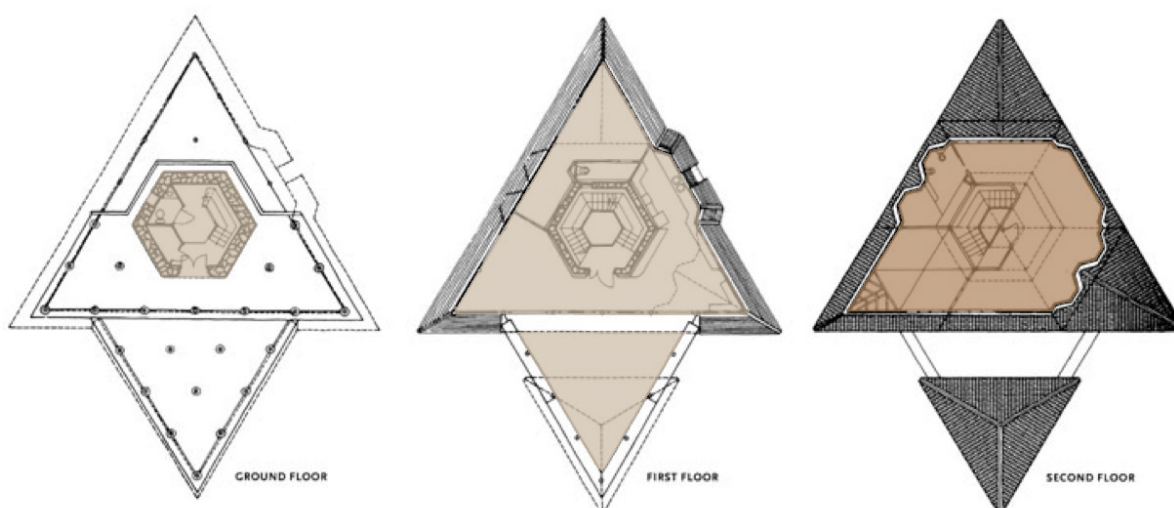
<sup>120</sup> Saleh Al-Hathloul, “Tradition and continuity” em *Legacies for the Future: Contemporary Architecture in Islamic Societies*. (Londres: Thames and Hudson, 1998), 24.

feita pela principal já que utilizar a entrada secundária constitui uma instrução na privacidade dos moradores. A entrada principal na habitação divide-se em dois momentos: a entrada, desenhada para abrir para uma parede, impedindo olhares curiosos, que, por sua vez, dá acesso ao resto da casa. Este tipo de entrada cria um filtro entre o mundo público da estrada e a esfera privada da casa, salvaguardando a intimidade do lar. É um sistema mais utilizado em cidades já que na maioria das casas rurais não há necessidade, uma vez que se encontram isoladas.

Na maioria dos casos, a relação interior-exterior da casa faz-se através do domínio masculino, ou seja, o domínio familiar encontra-se mais protegido. O nível de privacidade aumenta, normalmente, à medida que se entra na casa. No caso de uma casa com vários pisos, a privacidade e importância dos espaços aumenta à medida que se sobe de piso. Assim, a cozinha, sala de estar – espaços maioritariamente ocupado pela Mulher – e a zona de dormir são os espaços que se encontram mais abrigados do exterior, isentos de olhares alheios. Os quartos são tidos como espaços imaculados já que é aqui que se nasce e que se morre. Também a área de visitas é desenhada de modo a evitar a ligação visual direta com esta área familiar. O ângulo correto permite à mulher ver quem entra na casa, ao mesmo tempo que garante a sua privacidade.

Esta divisão entre os espaços privados e semiprivados encontra-se presente, num contexto contemporâneo, na ***Salinger Residence***. A casa organiza-se em três pisos, sendo a ligação vertical entre eles assegurada por um núcleo central de granito, reduzido ao mínimo. O piso térreo diz respeito apenas a esse núcleo, onde se encontram as escadas e, também, outras áreas de serviço – quarto de banho e despensa. O primeiro piso, além do núcleo com as escadas, é constituído

por o quarto de visitas, sala de estar, sala de jantar, cozinha e uma varanda. O arquiteto projeta, de acordo com a vontade do casal proprietário, as três atividades principais – cozinhar, estar e comer – como um único espaço, apresentando uma planta aberta, com possibilidade de extensão destas atividades para o exterior, na varanda. Por sua vez, o segundo piso diz respeito ao núcleo central de acesso, ao quarto do casal, quarto de vestir, quarto de banho, escritório e ainda área de reza. A separação da zona semiprivada e privada acaba por ser completa uma vez que estas duas se encontram em pisos diferentes – a primeira zona, no primeiro piso, e a segunda zona, no segundo piso. Ver imagem 152 Nesta última zona, uma das paredes orienta-se para Meca, tal como acontece nas casas tradicionais malaia, acentuando a fé islâmica. Esta divisão assegura a privacidade do casal e permite uma vivência natural da casa, sem necessidade de resguardo, enquanto recebem visitas.



152

Imagem 152 - Salinger Residence. Divisão entre zona semiprivada e zona privada

Zona semiprivada  
Zona privada



Retome-se a análise do projeto *Hafsia Quarter I*, agora a uma escala doméstica. A área residencial deste bairro é constituída por cerca de 95 habitações que se apresentam em onze tipos de casas – casas-pátio de um piso, casas-pátio de dois pisos, casas geminadas com jardim incluso, entre outros – misturados de modo a evitar a monotonia. Estas casas, com uma área entre 60 e 163 m<sup>2</sup>, organizam-se entre ruas estreitas, numa tentativa de alcançar a antiga escala da medina. A transição das áreas públicas até à privacidade do lar faz-se gradualmente, passando por áreas internas semipúblicas, como praças.

Neste sentido, também o desenho da casa apresenta este tipo de preocupação, sendo a entrada semelhante à casa tradicional. Podemos constatar nas diferentes plantas o cuidado em proteger o interior da casa, ora através da colocação de uma parede frente à porta de entrada, ou através do desenho sinuoso deste espaço. Podemos verificar que em algumas situações, o espaço de entrada se divide em duas zonas – a entrada propriamente dita e a *driba*. Ver imagem 154, 155, 156 e 157 Este segundo espaço diz respeito a uma espécie de vestíbulo que constitui o espaço de transição entre a entrada e o interior da habitação.

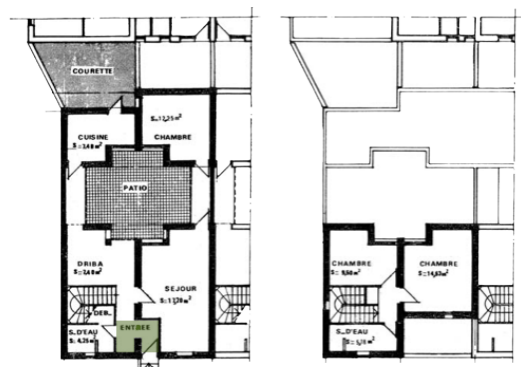


Imagem 153 - Hafsia Quarter I. Habitações

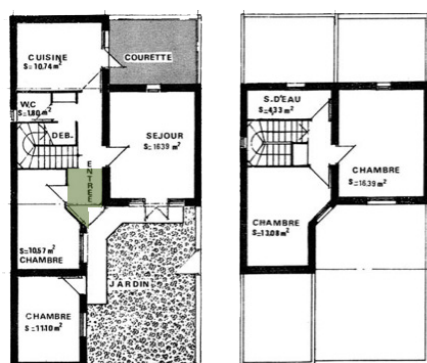
154



155



156



157



Imagem 154 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, espaço(s) de entrada

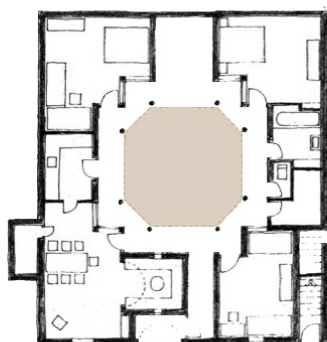
Imagem 155 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço(s) de entrada

Imagem 156 - Hafsia quarter I. Casa de dois pisos com jardim, espaço(s) de entrada

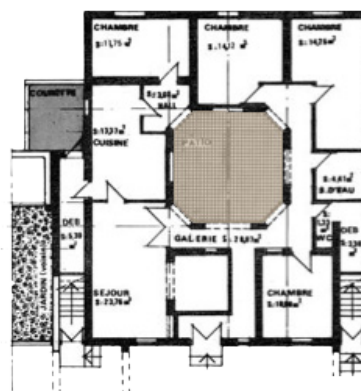
Imagem 157 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço(s) de entrada

Com exceção de uma das casas analisadas que possui um jardim privado, estas habitações dispõem de um pátio central.

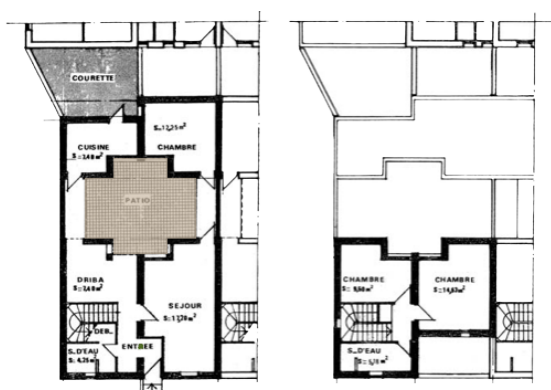
Ver imagem 158, 159, 160 e 161 Estes apresentam formas diversas e servem de espaços de distribuição, ora diretamente, ora através de um espaço de circulação envolvente.



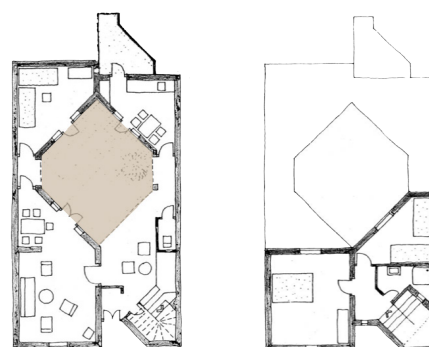
158



159



160



161

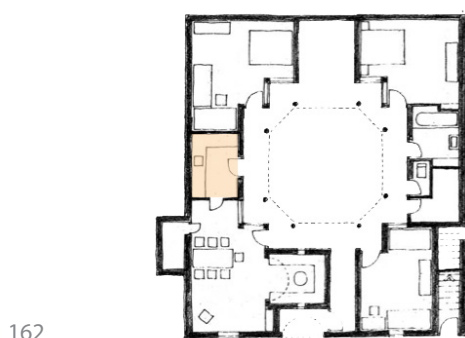
Imagem 158 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, espaço central

Imagem 159 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, espaço central

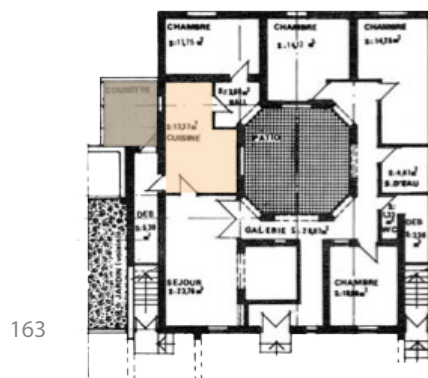
Imagem 160 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço central

Imagem 161 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço central

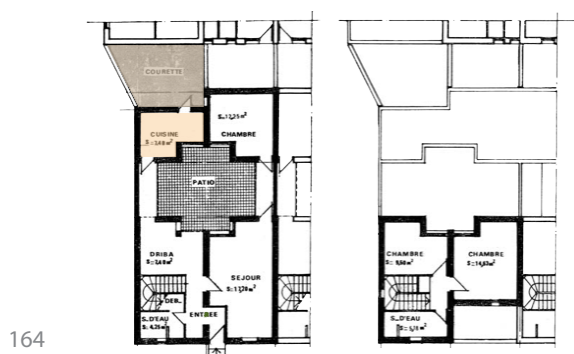
As casas apresentam também uma zona exterior de serviço que permite uso distintos domésticos. Este é um espaço que se encontra, portanto, numa posição adjacente à cozinha. Ver imagem 162, 163, 164, 165 e 166 Por este motivo, encontra-se normalmente numa zona mais resguardada da casa, já que diz respeito à mulher. Alguns destes espaços apresentam uma entrada traseira na casa que diz, também, respeito à mulher, tendo portanto um carácter diferente da entrada principal.



162



163



164



165

Imagem 162 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, cozinha

Imagem 163 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, cozinha e pátio de serviço

Imagem 164 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, cozinha e pátio de serviço

Imagem 165 - Hafsia quarter I. Casa de dois pisos com jardim, cozinha e pátio de serviço

Imagem 166 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, cozinha e pátio de serviço



166

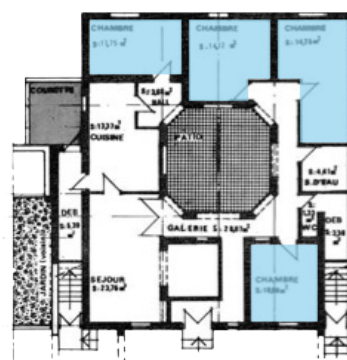
Cozinha  
Pátio de serviço

Os quartos necessitam, igualmente, de proteção sendo, por norma, os espaços mais difíceis de aceder na casa. Os quartos próximos da entrada destinam-se por regra às visitas.

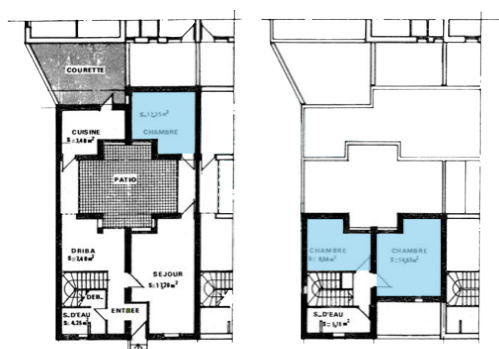
Ver imagem 167, 168, 169, 170 e 171



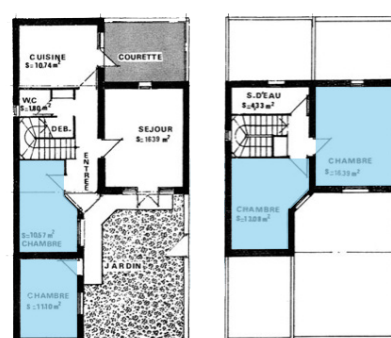
167



168



169



170



171

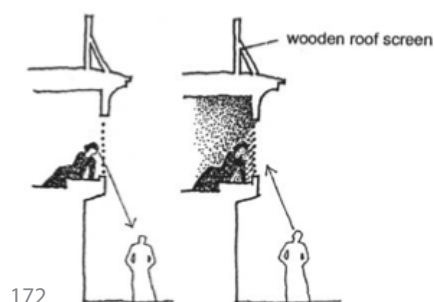
Imagem 167 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, quartos

Imagem 168 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, quartos

Imagem 169 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, quartos

Imagem 170 - Hafsia quarter I. Casa de dois pisos com jardim, quartos

Imagem 171 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, quartos



De modo a garantir toda a proteção necessária, as janelas abertas para a rua, quando existem, também estão sujeitas a normas. As janelas devem, por todas as regras e costumes impostos já anteriormente vistos, impedir a visão para o interior da casa. Estas devem, portanto, dispor-se acima da linha do olhar, ou encontrar-se cobertas. Recorre-se então à mashrabiya, dispositivo anteriormente analisado, utilizado para cobrir aberturas ao mesmo tempo que assegura a privacidade. O nome surge originalmente da palavra árabe 'bebida', referindo-se à zona de beber. Esta é uma zona onde "as senhoras da casa podem instalar-se confortavelmente atrás destes mashrabiya e observar a rua, permanecendo em perfeita reclusão."<sup>121</sup>

O ato de espiar através da janela é condenado pela religião. Assim, se a janela permite, de um piso superior, olhar para outra casa, esta deve ser tapada ou bloqueada. Por sua vez, as janelas, voltadas para a rua, num piso inferior devem encontrar-se acima da linha do olhar, do lado da rua, impedindo olhares por parte de quem passa na rua. Esta altura a que a janela deve obedecer, também deve salvaguardar que alguém que passe a camelo não seja capaz de observar o interior da habitação.

As varandas e terraços, se não se encontrarem devidamente equipadas com proteção, são igualmente considerados elementos de intrusão na casa da vizinhança. "Ninguém tem o direito de criar algo que possa afetar ou ofender o vizinho, mesmo que seja feito na sua própria habitação."<sup>122</sup> Respeitar o vizinho é, para os muçulmanos que presam o valor de comunidade, uma condição vital para atingir a ordem social.

<sup>121</sup> Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 58.

<sup>122</sup> Malik citado por Saleh Al-Hathloul, "Tradition and continuity" em *Legacies for the Future: Contemporary Architecture in Islamic Societies*. (Londres: Thames and Hudson, 1998), 25.



## 6. (Des)continuidades

***“A obra de arte abre e funda o mundo. (...) Permite a constante interpretação ao longo das várias épocas históricas do homem, isto é, permite retomar a e à origem da verdade do ente num projeto que se projeta no futuro da humanidade.”<sup>123</sup>***

O Islão, mais do que uma fé e religião, é também uma cultura. “Em última instância, o Islão é uma forma de encarar e de formar o mundo, um sistema de saber, ser e fazer, um processo de construir uma sociedade cívica e uma civilização. Resumindo: uma visão do mundo.”<sup>124</sup> Tal como um organismo vivo, o mundo islâmico não se apresenta como uma entidade petrificada, monolítica e fechada, mas antes como uma realidade plural e diversa.

Ainda que a pluralidade arquitectónica inerente a 1400 anos de existência impossibilite a catalogação necessariamente redutora da casa islâmica, persegue-se a sua essência na multiplicidade das suas expressões.

Num universo inevitavelmente em mudança, procura-se entender o que de tradicional substitui no contemporâneo e o que, ao contrário, desvaneceu ou sucumbiu com o tempo. “O natural é que o novo projeto se instale harmoniosamente no lugar que já existe. Mas nem sempre acontece assim. É claro que se relaciona com o que já existe, mas também há uma dimensão de transformação que, por vezes, é o oposto. E, como sempre acontece com a arquitetura, há que resolver as contradições.”<sup>125</sup>

<sup>123</sup> Paulo Alexandre e Castro, “A ontopotencialidade da linguagem em Heidegger”, em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004), 411.

<sup>124</sup> Ziauddin Sardar, *Em que acreditam os Muçulmanos?* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), 74.

<sup>125</sup> Siza Vieira, “A matéria luminosa”, *Roof – An IN & OUT Magazine*. Março/Abril de 2016, 50.



Imagem 173 - Salinger Residence. Exterior da habitação

Imagem 174 - Aranya Community Housing. Edifícios de habitação

Imagem 175 - Nail Çakirhan Residence. Vãos, vistos do interior

Considerando que toda a (r)evolução entronca no já existente, encontra-se nas obras analisadas elementos de continuidade e, simultaneamente, de rutura.

No que concerne à sustentabilidade do edifício, as preocupações referentes à implantação do(s) edifício(s) continuam a constituir uma preocupação, como analisado na *B2 House*. É transversal aos projetos apresentados a preocupação com a orientação solar e dos ventos.

Relativamente aos materiais, o desenvolvimento tecnológico levou à diversificação destes recursos. Assim, apesar de na maioria das casas analisadas existir uma preocupação em recorrer a materiais locais, também se utiliza materiais até então não utilizados, como o betão. Esta oferta mais diversificada, juntamente com a inovação tecnológica, permitiu que as paredes se estreitassem e o desenho da casa ganhasse outra plasticidade. Exemplo disso é a *Salinger Residence* que, em contraste à casa tradicional maciça, apresenta uma estrutura vibrante. A habitação distribui-se ao longo de três pisos, sendo que o rés-do-chão apenas apresenta um pequeno núcleo que liga a estes dois espaços. Assim, toda a estrutura da casa encontra-se, como referido anteriormente, apoiada sobre palafitas. Ver imagem 173

Tal como na casa tradicional, a maioria das obras em análise apresentam cores claras no seu revestimento exterior. Apenas a *Salinger Residence*, construída em madeira, e *Aranya Community Housing*, pintada em tons fortes, constituem uma exceção. Ver imagem 173 e 174 Poder-se-á, possivelmente, justificar tal facto pela localização destas obras, sendo as únicas que se encontram num clima tropical, em contraste com as restantes que se inserem num clima desértico ou mediterrânico.

Relativamente aos vãos, estes apresentam significativas mudanças. O tamanho das aberturas denotam uma maior

flexibilidade técnica, anteriormente inviável. Ver imagem 175 e 176 A possibilidade de recurso a novos mecanismos de refrigeração como o ar condicionado, permitem uma maior liberdade de desenho relativamente às condicionantes climatéricas.

Também o posicionamento destes vãos sofreu alterações. É possível constatar um maior número de vãos de maiores dimensões nos alçados exteriores. ver imagem 177 e 178

Note-se, contudo, que este registo é maior nas residências privadas. Isto porque, contrariamente aos complexos habitacionais em que as habitações se encontram próximas, as residências privadas encontram-se maioritariamente em terrenos privados. Além disso, tanto nas residências privadas como nos complexos habitacionais, as casas apresentam algum tipo de proteção, como portadas. ver imagem 179

No entanto, a presença de mashrabiya na amostra para análise, é reduzida, encontrando-se em poucos projetos, como a *Halawa House* e alguns edifícios de *Hafsia Quarter I*.

O desenho das casas apresenta, em termos gerais, linhas claras que demonstra contenção, mantendo um propósito de simplicidade. As habitações apresentam áreas relativamente modestas, sem divisões desnecessárias. Exemplo disso, é a *Gürel Family Summer Residence* que apresenta uma habitação dividida em sete unidades destinada a onze pessoas com apenas 125m<sup>2</sup>. A *Ertegün House* é o único caso excecional, apresentando grandes dimensões. No entanto, note-se que esta habitação de seis quartos é uma reconstrução. Também a antiga habitação não se enquadrava nos parâmetros da casa tradicional, tendo pertencido ao Aga local.

É possível constatar nas casas a procura de introversão. Apesar de, nas residências privadas, apenas uma casa – *Halawa House* – apresentar um pátio central, em todas as outras parece estar garantida uma certa privacidade dada a



Imagem 176 - B2 House. Vão, visto do interior

Imagem 177 - Ertegün House. Vãos, vistos do exterior

Imagem 178 - Nail Çakirhan Residence. Vãos, vistos do exterior



179

sua localização. Também a *Gürel Family Summer Residence* apresenta dois pátios, apesar destes não apresentarem os seus limites tão definidos. O conceito de pátio está, assim, mais presente nos complexos habitacionais. Num contexto de maior exposição, o desenho de um espaço intimista parece surgir como necessidade de proteção. Este espaço encontra-se, quer na habitação em si – no projeto *Courtyard Houses* e em algumas habitações da *Hafsia Quarter I*, *Hafsia Quarter II* e *Aranya Community Housing* –, quer no espaço da comunidade – *Dar Lamane Housing* e *Hafsia Quarter I*.

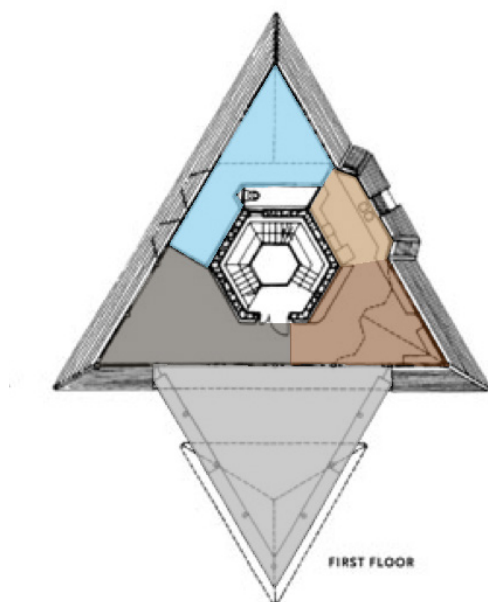
Relativamente à segregação por género, há que notar que esta está, em parte, sujeita à apropriação por parte dos usuários. Ainda assim, a partir dos modelos de análise, parece transversal a todos os projetos a constatação de que esta segregação entre domínio masculino e feminino não é tão nítida quanto na casa tradicional. A casa apresenta uma maior abertura entre os diferentes espaços, sem apresentar, por exemplo, um sistema duplo de circulação. É expressão máxima desta contaminação entre espaços a *Nail Çakirhan Residence*. O desenho desta habitação permite que, ao abrir todas as portas, as diferentes divisões se fundam num único espaço.

Consequentemente, com o esbatimento desta segregação, também a categorização dos espaços privado/semiprivado da casa se desvaneceu. Isto porque, o espaço privado era, naturalmente associado à Mulher e, por sua vez, o espaço semiprivado era de domínio masculino. Neste sentido, parece manter-se uma maior preocupação e necessidade de privacidade relativamente ao exterior, do que propriamente, dentro da própria habitação. No interior da casa, há indícios que permitem supor uma maior liberdade espacial da Mulher dentro da habitação, não se encontrando os espaços tradicionalmente destinados a ela enclausurados. No caso da

Imagem 179 - Dar Lamane Housing. Vãos e portadas

***Salinger Residence***, anteriormente referida na análise da divisão destes domínios uma vez que se encontra mais nítida devido à sua divisão por pisos, note-se que a cozinha se encontra no primeiro piso. Isto significa que, este espaço, tradicionalmente enquadrado no domínio privado da casa, encontra-se nesta habitação no domínio semiprivado. A cozinha, espaço da Mulher, encontra-se nesta casa aberta ao resto da habitação, possibilitando a receção de visitas enquanto se cozinha, o que constitui uma inovação em relação à dinâmica tradicional. A planta aberta une a cozinha, a sala de jantar e a sala de estar, com possibilidade, ainda, de extensão para a varanda. <sup>Ver imagem</sup>

180



180

- Quarto de visitas
- Cozinha
- Sala de jantar
- Sala de estar
- Varanda

Imagem 180 - Salinger Residence. Planta aberta do primeiro piso



Este é, de facto, um espaço que sofreu alterações. Apesar de, nos exemplos apresentados do projeto *Hafsia Quarter I*, este espaço se apresentar, tal como na casa tradicional, numa zona mais recôndita da casa, a sua posição na casa já não é tão rígida. São, também, exemplo disso a *B2 House* e *Courtyard Houses*. Em relação à entrada, o seu desenho apresenta, na maioria dos casos, o cuidado na preservação da privacidade. Neste sentido, apesar de materializados de modo diferente, tanto a *Halawa House* como a *Salinger Residence* resguardam o interior da casa, quer pelo desenho enviesado da entrada, quer pelo posicionamento deste espaço no piso térreo, separado do resto da habitação. Ver imagem 181 e 182

181

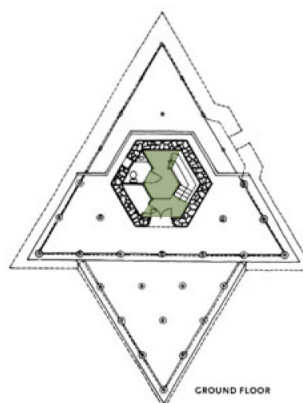
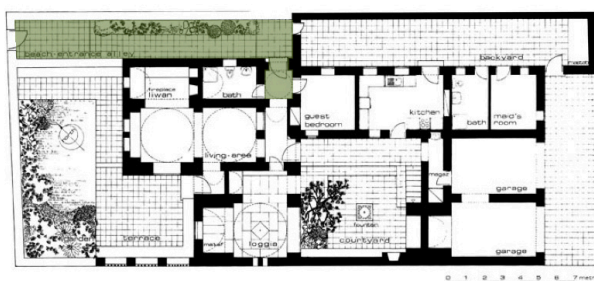


Imagem 181 - Halawa House. Espaço de entrada, piso térreo

Imagem 182 - Salinger Residence. Espaço de entrada, piso térreo

182



Estas casas representam também a preservação do resguardo dos quartos, estando estes por norma, mais afastados da entrada, logo, da rua. Os quartos de visitas, tal como na casa tradicional, apresentam-se próximo do espaço de entrada.

Partindo do pressuposto que habitar não é apenas estar, mas sobretudo atuar, apropriar, a solução de um projeto apresentada em determinada época e lugar não pode ser simplesmente copiada e transportada para condições distintas. Assim, e se, tal como defende Hassan Fathy, uma obra de arquitetura “deve fazer parte da agitação e turbulência, fluxo e refluxo da vida quotidiana; deve relacionar-se harmoniosamente com o ritmo do universo; e deve estar em consonância com o estágio atual de mudança do conhecimento do homem”<sup>126</sup>, esta deve, inevitavelmente, estar sujeita a (des)continuidades.

---

<sup>126</sup> Hassan Fathy, “Contemporaneity in the city” em *Architecture for a Changing World*. (Londres: Academy Editions, 1992), 54.



## Considerações finais

*“O mistério das casas é o mistérios das nossas mentes.”<sup>127</sup>*

Tendo começado a *viagem* com pressupostos que orientaram a pesquisa desenvolvida, a mesma permitiu questionar, em parte, os alicerces que a sustentaram. Como é exemplo, as seguintes inquietações: É possível, atualmente, no universo concentracionário que vivemos, definir arquitetura ocidental e arquitetura muçulmana? Em que medida é que a arquitetura atualmente construída por ou em território ocupado por muçulmanos é, por si só, condição suficiente para ser considerada islâmica? Existirá, ainda hoje, um conjunto de características que identificam a arquitetura feita nos países muçulmanos como sendo islâmica?

O presente trabalho não pretende fornecer respostas conclusivas para as questões enunciadas, muito menos fechar a discussão em torno da temática. O mesmo expressa uma tentativa de análise isenta baseada no estudo da amostra, procurando filtrar diferentes e, por vezes, contraditórias posições valorativas relativamente à (r)evolução da arquitetura doméstica islâmica. Enquanto alguns teóricos defendem a tese de que a arquitetura se encontra estagnada – “A arquitetura islâmica cessou totalmente nos países islâmicos a partir de meados do século XVIII”<sup>128</sup> –, outros defendem que esta apresenta um esforço “de readaptação às novas condições de vida e de pensamento [que] constituem a história do islão moderno e contemporâneo.”<sup>129</sup> Existe ainda quem defenda

<sup>127</sup> John Hejduk citado por Julianne Hanson, *Decoding Homes and Houses* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

<sup>128</sup> Hassan Fathy citado por Waleed Al Sayyed, “Contemporary Arab Architecture: Space, Form and Function”, *Lonaard Magazine*, Janeiro de 2011, volume 2, 59.

<sup>129</sup> Dominique Sourdell, *O Islão* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1949), 112.

que a arquitetura corre o risco de alienação uma vez que tem como referência a civilização ocidental, procurando opor-se ou igualar-se à mesma. O Dubai é enquadrado, por muitos, nesta última categoria. Será este um território que representa uma revolução entroncada na primavera árabe<sup>130</sup>? Ou antes “uma sociedade não-árabe plantada no coração da Arábia?”<sup>131</sup>

Num tempo em que habitamos numa aldeia global<sup>132</sup>, é essencial assumir a ambição plenamente humana de afirmação da identidade e, simultaneamente, de necessidade de partilha e comunicação. Propõe-se, por isso, contribuir para o enriquecimento do olhar, tornando-o mais sensível e interessado.

A arquitetura declara quem somos para que os Outros o saibam e nós mesmos não o esqueçamos. Ela “interessa a toda a população. (...) Não é apenas o modo como se organiza o interior de uma casa, mas também a maneira como se posiciona na cidade, como se relaciona com o que já existe, como o transforma.”<sup>133</sup>

Sendo expressão de quem queremos ser, a arquitetura deverá empenhar-se num projeto de idealização na expectativa de moldar e melhorar a realidade, tornando-a, assim, um lugar humanizante. “A arquitetura é uma componente essencial da

---

<sup>130</sup> Primavera árabe diz respeito a um movimento revolucionário surgido na era digital que reivindicava a renovação política em alguns países muçulmanos.

<sup>131</sup> Hirst citado por Majdi Faleh, “Urban metamorphosis and Islamic Architecture in the time of globalization: Utopian realities and challenges: Utopian realities and challenges”, *A|Z ITU* (Abril 2013): 134.

<sup>132</sup> Aldeia global é um conceito criado pelo filósofo Herbert Marshall McLuhan (1911-1980, Canadá) e expressa a ideia de um mundo em que todos estarão interligados. Este processo de comunicação teve início, em alguns países islâmicos, com a sua colonização.

<sup>133</sup> Siza Vieira, “A matéria luminosa”, *Roof – An IN & OUT Magazine*. Março/Abril de 2016, 50.

transformação da paisagem que as sociedades humanas têm feito sobre o planeta”<sup>134</sup>

Assim, num mundo fragmentado pela surdez resultante do ruído dos monólogos, o arquiteto tem como missão estabelecer o diálogo, usando a arquitetura como linguagem. Este tem o privilégio de “moldar o ambiente, criar espaços, formas, lugares onde as pessoas conseguiam atingir um comportamento evolutivo, pensamentos emancipadores, uma experiência criativa.”<sup>135</sup>

Assumindo que, a tradição *per se* não deve ter autoridade, embora constitua a fonte mais importante do conhecimento e sirva como base para os pensamentos e ações, considera-se a tradição como uma plataforma sobre a qual se pode operar, devendo estar aberta a avaliação e críticas. Como Stanford Anderson escreve, “a tradição que prezamos não é um mero acúmulo de conhecimento, um catálogo indiferenciado de eventos passados, mas sim um órgão vital de ideias, valores, costumes e assim por diante que temos ainda encontrado resistentes à crítica. Neste sentido, a tradição torna-se uma escolha em vez de um destino.”<sup>136</sup> Afinal, “o ‘presente’ é um instante, sempre em mudança.”<sup>137</sup>

---

<sup>134</sup> Carlos Guimarães, “A matriz da escola do Porto”, *Roof – An IN & OUT Magazine*, Março/Abril de 2016, 105.

<sup>135</sup> Mohammed Arkoun, “Architectural alternatives in deteriorating” em *Architecture for a Changing World*. (Londres: Academy Editions, 1992), 42.

<sup>136</sup> Saleh Al-Hathloul, “Tradition and continuity” em *Legacies for the Future: Contemporary Architecture in Islamic Societies*. (Londres: Thames and Hudson, 1998), 23.

<sup>137</sup> Hassan Fathy, “Contemporaneity in the city” em *Architecture for a Changing World*. (Londres: Academy Editions, 1992), 57.





## Referências bibliográficas

### Artigos de jornais

- Carvalho, Ana Margarida de. 2015. Um encontro, Jesus-Maomé. *Visão*. 17 a 23 de Dezembro (nº 1189)
- Carvalho, Miguel. 2016. O dia em que Siza Vieira voltou a rezar o terço. *Visão*. 12 a 18 de Maio (nº 1210)
- Keshavjee, Faranaz. 2015. Carta aberta de uma muçulmana aos portugueses. *Visão*. 12 a 18 de Novembro (nº 1184)
- Keshavjee, Faranaz. 2015. Conflito ou convergência? *Visão*. 17 a 23 de Dezembro (nº 1189)
- Neves, Joaquim Carreira das. 2015. Cristianismo e Islamismo: diferenças e semelhanças. *Visão*. 17 a 23 de Dezembro (nº 1189)
- Guimarães, Carlos. 2016. A matriz da escola do Porto. *Roof – An IN & OUT Magazine*. Março/Abril (nº1)
- Vieira, Siza. 2016. A matéria luminosa. *Roof – An IN & OUT Magazine*. Março/Abril (nº1)

### Artigos de revistas académicas

- Al Sayyed, Waleed. 2011. Contemporary Arab Architecture: Space, Form and Function. *Lonaard Magazine*. volume 2 (Janeiro).
- Al Sayyed, Waleed. 2011. Tradition versus Modernity, from cultural discourse to architectural crisis. *Lonaard Magazine*. volume 1 (Novembro).
- Al Sayyed, Waleed. 2012. The Morphology of the Traditional Arab House. Examining courtyard and non-courtyard prototypes. *Lonaard Magazine*. volume 2 (Julho).
- Dalkılıç, Neslihan. 2012. The architectural analysis of traditional houses of Midyat-Mardin, Turkey. *International Journal of Academic Research*. volume 4 (Março).
- El-Shorbagy, Abdel-moniem. 2010. Traditional Islamic-Arab House: Vocabulary and Syntax. *International Journal of Civil & Environmental Engineering IJCEE-IJENS*. (Agosto).
- Faleh, Majdi. 2013. Urban metamorphosis and Islamic Architecture in the time of globalization: Utopian realities and challenges. *AlZ ITU* (Abril).
- Itewi, Mahmoud. 2012. Environment and Islamic Architecture. Review and analysis. *International Journal of Academic Research*. volume 4 (Novembro).
- Mohamed, Nermine e Ali, Waleed. 2014. Traditional residential

architecture in Cairo from a Green Architecture Perspective. *Arts and Design Studies*. Volume 16 (Janeiro).

- Rabbat, Nasser. 2012. What is Islamic architecture anyway?. *Journal of Art Historiography* (Junho).
- Saoud, Rabah. 2002. Introduction to the Islamic City. *Foundation for Science Technology and Civilisation* (Agosto).

#### **Dicionários/Enciclopédias**

- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume I. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume III. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume VI. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XIV. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XVIII. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume XIX. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada.

#### **Ensaaios/artigos para eventos acadêmicos**

- El-Wakil, Leila. 2014. The shock of the tradition. Trabalho apresentado em Cultural Season Dar Al Athar Al Islamiyya, 20 de Outubro, em Kuwait.
- Farah, Eman Abdelrahman e Klarqvist, Bjorn. 2001. Gender Zones in the Arab Muslim House. Trabalho apresentado em "3<sup>rd</sup> International Space Syntax Symposium", 7 a 11 de Maio, em Atlanta, EUA.
- Ghabin, Ahmad. 2013. Architecture and Building according to the Quran. Trabalho apresentado em "WEI International Academic Conference Proceedings", 14 a 17 de Janeiro, em Antalya, Turquia.

#### **Livros**

- Abdelmonem, Mohamed Gamal. 2015. *The Architecture of Home in Cairo: Socio-Spatial Practice of the Hawari's Everyday Life*. Abingdon: Routledge.
- Baker, Philippa, ed. 2001. *Modernity and Community: Architecture in the Islamic World*. Londres: Thames and Hudson.

- Baker, Philippa, ed. 2004. *Architecture and Polyphony: Building in the Islamic World Today*. Londres: Thames and Hudson.
- Bianca, Stefano. 2000. *In Urban Form in the Arab World: Past and Present*. Zurique: vdf.
- Botton, Alain de. 2006. *A arquitetura da felicidade*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Brian, Edwards, Magda Sibley, Moahmad Hakmi e Peter Land. 2005. *Courtyard Housing – past, present and future*. Abingdon: Taylor & Francis.
- Cantacuzino, Sherban, ed. 1985. *Architecture in Continuity: Building in Islamic World today*. Nova Iorque: Aperture.
- Castells, Manuel. 2003. *O poder da identidade, a era da informação: economia, sociedade e cultura*, v.2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castro, Jorge Morales. 2008. *Religiões do Mundo – Cultos e Crenças*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Castro, Paulo Alexandre e. 2004. A ontopotencialidade da linguagem em Heidegger. Em *Heidegger, Linguagem e Tradução – Colóquio Internacional Março 2002*, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias, 405-416. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Costa, Alexandre Alves e Álvaro Siza Vieira. 2011. 1967 Marrocos. Porto: Circo de ideia.
- Curatola, Giovanni. 2006. *Arte: a Grande História da Arte, Arte Islâmica*. Porto: Público.
- Davidson, Cynthia, ed. 1998. *Legacies for the Future: Contemporary Architecture in Islamic Societies*. Londres: Thames and Hudson.
- Davidson, Cynthia e Ismail Serageldin, ed. 1995. *Architecture beyond Architecture: Creativity and social transformations in Islamic Cultures*. Londres: Academy Editions.
- Delcambre, Anne-Maria. 1987. *Maomé, a palavra de Alá*. Lisboa: Civilização/Círculo de Leitores.
- Duarte, Irene Borges, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias. 2004. *Heidegger, Linguagem e Tradução – Colóquio Internacional Março 2002*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Fathy, Hassan. 1970. *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egito rural*. Lisboa: Argumentum e Dinalivro.
- Fentress, Elizabeth. 1987. *The House of the Prophet: North African*

*Islamic housing*. Florença: All'insegna del giglio.

- Gonçalves, José Júlio. 1962. *O mundo Árabo-Islâmico e o Ultramar Português*. Lisboa: J.I.V./C.E.P.S.
- Grabar, Oleg. 1987. *The formation of Islamic Art*. New haven: Yale University Press.
- Hanson, Julianne. 1998. *Decoding Homes and Houses*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hattstein, Markus e Peter Delius. 2004. *Islam: Arte y Arquitectura*. Berlim: Konemann.
- Heidegger, Martin. 2010. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Holod, Renata e Darl Rastorfer, ed. 1983. *Architecture and Community: Building in the Islamic World Today*. Nova Iorque: Aperture.
- Islam International Publications. 1988. *Versículos seleccionados do Alcorão Sagrado*. Surrey: Islam International Publications Limited.
- Jayyusi, Salma, Renata Holod, Attilio Petruccioli e André Raymond. 2008. *The City in the Islamic World – vol 2*. Leiden: Brill.
- Johnston, Pamela, ed. 2007. *Intervention Architecture: Building for Change*. Londres: I.B. Tauris.
- Khân, Gabriel Mandel. 1978. *Como reconhecer a arte islâmica*. Lisboa: Edições 70.
- Khân, Gabriel Mandel. 2006. *Dicionários das Religiões, Islão I*. Milão: Electa.
- Khân, Gabriel Mandel. 2006. *Dicionários das Religiões, Islão II*. Milão: Electa.
- Lovatt-Smith, Lisa. 1998. *Moroccan Interiors*. Koln: Taschen.
- Malinowski, Bronislaw. 1997. *Um teoria científica da cultura*. Lisboa: Edições 70.
- Mamede, Suleiman Valy. 1994. *O Islão e o direito muçulmano*. Lisboa: Edições Castilho.
- Mori, Alejandro Aravena. 2002. *El lugar de la arquitectura*. Santiago do Chile: ARQ.
- Olgyay, Victor. 1998. *Arquitectura y Clima – Manual de diseño bioclimático para arquitectos y urbanistas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Oliveira, Rui e Paulo Mendes Pinto. 2006. *Religiões: História, Textos,*

*Tradições*. Lisboa: Paulinas.

- Pacheco, Adelaide. 2004. Língua e História em Heidegger e Pascoaes. Em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias, 379-387. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Petruccioli, Attilio. 2007. *After Amnésia: Learning from the Islamic Mediterranean Urban Fabric*. Bari: ICAR.
- Ragette, Friedrich. 2003. *Traditional Domestic Architecture of the Arab Region*. Sharjah: American University of Sharjah.
- Rodrigues, Sérgio Fazenda. 2009. *A casa dos sentidos*. Lisboa: Arqcoop.
- Santelli, Serge. 1992. *Medinas: Traditional Architecture of Tunisia*. Tunis: Dar Ashraf Editions.
- Sardar, Ziauddin. 2010. *Em que acreditam os Muçulmanos?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Savater, Fernando. 1999. *As perguntas da vida*. Alfragide: Dom Quixote.
- Serageldin, Ismail. 2007. *Hassan Fathy*. Alexandria: Bibliotheca Alexandrina.
- Serageldin, Ismail, ed. 1989. *Space for Freedom: the search for Architectural excellence in Muslim Societies*. Londres: Butterworth Architecture.
- Serjeant, R. B.. 1976. *La ciudad islámica*. Barcelona: Serbal.
- Silva, Rui Sampaio da. 2004. A linguagem em *Ser e Tempo*: uma perspectiva crítica. Em *Heidegger, Linguagem e Tradução* – Colóquio Internacional Março 2002, organização Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques e Isabel Matos Dias, 379-387. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Silveira, Ângelo Costa. 1999. *A casa-pátio de Goa*. Porto: FAUP Publicações.
- Sourdél, Dominique. 1949. *O Islão*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Steele, James, ed. 1992. *Architecture for a Changing World*. Londres: Academy Editions.
- Steele, James, ed. 1994. *Architecture for Islamic Societies today*. Londres: Academy Editions.
- Stierlin, Henri. 1997. *Islão, de Bagdade a Córdoba: a arquitetura*

*primitiva do século VIII ao século XIII*. Koln: Taschen.

- Vieira, Siza. 1997. *Desenhos de viagem Em Esquissos do Douro*, 13. Porto: ICEP.

#### **Publicações online**

- Aga Khan Development Network. <http://www.akdn.org/> (consultado a 1 de Abril de 2016)
- Aga Khan Award for Architecture. <http://www.akdn.org/architecture> (consultado a 1 de Abril de 2016)
- Aranya Community Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242\\_Ind.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242_Ind.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Áreas desérticas pelo mundo. <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Aavikko.png> (consultado a 10 março 2016).
- B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Guía para citar de acuerdo al Manual de estilo de Chicago [http://www.intec.edu.do/downloads/pdf/biblioteca/011-biblioteca\\_normas\\_chicago.pdf](http://www.intec.edu.do/downloads/pdf/biblioteca/011-biblioteca_normas_chicago.pdf) (consultado 11 de Novembro de 2015)
- Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).



- Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture.  
[http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture.  
[http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture.  
[http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- Mapa do Egito.  
<http://www.mapsofworld.com/egypt/> (consultado a 3 de Maio de 2016)
- Mapa da Índia.  
<http://www.mapsofworld.com/india/> (consultado a 3 de Maio de 2016)
- Mapa da Malásia.  
<http://www.mapsofworld.com/malaysia/> (consultado a 3 de Maio de 2016)
- Mapa de Marrocos.  
<http://www.mapsofworld.com/morocco/> (consultado a 3 de Maio de 2016)
- Mapa da Tunísia.  
<http://www.mapsofworld.com/tunisia/> (consultado a 3 de Maio de 2016)
- Mapa da Turquia.  
<http://www.mapsofworld.com/turkey/> (consultado a 3 de Maio de 2016)
- Mapa Mundo.  
<http://www.mapsofworld.com/> (consultado a 3 de Maio de 2016)
- Mundo islâmico, por percentagem da população (Pew Research Center, 2014).  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Isl%C3%A3o#/media/File:Islam\\_percent\\_population\\_in\\_each\\_nation\\_World\\_Map\\_Muslim\\_data\\_by\\_Pew\\_Research.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Isl%C3%A3o#/media/File:Islam_percent_population_in_each_nation_World_Map_Muslim_data_by_Pew_Research.svg) (consultado a 12 de dezembro de 2015)
- Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture.

[http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

- Público online, Ismailitas, a elite muçulmana da diplomacia e dos negócios que terá sede mundial em Lisboa, 10/04/16, Joana Ferreira da Costa  
<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/ismailitas-a-elite-muculmana-da-diplomacia-e-dos-negocios-1728365> (consultado a 10 de Abril de 2016)
- Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture.  
[http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).
- The Global Religious Landscape: a Report on the Size and Distribution of the World's Major Religious Groups as of 2010. Pew Research Center's, Forum on Religion & Public Life. Global Religious Landscape.  
<http://www.pewforum.org/files/2014/01/global-religion-full.pdf> (consultado a 10 março de 2016).
- Speech by His Highness the Aga Khan at the Ceremony to Inaugurate the Restored Humayun's Tomb Gardens, New Delhi, India, 15 April 2003. AKDN.  
<http://www.akdn.org/Content/590/Ceremony-to-Inaugurate-the-Restored-Humayuns-Tomb-Gardens> (consultado a 25 de março de 2016)

### **Teses**

- Al-Hathloul, Saleh A. 1981. Tradition, continuity and change in physical environment: the arab-muslim city. PhD in Architecture, Art and Environmental Studies, MIT.
- Brunzell, Tove e Duric, Sanna. 2012. Moroccan Architecture, traditional and modern. A field study in Casablanca, Morocco. Bachelor thesis, LTH School of Engineering, Helsingborg.
- El-shorbagy, Abdel-moniem. 2001. The Architecture of Hassan Fathy: between western and non-western perspectives. PhD in Art History, University of Canterbury.
- Ramalheira, Raquel. 2004. O pátio da casa pátio: Modelos e casos – Marrocos e Portugal, permanências históricas e variantes adaptativas. Prova final para licenciatura em Arquitetura, FAUP.
- Reis, Marta. 2013. A casa, pequeno laboratório da identidade. Dissertação de mestrado integrado, FAUP.

## Créditos iconográficos

Imagem 1 - **Imagem do Aga Khan Award for Architecture. O desenho do logótipo baseia-se no nome de Alá escrito em escrita kufi ou cúfica, dominante no início do Islamismo**

Fonte: <http://www.akdn.org/architecture> (consultado a 1 de Abril de 2016)

Imagem 2 - **Localização das residências privadas**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

Imagem 3 - **Halawa House. Exterior**

Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 4 - **Halawa House. Pátio**

Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 5 - **Halawa House. Zona de estar exterior**

Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 6 - **Halawa House. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/egypt/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

Imagem 7 - **Halawa House. Exterior**

Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 8 - **Halawa House. Planta do piso térreo**

Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 9 - **Halawa House. Planta do primeiro piso**

Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 10 - **Halawa House. Corte-alçado**

Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 11 - Ertegün House. Sala**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 12 - Ertegün House. Sala**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 13 - Ertegün House. Entrada**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 14 - Ertegün House. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/turkey/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 15 - Ertegün House. Exterior**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 16 - Ertegün House. Planta piso térreo e planta primeiro piso**

Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 17 - Ertegün House. Alçado**

Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 18 - Nail Çakirhan Residence. Alpendre**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 19 - Nail Çakirhan Residence. Sala**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 20 - Nail Çakirhan Residence. Armário**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 21 - Nail Çakirhan Residence. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/turkey/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 22 - Nail Çakirhan Residence. Exterior**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 23 - Nail Çakirhan Residence. Planta**

Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 24 - Nail Çakirhan Residence. Planta de implantação. Casa e casa do caseiro**

Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 25 - Gürel Family Summer Residence. Corredor de acesso**

Fotografia. Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 26 - Gürel Family Summer Residence. Varanda**

Fotografia. Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 27 - Gürel Family Summer Residence. Pátio**

Fotografia. Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 28 - Gürel Family Summer Residence. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/turkey/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 29 - Gürel Family Summer Residence. Exterior**

Fotografia. Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 30 - Gürel Family Summer Residence. Planta**

Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 31 - Gürel Family Summer Residence. Corte-alçado**

Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 32 - Salinger Residence. Varanda**

Fotografia. Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 33 - Salinger Residence. Interior**

Fotografia. Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 34 - Salinger Residence. Interior**

Fotografia. Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 35 - Salinger Residence. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/malaysia/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 36 - Salinger Residence. Exterior**

Fotografia. Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 37 - Salinger Residence. Planta do piso térreo, primeiro piso e segundo piso (da esq. para a dir.)**

Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).



**Imagem 38 - Salinger Residence. Alçado**

Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 39 - Salinger Residence. Alçado**

Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 40 - B2 House. Exterior**

Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 41 - B2 House. Escadas**

Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 42 - B2 House. Quarto**

Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 43 - B2 House. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/turkey/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 44 - B2 House. Alçado**

Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 45 - B2 House. Planta piso térro**

Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 46 - B2 House. Planta primeiro piso**

Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 47 - B2 House. Alçado**

Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. <http://www.akdn.org/architecture/>

pdf/2763\_Tur.pdf (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 48 - **Localização dos complexos habitacionais**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

Imagem 49 - **Courtyard Houses. Vista aérea**

Fotografia. Fonte: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 50 - **Courtyard Houses. Alçado**

Fotografia. Fonte: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 51 - **Courtyard Houses. Exterior**

Fotografia. Fonte: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 52 - **Courtyard Houses. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/morocco/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

Imagem 53 - **Courtyard Houses. Habitação**

Fotografia. Fonte: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 54 - **Courtyard Houses. Planta de parte do complexo. Volumes e espaços exteriores**

Fonte: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 55 - **Courtyard Houses. Alçados**

Fonte: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 56 - **Courtyard Houses. Planta do conjunto habitacional**

Fonte: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 57 - **Hafsia Quarter I. Zona comercial**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award

Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 58 - Hafsia Quarter I. Via e edifícios**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 59 - Hafsia Quarter I. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/tunisia/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 60 - Hafsia Quarter I. Vista aérea**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 61 - Hafsia Quarter I. Zona de intervenção**

Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 62 - Hafsia Quarter I. Planta do terreno antes da intervenção e após demolições**

Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 63 - Dar Lamane Housing. Zona de circulação**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 64 - Dar Lamane Housing. Campo desportivo**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 65 - Dar Lamane Housing. Edifício**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 66 - Dar Lamane Housing. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/morocco/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 67 - Dar Lamane Housing. Comunidade**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 68 - Dar Lamane Housing. Alçado**

Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 69 - Dar Lamane Housing. Planta**

Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 70 - Hafsia Quarter II. Via e edifícios**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 71 - Hafsia Quarter II. Edifício**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 72 - Hafsia Quarter II. Via e edifícios**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 73 - Hafsia Quarter II. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/tunisia/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 74 - Hafsia Quarter II. Vista aérea**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 75 - Hafsia Quarter II. Alçado**

Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 76 - Hafsia Quarter II. Duas fases de intervenção no bairro Hafsia**

Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 77 - Aranya Community Housing. Vista aérea**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 78 - Aranya Community Housing. Zona de recreio**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 79 - Aranya Community Housing. Edifícios**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 80 - Aranya Community Housing. Via e edifícios**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 81 - Aranya Community Housing. Localização**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: <http://www.mapsofworld.com/india/> (consultado a 3 de Maio de 2016)

**Imagem 82 - Aranya Community Housing. Via e edifícios**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 83 - Aranya Community Housing. Planta**

Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 84 - Aranya Community Housing. Variedade de alçados**

Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

org/architecture/pdf/0696\_Mor.pdf (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 85 - **Aranya Community Housing. Diferentes habitações possíveis**

Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 86 - **Percentagem mundial, relativamente à religião**

Fonte: Pew Research Center's, Forum on Religion & Public Life. Global Religious Landscape. The Global Religious Landscape: a Report on the Size and Distribution of the World's Major Religious Groups as of 2010, <http://www.pewforum.org/files/2014/01/global-religion-full.pdf> (consultado a 10 março de 2016).

Imagem 87 - **Religião dominante, por país**

Fonte: Pew Research Center's, Forum on Religion & Public Life. Global Religious Landscape. The Global Religious Landscape: a Report on the Size and Distribution of the World's Major Religious Groups as of 2010, <http://www.pewforum.org/files/2014/01/global-religion-full.pdf> (consultado a 10 março de 2016).

Imagem 88 - **Grande mesquita Sheikh Zayed. Exterior do edifício, vista do pátio**

Fotografia da autora, Abu Dhabi, 2009

Imagem 89 - **Grande mesquita Sheikh Zayed. Interior de uma cúpula, decorada com motivos vegetais e elementos escritos em árabe**

Fotografia da autora, Abu Dhabi, 2009

Imagem 90 - **Grande mesquita Sheikh Zayed. Exterior do edifício, repetição de arcos**

Fotografia da autora, Abu Dhabi, 2009

Imagem 91 - **População muçulmana por país**

Desenho da autora. Informação obtida em Mundo islâmico, por percentagem da população (Pew Research Center), [https://pt.wikipedia.org/wiki/Isl%C3%A3o#/media/File:Islam\\_percent\\_population\\_in\\_each\\_nation\\_World\\_Map\\_Muslim\\_data\\_by\\_Pew\\_Research.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Isl%C3%A3o#/media/File:Islam_percent_population_in_each_nation_World_Map_Muslim_data_by_Pew_Research.svg) (consultado a 12 de dezembro de 2015)

Imagem 92 - **Área desértica mundial**

Desenho da autora. Informação obtida em Áreas desérticas pelo mundo, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Deserto#/media/File:Aavikko.png> (consultado a 10 de Março de 2016)

Imagem 93 - **Sobreposição entre área desértica e países com população**

**muçulmana esmagadora (90-100%)**

Desenho da autora. Informação obtida em Mundo islâmico, por percentagem da população (Pew Research Center), [https://pt.wikipedia.org/wiki/Isl%C3%A3o#/media/File:Islam\\_percent\\_population\\_in\\_each\\_nation\\_World\\_Map\\_Muslim\\_data\\_by\\_Pew\\_Research.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Isl%C3%A3o#/media/File:Islam_percent_population_in_each_nation_World_Map_Muslim_data_by_Pew_Research.svg) (consultado a 12 de dezembro de 2015) e Áreas desérticas pelo mundo, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Deserto#/media/File:Aavikko.png> (consultado a 10 de Março de 2016)

**Imagem 94 - Hafsia quarter I. Vista da medina**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 95 - Hafsia quarter I. Vias sinuosas**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 96 - Hafsia Quarter I. Edifício ponte**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 97 - Dar Lamane Housing. Galeria**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 98 - Sombreamento de rua**

Fonte: Friedrich Ragette, Traditional Domestic Architecture of the Arab Region (Sharjah: American Univesity of Sharjah, 2003), 53.

**Imagem 99 - Canto de rua**

Fonte: Friedrich Ragette, Traditional Domestic Architecture of the Arab Region (Sharjah: American Univesity of Sharjah, 2003), 53.

**Imagem 100 - Dar Lamane Housing. Efeito no exterior do edifício**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 101 - Hafsia quarter II. Efeito no exterior de edifício**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).



**Imagem 102 - Dar Lamane Housing. Minarete**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 103 - Dar Lamane Housing. Fonte**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 104 - Hafsia quarter I. Soco**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 105 - Dar Lamane. Setor religioso, comercial e residencial**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 106 - Dar Lamane Housing. Vista aérea da comunidade**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 107 - Dar Lamane Housing. Via pedonal de aglomerado habitacional**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 108 - Dar Lamane Housing. Via entre aglomerados habitacionais**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 109 - Gürel Family Summer Residence. Aplicação de cor forte sobre vãos**

Fotografia. Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture,

[http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 110 - Dar Lamane Housing. Aplicação de cor forte sobre vãos**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 111 - Hafsia quarter II. Elementos de sombreamento**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 112 - Dar Lamane Housing. Elementos de sombreamento**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 113 - Projeção solar ao meio-dia no solstício de verão**

Fonte: Friedrich Ragette, Traditional Domestic Architecture of the Arab Region (Sharjah: American Univesity of Sharjah, 2003), 86.

**Imagem 114 - Projeção solar ao meio-dia no solstício de inverno**

Fonte: Friedrich Ragette, Traditional Domestic Architecture of the Arab Region (Sharjah: American Univesity of Sharjah, 2003), 86.

**Imagem 115 - Salinger Residence. Esquema de ventilação**

Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 116 - Ertegün House. Extensão do espaço interior para o exterior**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 117 - Ertegün House. Extensão do espaço interior para o exterior**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 118 - Halawa House. Espaços exteriores, planta do piso térreo**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf)

(consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 119 - **Halawa House. Espaços exteriores, planta do primeiro piso**  
Desenho da autora. Fonte da imagem base: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 120 - **Halawa House. Espaços exteriores, corte-alçado**  
Desenho da autora. Fonte da imagem base: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 121 - **Halawa House. Pátio com fonte e lógia**  
Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 122 - **Hafsia quarter I. Vão em balanço**  
Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 123 - **Halawa House. Mashrabiya**  
Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 124 - **Malqaf, corte**  
Fonte: Hassan Fathy, *Arquitetura para os Pobres, uma experiência no Egipto rural* (Lisboa: Argumentum e Dinalivro, 1970), 57.

Imagem 125 - **Halawa House. Malqaf**  
Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 126 - **B2 House. Esteiras de palha**  
Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 127 - **B2 House. Alçado sul**  
Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 128 - B2 House. Alçado norte**

Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 129 - Ertegün House. Zona de estar decorada com tapetes**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 130 - Nail Çakirhan Residence. Zona de estar decorada com tapetes**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 131 - Nail Çakirhan Residence. Zona de estar decorada com tapetes**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 132 - B2 House. Sala de estar e parede utilitária com kitchenette**

Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 133 - B2 House. Parede utilitária, planta do piso térreo (esq.) e primeiro piso (dir.)**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 134 - Nail Çakirhan Residence. Proprietários e amigos na sala polivalente**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 135 - Nail Çakirhan Residence. Sala polivalente e vista para quarto de banho, lareira e armário**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences

Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 136 - Nail Çakirhan Residence. Espaços polivalentes**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 137 - Halawa House. Zona de estar interior**

Fotografia. Fonte: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 138 - Gürel Family Summer Residence. Zona de estar e refeições**

Fotografia. Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 139 - Hafsia quarter I. Quarto**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 140 - Aranya Community Housing. Arrumos em espaço interior**

Fotografia. Fonte: Aranya Community Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242\\_Ind.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242_Ind.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 141 - Ertegün House. Terraço**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 142 - Hafsia quarter II. Divisão de fogos – habitações de dois pisos e habitação de um andar no piso térreo e no primeiro piso**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter II Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 143 - Hafsia quarter II. Pátios no piso térreo e terraços no primeiro piso**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter II Project Brief,

Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1296_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 144 - **Tenda beduína**

Fonte: Juelienne Hanson, *Decoding Homes and Houses* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998), 9.

Imagem 145 - **Courtyard Houses. Divisão de ocupação de espaços**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Courtyard Houses Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0155_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 146 - **Hafsia quarter I. Divisão entre zona privada, habitação, e zona pública, comércio**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 147 - **Aranya Community Housing. Hierarquia de vias**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Aranya Community Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242\\_Ind.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242_Ind.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 148 - **Aranya Community Housing. Cul-de-sacs**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Aranya Community Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242\\_Ind.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242_Ind.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 149 - **Gürel Family Summer Residence. Muro exterior**

Fotografia. Fonte: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 150 - **Gürel Family Summer Residence. Unidades de dormir, estar e serviço e espaços exteriores**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 151 - **Gürel Family Summer Residence. Cinco grupos de**

#### **utilização da habitação**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Gürel Family Summer Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0905_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

#### **Imagem 152 - Salinger Residence. Divisão entre zona semiprivada e zona privada**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

#### **Imagem 153 - Hafsia Quarter. Habitações**

Fotografia. Fonte: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

#### **Imagem 154 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, espaço(s) de entrada**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

#### **Imagem 155 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço(s) de entrada**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

#### **Imagem 156 - Hafsia quarter I. Casa de dois pisos com jardim, espaço(s) de entrada**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

#### **Imagem 157 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço(s) de entrada**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).



**Imagem 158 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, espaço central**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 159 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, espaço central**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 160 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço central**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 161 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, espaço central**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 162 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, cozinha**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 163 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, cozinha e pátio de serviço**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 164 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, cozinha e pátio de serviço**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 165 - Hafsia quarter I. Casa de dois pisos com jardim, cozinha e pátio de serviço**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 166 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, cozinha e pátio de serviço**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 167 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, quartos**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 168 - Hafsia quarter I. Casa pátio de um piso, quartos**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 169 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, quartos**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 170 - Hafsia quarter I. Casa de dois pisos com jardim, quartos**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 171 - Hafsia quarter I. Casa pátio de dois pisos, quartos**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Hafsia Quarter I Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019\\_Tun.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0019_Tun.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 172 - Mashrabiya e privacidade**

Fonte: Friedrich Ragette, Traditional Domestic Architecture of the Arab Region (Sharjah: American Univesity of Sharjah, 2003), 53.

**Imagem 173 - Salinger Residence. Exterior da habitação**

Fotografia. Fonte: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 174 - Aranya Community Housing. Edifícios de habitação**

Fotografia. Fonte: Aranya Community Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242\\_Ind.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1242_Ind.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 175 - Nail Çakirhan Residence. Vãos, vistos do interior**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 176 - B2 House. Vão, visto do interior**

Fotografia. Fonte: B2 House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/2763_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 177 - Ertegün House. Vãos, vistos do exterior**

Fotografia. Fonte: Ertegün House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture. [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0051_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 178 - Nail Çakirhan Residence. Vãos, vistos do exterior**

Fotografia. Fonte: Nail Çakirhan Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213\\_Tur.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0213_Tur.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 179 - Dar Lamane Housing. Vãos e portadas**

Fotografia. Fonte: Dar Lamane Housing Project Brief, Housing Complexes Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696\\_Mor.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0696_Mor.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 180 - Salinger Residence. Planta aberta do primeiro piso**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

**Imagem 181 - Halawa House. Espaço de entrada, piso térreo**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Halawa House Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award

for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060\\_Egy.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/0060_Egy.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

Imagem 182 - **Salinger Residence. Espaço de entrada, piso térreo**

Desenho da autora. Fonte da imagem base: Salinger Residence Project Brief, Private Residences Award Recipients Projects. The Aga Khan Award for Architecture, [http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671\\_Mal.pdf](http://www.akdn.org/architecture/pdf/1671_Mal.pdf) (consultado a 12 de Novembro de 2015).

*“O que a memória retém, gravado no meu espírito desde aqueles dias doirados, é a experiência da amizade, a aproximação a essa ideia latente e mítica de Felicidade, alimento do resto dos nossos dias... uma quase obsessiva procura de explicações sobre o verdadeiro sentido dos homens, mulheres, dos meninos... das arquiteturas. (...)*

*agarrados como estávamos à leitura que nos revelasse os estratos de tantas sobreposições culturais, mortas e sobreviventes. Recordo a ausência de ansiedade. ...olhar doce, olhar e voz de uma cultura antiquíssima de sábios e poetas”<sup>138</sup>*

---

<sup>138</sup> Alexandre Alves Costa e Álvaro Siza Vieira, *Marrocos* (Porto: Circo de ideia, 1967), 14-32.